

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação



Dissertação

**O “ARTESANATO DE SI” DE MULHERES ASSENTADAS DO MST:
UM PROCESSO POLÍTICO PEDAGÓGICO FEMINISTA PELO VIÉS DA
EDUCAÇÃO POPULAR**

Eliane Godinho

Pelotas, 2017

Eliane Godinho

**O “ARTESANATO DE SI” DE MULHERES ASSENTADAS DO MST:
UM PROCESSO POLÍTICO PEDAGÓGICO FEMINISTA PELO VIÉS DA
EDUCAÇÃO POPULAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, inserido na Linha de Pesquisa “Cultura Escrita, Linguagem e Aprendizagens” e no Grupo de Pesquisa *D’GENERUS: Núcleo de Estudos Feministas e de Gênero*, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Márcia Alves da Silva

Pelotas, 2017

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

G585a Godinho, Eliane

O “artesanato de si” de mulheres assentadas do MST :
um processo político pedagógico feminista pelo viés da
educação popular / Eliane Godinho ; Márcia Alves da Silva,
orientadora. — Pelotas, 2017.

165 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação
em Educação, Faculdade de Educação, Universidade
Federal de Pelotas, 2017.

1. Artesanato. 2. Pedagogia feminista. 3. Educação
popular. 4. Mulheres do campo. I. Silva, Márcia Alves da,
orient. II. Título.

CDD : 370

Eliane Godinho

O “ARTESANATO DE SI” DE MULHERES ASSENTADAS DO MST: UM
PROCESSO POLÍTICO PEDAGÓGICO FEMINISTA PELO VIÉS DA
EDUCAÇÃO POPULAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, inserido na Linha de Pesquisa “Cultura Escrita, Linguagem e Aprendizagens” e no Grupo de Pesquisa *D’GENERUS: Núcleo de Estudos Feministas e de Gênero*, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Data da defesa: 11/04/2017

Banca Examinadora:

.....
Prof.^a Dr.^a Márcia Alves da Silva – UFPel (Orientadora)
Doutorado em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos

.....
Prof.^a Dr.^a Edla Eggert – PUC/RS
Doutorado em Teologia pela Escola Superior de Teologia

.....
Prof. Dr. Gomercindo Ghiggi – UFPel
Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

.....
Prof.^a Dr.^a Denise Marcos Bussoletti – UFPel
Doutorado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

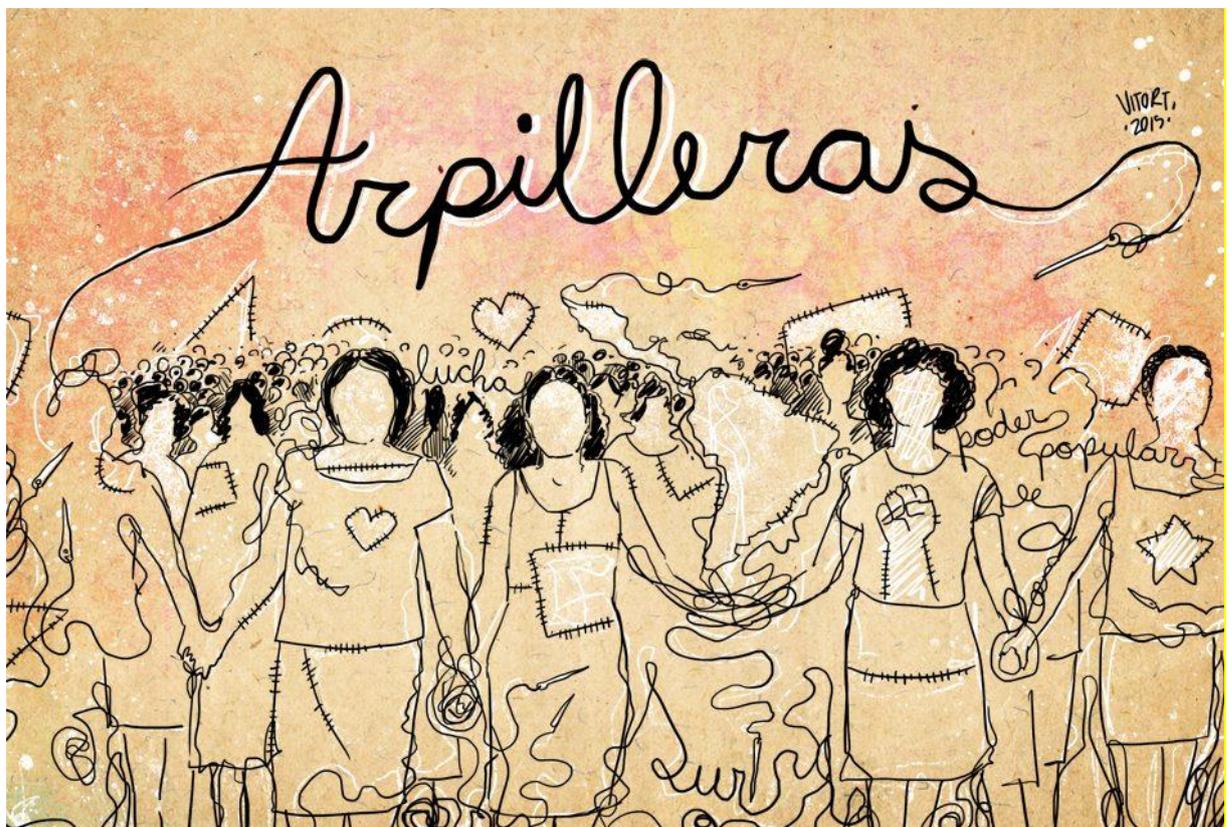


Figura 1 - Arpilleras
Fonte: Memorial (2015)

Terra Brasilis, continente,
Pátria mãe da minha gente
Hoje eu quero perguntar
Se tão grandes são teus braços, por que
negas um
espaço aos que querem ter um lar?
Eu não consigo entender
Que nesta imensa nação
Ainda é matar ou morrer
Por um pedaço de chão
Lavradores nas estradas
Vendo a terra abandonada
sem ninguém para plantar
Entre cercas e alambrados, vão milhões de
condenados
a morrer ou mendigar

Eu não consigo entender
Achar a clara razão
de quem só vive pra ter
E ainda se diz bom cristão

No eldorado do Pará
Nome índio carajás
o massacre aconteceu
Nesta terra de chacinas
essas balas assassinas
todos sabem de onde vêm
É preciso que a justiça e a igualdade
sejam mais que palavras de ocasião
É preciso um novo tempo em que não seja só
promessa
repartir até o pão
A hora é essa de fazer a divisão

Eu não consigo entender
Que em vez de herdar um quinhão
teu povo mereça ter
só sete palmos de chão

Nova leva de imigrantes
Procissão dos retirantes
Só a terra em cada olhar
Brasileiros, vão com nós
Vão gritando, mas sem voz
Norte a sul
não tem lugar

Eu não consigo entender que nessa imensa
nação
ainda é matar ou morrer
por um pedaço de chão

Pátria amada, ó Brasil
De quem és, ó mãe gentil
eu insisto em perguntar

Dos famintos, das favelas
ou dos que desviam verbas
pra champagne e caviar

Eu não consigo entender
Achar a clara razão
de quem só vive pra ter
E ainda se diz bom cristão

Procissão dos retirantes
[Pedro Munhóz / Marti, César]

**Dedico a todas as mulheres que de uma forma ou de outra
inspiram outras vidas, mulheres, lutas, resistências...
bordam e alinham outras histórias.**

Agradecimentos

Toda minha gratidão às mulheres do Assentamento Santa Inácia, que me acolheram e sempre me receberam com todo carinho. Pela disposição em ouvir, discutir, articular e partilhar comigo suas histórias de vida e de luta; ensinando-me o real sentido e significado das palavras Práxis, Feminismo e Sororidade.

Agradeço a minha querida professora, orientadora e parceira: Márcia Alves da Silva; pois com ela pude compartilhar aprendizados que estão para além das burocracias envolvidas na pesquisa científica. E também, o seu olhar atento me incentivou a articular escritos, vida e militância com rigor acadêmico e ousadia, com comprometimento e empatia. Agradeço a sua generosidade com muito afeto.

Ao professor Gomercindo Ghiggi, a quem sou eternamente grata pela confiança e incentivo desde os primeiros passos na trajetória acadêmica, gratidão pela generosidade e a parceria desde os tempos de graduação. Agradeço as lições sobre diálogo, comprometimento e existência com afeto.

À professora Edla Eggert pela dedicação, empenho e delicadeza ao apontar os pontos difíceis da pesquisa e me ajudar a corrigi-los. Além disso, as suas considerações apaixonadas fizeram com que eu buscasse ser cada vez mais criteriosa durante a construção do trabalho; muita gratidão pelas suas contribuições.

À professora Denise Bussoletti pelas considerações a respeito da pesquisa e por toda a sua amorosidade e comprometimento com outro mundo possível.

À Universidade Federal de Pelotas, instituição que possibilitou o meu ingresso no Mestrado e o intercâmbio entre pesquisa, ensino e extensão.

As professoras e professores, servidoras e servidores da Universidade Federal de Pelotas, em especial aos que trabalham na Faculdade de Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação, pelas partilhas, dedicação e atenção em todos os momentos.

Agradeço à sociedade, especialmente às pessoas que incentivam e financiam nossos estudos e pesquisas, proporcionando-nos chegar até estas mulheres e projetarmos juntas outras histórias; porém, infelizmente elas não chegam até aqui. A essas pessoas meu compromisso e gratidão. E ainda, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Aos colegas e amigos do Grupo de Pesquisa Filosofia, Educação e Práxis Social – FEPráxis, do Núcleo de Estudos Paulo Freire, bem como os do Núcleo de

Estudos Feministas e de Gênero, pelos incentivos, discussões, reflexões e toda a boniteza de crescermos juntos e tentarmos fazer do mundo um lugar mais humano.

À minha família, à avó Joaquina (*in memoriam*), à minha mãe Maria Luiza, as minhas irmãs Elisete e Aline e ao meu pai Pedro, por compreenderem as minhas ausências, lutas e esperanças. Enfim, “aos de sangue e aos de fé”, que me acompanham cotidianamente no enfrentamento das dificuldades e também na celebração das conquistas! Um salve e um abraço afetuoso!

Aos amores para sempre amáveis e às amizadas queridas e incentivadoras que percorrem comigo o delicioso trajeto da vida, da militância, das leituras, das discussões, das reflexões, das críticas e das sugestões fundamentais para o meu ser, mais para além da pesquisa, amigas e amigos com quem convivo, troco ideias, angústias e alegrias e pelos debates indignados e de esperança! Gracias por todo!

À minha parceira Carla Negretto e o pessoal da COOPTEC - Clóvis Doyle e Maria Helena Staffen, por me aproximarem do grupo de mulheres e proporcionarem o encontro com as assentadas.

À minha terapeuta Rose Mary Barros Kerr, que me estimulou ao desenvolvimento do trabalho autobiográfico principalmente nos momentos de crise com a pesquisa e os percursos vividos.

E por fim, mas não menos importante, toda a minha gratidão e admiração às mulheres que participam do projeto “Arpilleras: bordando a resistência”, cujo projeto inspira pensar o artesanato como potencializador de processos políticos pedagógicos que possam contribuir para uma educação não-sexista comprometida com outro projeto societário. Além de ser um movimento transgressor, ele nos inspira a produzir ciência, a lutar e resistir também usando agulhas, linhas e panos.

Resumo

GODINHO, Eliane. **O “ARTESANATO DE SI” DE MULHERES ASSENTADAS DO MST: UM PROCESSO POLÍTICO PEDAGÓGICO FEMINISTA PELO VIÉS DA EDUCAÇÃO POPULAR.** 2017. 165f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2017.

Esta pesquisa buscou erigir uma reflexão baseada na dialética, uma vez que ela permite considerar e compreender as formas de produção do conhecimento por meio da pesquisa participante e da pesquisa formação, pelo viés das histórias de vida, articulando pesquisa e análise dos dados. O disparador desta pesquisa foi pensar o artesanato como uma ferramenta política pedagógica através dos contributos da pedagogia feminista e da educação popular num espaço informal de educação, nesse caso um assentamento do MST no extremo sul do Brasil. Além disso, tentar contribuir para a humanização dos sujeitos, anunciando e denunciando a opressão vivida pelas mulheres do campo, entre elas as assentadas do MST, no processo de luta pela terra e pela reforma agrária até os dias atuais, compreendendo que as dificuldades não cessam quando recebem o lote. O objetivo geral do estudo foi perceber como se dá o processo de empoderamento das mulheres através das oficinas de artesanato, refletindo com elas como elas elaboram o “artesanato de si”: partindo das contribuições da pedagogia feminista e da educação popular para a (re)significação de saberes e conhecimentos, num processo político pedagógico de artesanato. No referencial teórico busquei contributos de Sennett, Bartra, Freire, Brandão, Caldart, Paludo, Safiotti, Cisne, Gohn, Lagarde y de Los Ríos, Hirata, Ochoa, Perrot, Engels, Josso, Eggert, Silva entre outras e outros, articulando conhecimento empírico e conhecimento sistematizado, proporcionando reflexões e sistematizações sobre a práxis educativa e de existência. Dentre os resultados importantes tem-se a valorização e a contribuição do artesanato como uma ferramenta política, no processo de tomada de consciência de si, como sujeito histórico no real sentido político da educação, além de um elemento símbolo da resistência, da ousadia, de existir no e com o mundo.

Palavras-chave: Artesanato; Pedagogia Feminista; Educação Popular; Mulheres do Campo.

Resumen

GODINHO, Eliane. **LA “ARTESANÍA DE SÍ” DE MUJERES ASENTADAS DEL MST: UN PROCESO POLÍTICO PEDAGÓGICO FEMINISTA POR LA PERSPECTIVA DE LA EDUCACIÓN POPULAR.** 2017. 165f. Disertación (Maestría en Educación) – Programa de Pos-Graduación en Educación. Universidad Federal de Pelotas, 2017.

Esta investigación buscó erigir una reflexión basada en la dialéctica, una vez que la misma permite considerar y comprender las formas de producción del conocimiento a través de la investigación participante y de la investigación de formación; por la perspectiva de las historias de vida articulándose con el análisis de datos. El disparador de esta investigación efectuada fue pensar la artesanía como una herramienta política pedagógica a través de la perspectiva de la pedagogía feminista y de la educación popular en un espacio informal de educación, más específicamente, en un contexto de asentamiento del MST en extremo sur de Brasil. Además de eso, intentar contribuir para la humanización de los sujetos, anunciando y denunciando la opresión vivida por las mujeres del campo, entre las asentadas del MST, en el proceso de lucha por la tierra y por la reforma agraria hasta los días actuales; comprendiendo que las dificultades no se terminan cuando ellos reciben el lote. El objetivo general de ese estudio fue percibir cómo se da el proceso de empoderamiento de las mujeres por medio de oficinas de artesanía, reflejando con ellas cómo ellas elaboran la “artesanía de sí”: iniciando por las contribuciones de la pedagogía feminista y de la educación popular, para la (re)significación de saberes y conocimientos en un proceso político pedagógico de artesanía. El referencial teórico está basado en los contributos de Sennett, Bartra, Freire, Brandão, Caldart, Paludo, Safiotti, Cisne, Gohn, Lagarde, Hirata, Ochoa, Perrot, Engels, Josso, Eggert, Silva y entre otros autores; articulando el conocimiento empírico y el conocimiento sistematizado, proporcionando reflexiones y sistematizaciones sobre la praxis educativa y de existencia. Entre los resultados importantes tenemos la valorización y contribución de la artesanía como una herramienta política en el proceso de adquisición de consciencia de sí, como un sujeto histórico en el sentido real político de educación; además de un elemento simbólico de resistencia, de osadía, de existir en y con el mundo.

Palabras-clave: Artesanía; Pedagogía Feminista; Educación Popular; Mujeres del Campo.

Lista de Figuras

Figura 1	Arpilleras.....	5
Figura 2	Técnica de Arpillera.....	48
Figura 3	Grupo de mulheres assentadas do Assentamento Santa Inácia, Out/2015.....	70
Figura 4	Grupo de mulheres assentadas do Assentamento Santa Inácia, Out/2015.....	72
Figura 5	Grupo de mulheres assentadas do Assentamento Santa Inácia, Jan/2016.....	91
Figura 6	Grupo de mulheres assentadas do Assentamento Santa Inácia, Fev/2016.....	92
Figura 7	Grupo de mulheres assentadas do Assentamento Santa Inácia, Fev/2016.....	92
Figura 8	Grupo de mulheres assentadas do Assentamento Santa Inácia, Mar/2016.....	93
Figura 9	Reuniões nas casas das Participantes.....	94
Figura 10	Produção de diversas peças.....	95
Figura 11	1º Simpósio de Gênero e Diversidade: Debatendo Identidades.....	96
Figura 12	Como nos tornamos as mulheres que somos.....	96
Figura 13	Construindo o núcleo familiar.....	97
Figura 14	2ª Semana Integrada de Ensino, Pesquisa e Extensão – UFPel.....	98
Figura 15	VII Semana Acadêmica da Geografia – UFPel.....	99
Figura 16	VII Semana Acadêmica da Geografia – UFPel.....	99
Figura 17	1º Encontro Auto-organizado de Mulheres Assentadas.....	100
Figura 18	Preparação dos alinhavos, construindo o tema das telas.....	100
Figura 19	Sistematização dos Bordados.....	101
Figura 20	Finalização dos Bordados.....	101
Figura 21	Chita, 2016.....	116
Figura 22	Seda, 2016.....	116
Figura 23	Flanela, 2016.....	116
Figura 24	Lonita, 2016.....	116
Figura 25	Sarja, 2016.....	116
Figura 26	Organza, 2016.....	116
Figura 27	As arpilleras das assentadas.....	142

Lista de Quadros

Quadro 1	Os tecidos do bordado.....	88
Quadro 2	Proposta de risco para o bordado.....	89

Sumário

A Construção da Educadora-Pesquisadora-Artesã.....	16
1 Os elementos do bordado e a proposta investigativa.....	27
1.1 Conceituando e contextualizando o Artesanato.....	27
1.2 O estado da arte e as perspectivas da pesquisa.....	29
1.3 A metodologia da pesquisa.....	37
1.4 O artesanato como ferramenta metodológica.....	43
1.4.1 O Bordado de Arpillera.....	47
1.5 As oficinas de artesanato como um processo político pedagógico de artesanar.....	49
2 O alinhavo estruturante: as questões teórico-metodológicas.....	58
2.1 Os movimentos sociais e o Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Terra.....	58
2.1.1 Sobre a organização e a estrutura do Assentamento Santa Inácia.	65
2.1.2 As assentadas e o artesanato, conhecendo melhor as Guerreiras da Arte.....	70
2.2 A Pedagogia Feminista e Educação Popular, um diálogo possível....	74
3 O arremate das peças bordadas: trabalho e gênero pelo viés feminista	83
3.1 O mundo do trabalho do campo: a divisão sexual do trabalho, o trabalho doméstico, a lida do campo e do artesanato.....	83
3.2 Os diários feministas e os bordados de arpillera: uma análise possível dos dados.....	88
4 Conclusões.....	126
Referências.....	143
Anexos.....	150

A autoridade

Em épocas remotas, as mulheres se sentavam na proa das canoas e os homens na popa. As mulheres caçavam e pescavam. Elas saíam das aldeias e voltavam quando podiam ou queriam. Os homens montavam as choças, preparavam a comida, mantinham acesas as fogueiras contra o frio, cuidavam dos filhos e curtiavam as peles de abrigo.

Assim era a vida entre os índios onas e os yaganes, na Terra do Fogo, até que um dia os homens mataram todas as mulheres e puseram as máscaras que as mulheres tinham inventado para aterrorizá-las.

Somente as meninas recém-nascidas se salvaram do extermínio. Enquanto elas cresciam, os assassinos lhes diziam e repetiam que servir aos homens era seu destino. Elas acreditaram. Também acreditaram suas filhas e as filhas de suas filhas.

*Eduardo Galeano
[Mulheres, 2013]*

Gosto de ser gente, pelo contrário, porque mudar o mundo é tão difícil quanto possível. É a relação entre a dificuldade e a possibilidade de mudar o mundo que coloca a questão da importância do papel da consciência na história, a questão da decisão, da opção, a questão da ética e da educação e de seus limites.

Paulo Freire (2000, p.20).

A Construção da Educadora-Pesquisadora-Artesã

Neste capítulo a ideia é fazer uma narrativa (auto)biográfica, apresentando a dissertação, o tema questão de pesquisa, os objetivos, a justificativa e uma breve apresentação dos capítulos.

As atividades relacionadas ao artesanato sempre fizeram parte da minha trajetória de vida¹. Sou neta de uma mulher simples que, por vezes, bordava e, por outras, tricotava e que se revezava em lavar roupa “para fora”, cuidar da casa e, por vezes, costurar. E ela foi mãe de uma agricultora que sonhava ser professora. Até certa altura do trajeto, cresci transitando entre esses espaços, cuidada e educada por mulheres fortes, batalhadoras e inspiradoras e um pai muito ausente, em virtude das demandas de seu trabalho.

Ainda menina, percebi o gosto pelos retalhos de panos e linhas, quando auxiliava a minha avó na produção de tapetes de retalhos e pequenas reformas de

¹ Nesta parte inicial e nas considerações finais escrevo em primeira pessoa do singular, pois falo diretamente de mim, de minha trajetória e do que encontrei com esta pesquisa. Durante o desenvolvimento do trabalho utilizei a escrita em primeira pessoa do plural, por compreender que este trabalho se insere no âmbito de um grupo de pesquisa que possibilitou a realização das oficinas de artesanato.

roupas, observando seu jeito de costurar, bordar, tricotar e crocheter, enfim, “artesanar”. Com a necessidade de minha mãe trabalhar e estudar, minha avó era quem cuidava de mim e de minhas irmãs menores. Alguns dias em nossa casa e outros dias em sua casa, assim íamos enfrentando as distâncias, as lutas e as labutas diárias. Até que um enfisema pulmonar violento nos privou de sua convivência sempre carinhosa e amorosa, em um período bem turbulento em nosso contexto familiar. Não se tratava apenas de uma doença que fez com que ela adoecesse rapidamente, mas também da separação litigiosa de meus pais, os problemas econômicos e financeiros com essa separação; enfim, o drama diário enfrentado por muitas famílias nesses processos da vida humana.

Eu era menina quando aprendi a bordar o ponto cruz e a fazer pequenas peças bordadas para a casa. Entre tecidos e linhas, muitas vezes ouvia de minha mãe indagações a respeito dessa atividade e, principalmente, se não havia temas ou tarefas escolares para realizar, pois estar ali envolvida com “aquilo” era supostamente “perder” tempo. Sua maior preocupação sempre foi a de que estudássemos, nos estimulando e cobrando comprometimento com os estudos e com as tarefas escolares, apesar do seu tempo curto para conosco, pois éramos três meninas: eu com 12, minha irmã com 10 e a menor com 4 anos, na época. Ela sempre tentou nos educar e nos conduzir pelo “bom” caminho, o da responsabilidade consigo e com as outras, com valores cristãos, éticos e morais, em uma sociedade bastante machista e patriarcal, morando em uma cidade pequena do interior, em que muitos dos valores estão a serviço da opressão, da exploração humana e do agronegócio, reverberando a ideia de que cidadão é aquele que tem poder de compra, onde as classes populares, neste como em tantos outros contextos, ficam à margem.

Penso na luta e labuta diária de minha mãe para tentar nos sustentar: trabalhando em uma escola particular como merendeira em Santo Augusto, cursando magistério na Fundação Educacional – FUNDEP – em Três Passos pela manhã e mais tarde, cursando à noite a Licenciatura em Letras na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, em Ijuí. Por vezes era difícil entender tanto “sacrifício” que em muitas ocasiões foram confundidos com rejeição, vaidade, orgulho e egoísmo.

Hoje, como educadora popular com experiência em duas escolas de assentamento, uma do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST– e outra do Movimento dos Atingidos por Barragens – MAB –, em nossos encontros familiares minha mãe nos reafirmava seu compromisso com as comunidades onde seus pés pisavam. Digo nós, pois nos tornamos todas educadoras: minha irmã menor é estudante de licenciatura em Matemática e atua junto a projetos de extensão em sala de aula, a irmã do meio atua em um instituto técnico como professora de informática e projetos pedagógicos e minha mãe cursa outra faculdade, a de Pedagogia, além de ser Licenciada em Letras. Então, compreendo que todo o seu engajamento, perseverança e paixão pelo ensinar e aprender, de certa forma, influenciou nossas escolhas profissionais. Isso torna, muitas vezes, os nossos encontros verdadeiros conselhos de classe, discutindo práxis e leitura de mundo, segundo meu cunhado.

Neste momento, ao realizar os estudos para ir compondo a dissertação, não só me emociono e sensibilizo, mas consigo dimensionar o tamanho do esforço empreendido por ela e tantas outras mulheres que decidem romper com a opressão de gênero e dar seu grito de liberdade em busca da sua emancipação, ainda hoje!

A possibilidade de refletir sobre o passado, revisitando as memórias me proporciona um outro olhar, para além da admiração, mas de compreensão do processo histórico de luta, de conscientização em busca do seu e do nosso “ser mais”. Agradeço ao movimento feminista que, historicamente, lutou pelas oportunidades que ela conseguiu abrir e trilhar, por ela e por nós, por e para todas as mulheres.

Na adolescência, por questões financeiras, nossa guarda foi repassada ao meu pai e, por falta de afinidade com ele e os dramas da adolescência, veio o interesse em confeccionar bijuterias, trabalhos em crochê, tricô, fuxico e suas mil possibilidades, tudo isso para evitar atritos. No entanto, para o meu pai, era uma satisfação me ver em casa bordando e criando peças para decoração do lar, fazia gosto que eu “bordasse”, assim não estaria “na rua”. E entre conflitos e aprendizagens, o artesanato foi se tornando uma fonte de renda e uma possibilidade de criação e (re)criação de mim e de minhas peças – hoje as mais conhecidas são as bonecas de pano que confecciono sob encomenda, enviando também para os

demais estados do Brasil e algumas foram encaminhadas até para o exterior. Uma amostra dessas peças que retrata a questão de gênero e etnia (negra) compõe o acervo nacional de produtos artesanais confeccionado por artesãs e artesãos brasileiros, que fica no Ministério da Cultura².

O olhar de minha mãe e o olhar de meu pai são dois pontos de vista sobre o saber-fazer artesanal que, ao longo dos estudos na vida acadêmica, pude perceber o quanto estão diretamente atrelados a um pensamento machista, patriarcal e capitalista pela maioria das pessoas. Dividida entre o que falava minha mãe e o que tinha de retorno de meu pai, também nos espaços sociais que frequentávamos essas questões estavam postas, desde a Disciplina de Técnicas Domésticas na escola aos concursos de prenda no Centro de Tradições Gaúchas – CTG – que participávamos, do qual fui prenda juvenil e adulta.

Uma habilidade manual artesanal era um requisito básico para a obtenção da sonhada faixa, no entanto não via e nem tinha leituras para perceber as reproduções machistas disfarçadas no cultivo das tradições gaúchas.

No decorrer da graduação, entre as atividades como bolsista de Iniciação Científica sob orientação do Prof. Dr. Gomercindo Ghiggi e o contato mais comprometido com a proposta freiriana de educação. Como representante estudantil do Diretório Acadêmico da Faculdade de Educação e, ainda, o voluntariado em atividades de pesquisa e extensão com a Prof.^a Dr.^a Márcia Alves em seus projetos que uniam e faziam pensar o artesanato e a docência. Neste percurso, fui reconhecendo-me educadora-pesquisadora-artesã.

Minha participação nesses novos espaços e às novas relações criaram a possibilidade de participar de um programa de mobilidade internacional. Viver, estudar e pesquisar fora do meu país, em um contexto completamente diferente do meu, no Instituto Politécnico de Bragança, em Bragança – Portugal, e atrelei meus estudos em educação popular e aos contributos freirianos acompanhando professoras da rede pública que “ousavam” fazer diferente e aproximar tais estudos

² Em maio de 2014, a Mestre Griô Sirley Amaro participou da FEIRA DA ECONOMIA SOLIDÁRIA E CRIATIVA DA TEIA, no Rio Grande do Norte, levando peças minhas e de outras artesãs, além das suas, para comercializar e difundir o artesanato pelotense naquele evento. Segundo ela, uma peça das quais enviei foi adquirida pela assessora da Ministra da Cultura na época, para compor o acervo do referido ministério.

com a referência da escola da Ponte conhecendo melhor o Projeto Fazer a Ponte. Esse proporcionou a (re)significação de mim mesma, do meu olhar, da minha leitura de mundo, de compreensão da cultura, do trabalho e do conhecimento. Mudei minha relação no e com o mundo e com o outro.

Naquele momento, uma divergência muito significativa em relação à concepção de trabalho, estudos e leitura de mundo passou a ser problematizada na relação e convívio familiar. Segundo alguns familiares, o “estudo exagerado” deveria ser deixado de lado, pois “implicava num desleixo com a casa e o matrimônio”. Estudar e ter um ofício já era o suficiente. Para que se envolver em pesquisa, extensão, movimento estudantil, cursos de formação, etc.? O casamento seria a única “segurança” que eu teria. A cultura nos forja a fazer isso, mas falar de onde os pés pisam é o que dá sentido à vida. Como diria Frei Betto (2006, s./p.): “A cabeça pensa onde os pés pisam. Sem prática social não há teoria que transforme a realidade”. E assim, me tornei mais uma insegura no mundo!

Cursar uma Especialização em Educação, na linha: Educação, Arte e Filosofia, no Instituto Federal Sul-Riograndense – IFSul, e pensar o artesanato como um ato de criação e resistência me proporcionou ampliar horizontes em relação à filosofia e suas formas de pensar e ver o mundo. Sou pedagoga e artesã e vejo na pesquisa em educação possibilidades e oportunidades de podermos construir uma sociedade mais justa, com condições dignas de vida e sobrevivência para todas³ nós.

Retomar o artesanato nos tempos de faculdade, não só como fonte de renda extra, mas também ministrando cursos quando solicitada, trabalhando com mulheres e crianças, voltou a ter sentido na minha trajetória a partir do estímulo das colegas, com a possibilidade de criação e elaboração de materiais pedagógicos, bonecas e

³ Segundo o “MANUAL PARA O USO NÃO SEXISTA DA LINGUAGEM: O que bem se diz... bem se” (FRANCO; CERVERA, 2006), todas as palavras têm uma leitura de gênero. A língua não só reflete, mas também transmite e reforça os estereótipos e papéis considerados adequados para mulheres e homens em uma sociedade. De acordo com Adriane Rich (1983, p.241), “em um mundo onde a linguagem e o nomear as coisas são poder, o silêncio é opressão e violência”. Por isso, “é necessário nomear as mulheres, torná-las visíveis como protagonistas de suas vidas e não vê-las apenas no papel de subordinadas ou humilhadas. É necessária uma mudança no uso atual da linguagem de forma que apresente equitativamente as mulheres e os homens” (FRANCO; CERVERA, 2006, p.15). Portanto, este escrito tem o objetivo de falar em mulheres, pelas mulheres e para mulheres, que também podem contemplar homens, mas o uso do gênero feminino na escrita será o principal adotado.

bonecos de pano. Não só como resgate da infância vivida por muitas delas, mas como um objeto de transformação social, de (re)significação da cultura e que, de certa forma, vai se tornando resistência, de encontro ao que muitas vezes nos é imposto pelo capitalismo e seu consumo exagerado de bens e brinquedos, que vê nas crianças consumidoras potentes.

Portanto, ao pensar esta pesquisa não consigo dissociar a pedagoga da artesã e da pesquisadora. Todas habitam em uma só: aquela que deseja trabalhar com mulheres, pelas mulheres, problematizando e discutindo o universo do trabalho, da educação e da emancipação humana; utilizando o que a universidade possibilita para estar com aquelas e aqueles que lhes foi negado melhores condições de vida, discutindo e criando oportunidades e possibilidades de transformação social da realidade em que estão inseridos, pois se só a luta muda a vida, lutemos todos os dias. Por mim, por nós e por todas!

Na elaboração desta escrita, as metáforas do bordar, da costura e do artesanato se farão presentes ao longo de toda a sua composição, numa forma de representar um pouco do que essa possibilidade de criação pode compor, num trabalho que pretende instigar as mulheres a contarem suas lutas e denunciarem em suas peças as opressões vividas num processo de reflexão sobre suas trajetórias e para além delas...

Neste processo de investigação/formação, a pesquisa participante é de suma relevância para pensar junto as formas de intervenção. As contribuições da pesquisa formação também são relevantes, pois o modelo interativo ou dialógico surge como complemento para pensar a relação entre o pesquisador e os “atores sociais”, nesse caso artesãs, possibilitando compreender as memórias e as histórias de vida e formação no sentido da investigação/formação tanto para a pesquisadora quanto para as mulheres envolvidas com o trabalho. Pois, segundo Brandão (2003, p.73),

[...] qualquer pessoa que reflete sobre suas próprias experiências de cada dia e do fio de sua vida reconhece que, mesmo nas dimensões mais simples e mais cotidianas, algumas formas embrionárias do exercício da investigação estão presentes (BRANDÃO, 2003. p.73).

Pela experiência, sabemos que nas oficinas vários saberes são extravasados e compartilhados durante as atividades artesanais. Isso nos possibilita perceber a o artesanato como um ato educativo que estimula, instiga o ser mais de cada

participante, pois criar e recriar também é uma vocação ontológica do ser humano, assim como é um constante ato de pesquisar.

Os produtos são cheios de sentido e significado atravessados pelas questões do dia-a-dia, ampliando a leitura e a intervenção no mundo, inclusive (re)significando as relações de poder, gênero e sexualidade. Nesse sentido, também é importante discutir o artesanato como arte popular, a partir da ideia de produção de bordados, entre outras produções, levando em conta que todas somos detentoras de saberes, tendo aqui o bordado, o alinhavo e a costura como um final de si mesmo e como matéria-prima para tantas outras composições, de produto e de vida.

A intenção é pensar o artesanato como um saber que potencializa o desejo de criação, de percepção de si, de subjetividade, de individualidade e de coletividade. O qual articula a educação, a pesquisa e a artesanato como um “ato de resistência encharcado de ‘criação’, luta ativa, processo sensível e que está intrinsecamente ligado ao modo de perceber-se sujeito histórico, político, social” (CORRÊA, s./d., p. 9).

É nesta tentativa de criar e se [re]criar ao contar e confeccionar seus bordados, “fuxicar-se”, produzir conhecimento, saber, ampliar-se, que as questões sobre gênero, trabalho, histórias de vida, opressão e autonomia foram discutidas. Segundo Freire (1983b), o ímpeto criador do ser humano nasce da capacidade de perceber-se um ser inconcluso. Princípio este latente em nós mulheres, artesãs, estudantes, educadoras e militantes.

Pesquisas sobre artesanato, estudos sobre gênero e feminismo, o mundo do trabalho e do empoderamento da mulher são temas e questões de relevância que vêm despertando interesse na academia. O artesanato é um tema que proporciona aproximação com uma série de acontecimentos que estão silenciados em nossa memória. Dentre eles, a ideia de artesanato como trabalho, como saber e como produção de resistência e conhecimento, ligados ao processo educativo de constituição do sujeito. Em linhas gerais e simples, a mulher, mãe e esposa cuidadora do lar, e as relações que se estabelecem nesses contextos, inclusive de opressão de classe, raça, etnia e de gênero, são percebidas nas oficinas de artesanato.

Uma das propostas da pedagogia feminista está em repensar a vida e as relações, historicizando a própria vida. Sabemos que a luta pela transformação social pode ocorrer em diferentes lugares e momentos, nos espaços formais e não - formais de educação, e problematizar e pensar juntos o vivido e o experienciado por estas campesinas, fortemente engajadas na luta pela terra. E isso é de fundamental importância para a sociedade, por isso a relevância do estudo em questão.

O objetivo geral da pesquisa visou perceber como se dá o processo de empoderamento das mulheres através das oficinas de artesanato, refletido com elas como elaboram o “artesanato de si”: partindo das contribuições da pedagogia feminista e da educação popular, na (re)significação de saberes e conhecimentos, na construção de um processo político pedagógico do artesanato. E entre os objetivos específicos, fazendo os devidos “recortes”, do mesmo jeito que se utiliza uma tesoura na produção artesanal, pretendeu-se:

- Investigar como o artesanato constitui uma ferramenta político - pedagógica por meio das oficinas de criação individual e coletiva, na construção de uma pedagogia feminista;

- Promover um espaço em que seja possível criar metodologias e processos educativos de acordo com a pedagogia feminista, abordando temas específicos a cada encontro;

- Problematizar quais discursos estão no jogo de poder, discutindo trabalho e gênero em relação à divisão sexual do trabalho no campo, desvelando a inviabilidade do trabalho artesanal;

- Contribuir para o processo de empoderamento das participantes e demais sujeitos envolvidos, estimulando-as a participarem de exposições, feiras e mostras de seus trabalhos, inclusive comercializando suas peças;

- Refletir sobre o processo de organização e participação política das mulheres nos espaços do movimento, rompendo com o silenciamento das lutas femininas das artesãs assentadas.

Como educadores e educadoras populares, concebemos o educar como um ato político, onde educação, ciência e tecnologia não são neutras. Por isso

precisamos agir mais, intervir mais e de forma consciente no mundo – e as oficinas de criação constituem esse espaço de intervenção, pesquisa e problematização. Lagarde y de Los Rios aborda a questão da mulher como sujeito histórico, sujeito do conhecimento que contribui para a necessidade de uma antropologia da mulher.

Acreditamos que, na perspectiva feminista, elaborada por mulheres e para as mulheres, a partir da hermenêutica feminista, a fala e quem fala é valorizada, pois,

Necesitamos hacer el inventario real de quiénes somos, qué lugares ocupamos en cada espacio, qué hacemos, para quién lo hacemos, cómo lo hacemos, cuál es el sentido de lo que hacemos e ir recogiendo todas nuestras partes. La autonomía se construye con la capacidad de integrar la identidad y nunca con una autoidentidad fragmentaria (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2005b, p. 53).

Essas questões viabilizam um rever, refazer e (re)significar as relações sociais entre os seres humanos. Revelam também a complexidade das relações e a necessidade delas serem pessoais, individuais e/ou coletivas em alguns momentos, mas terem este espaço garantido, quase como um local para recuperarmos nossa identidade, história, vida e bem estar. Para perceber isso é necessário mais que habilidade, requer sensibilidade de perceber que o artesanato, o fazer com as mãos, pode ser muito mais do que um simples trabalho manual. É o resultado de uma produção cultural, histórica, social e educacional, constituindo um processo de reinvenção de si, um processo pedagógico e político, para pensarmos a autonomia e o empoderamento da mulher. Segundo Lagarde y de Los Rios (2005b),

La autonomía es fundamentalmente un conjunto de procesos de poder, por lo tanto se constituye a través de procesos vitales políticos y en lo que tradicionalmente llamamos el ámbito político. La autonomía requiere obligatoriamente de actores sociales constituídos, identificables, que portan, reclaman, reivindicán, actúan, proponen, argumentan, establecen y pactan la autonomía. Y ésta es otra clave importante: la autonomía es un pacto político. Cada avance de autonomía es un avance político y requiere una recomposición de las relaciones de poder, una reconfiguración de la política, y requiere de un lenguaje político pues la autonomía debe ser enunciada políticamente (LAGARDE Y DE LOS RIOS, 2005b, p.39).

Portanto, neste sentido de repensar as questões ligadas à autonomia, as contribuições de Richard Sennett (2013, p.169) são importantes, pois ele defende que “o trabalho feito pelas mãos pode animar o trabalho da mente”. Num trabalho que aproxima o artesanato da arte, com reflexões sobre habilidade, uso das mãos, oficina filosófica, ética e cultura, Sennett (2013) proporciona um debate inquietante e

com (re)significações a respeito do labor artesanal e seus processos; inclusive em relação ao modo capitalista e patriarcal de pensar o trabalho artesanal.

O encontro com o artesanato possibilitou problematizar nossos processos educativos vividos e experienciados. Neste caminho, poder conhecer a nós mesmas não significa apenas compreender como nos formamos e a influência de nossas experiências em nossa vida, mas para além disso, reconhecer a nós mesmas como seres sociais, permitindo-nos, encarar a vida, de certa forma, enquanto “donas de nossas existências” (SILVA, 2012, p.28).

Inventamos, existimos e produzimos subjetividades (inventamos diferentes maneiras de perceber e agir no mundo). A proposta de investigação, escrita e produção sobre si utilizando técnicas manuais procurou estabelecer uma relação a partir de temas geradores que embasam a oficina e a vida das participantes. Assim como a tarefa de pesquisar e investigar outras formas de artesanato para a construção de peças que desafiam a produção em série e reafirmam o uso de uma técnica manual. Na intensidade da criação das mãos e do pensamento das mulheres, levamos em conta que,

[...] as mãos são dotadas de uma variedade de movimentos que podem ser controlados como bem queremos e estimulamos. Tais movimentos, aliados ao tato e as diferentes maneiras de segurar com as mãos, afetam nossa maneira de pensar. [...] nossos antepassados humanos aprenderam a segurar as coisas nas mãos, a pensar sobre o que seguravam e afinal a dar forma as coisas; os homens-macacos eram capazes de fabricar ferramentas, os seres humanos produzem cultura (SENNETT, 2013, p.169-170).

Ainda em relação ao trabalho artesanal, Sennett (2013, p.299) diz que a “zona de resistência” tem dois significados: um denota divisa, que resiste a uma contaminação; e outro de fronteira, local de separação e ao mesmo tempo de troca. Para ele, no trabalho artesanal, o ambiente mais produtivo para trabalhar com a resistência é a fronteira, assim como fazemos nas oficinas. Por isso, é de suma relevância ser dito neste trabalho que, ao trabalharmos com a concepção de pesquisa participante como metodologia e ideologia, damos enfoque estratégico para a ação popular.

A estrutura da dissertação está esquematizada da seguinte maneira: o capítulo introdutório aborda a construção da educadora-pesquisadora-artesã através

de uma narrativa (auto)biográfica, apresentando a dissertação, o tema questão de pesquisa, os objetivos, a justificativa e uma breve apresentação dos capítulos.

No capítulo 1, a intenção é apresentar as leitoras e aos leitores os elementos que permeiam a discussão em torno das potencialidades do artesanato para além de uma técnica têxtil. Tal proposta se dá, a partir dos atravessamentos, das relações e das memórias, que o artesanato traz à tona, percebe-o como um potente produtor de subjetividades das mulheres discutindo a opressão de gênero, a resistência e o ser mais, problematizando o trabalho feminino entre outros assuntos.

Já no capítulo 2, o alinhavo estruturante das questões teórico-metodológicas parte dos pressupostos da educação comprometida com a educação libertadora/transformadora dos sujeitos. Além de contextualizar os movimentos sociais e a educação popular em diálogo com a proposta pedagógica feminista. Dessa forma, busca promover uma discussão política e filosófica comprometida com os movimentos sociais.

O 3 capítulo trata do mundo do trabalho do campo: a divisão sexual do trabalho, o trabalho doméstico, a lida do campo e do artesanato como as múltiplas possibilidades criativas de visibilizar o mundo do trabalho feminino. A descrição das oficinas de artesanato e a análise dos dados.

As conclusões a respeito da pesquisa estão no capítulo seguinte. O “Artesanato de Si” surge como uma proposta de reinvenção do poder, na busca por libertação durante o processo de conscientização das envolvidas na pesquisa, pelo viés da pedagogia feminista.

O que fica, na verdade, é o que se fez e se plantou para além do agora, sem pensar em quem vai colher, mas que irá servir para o futuro da humanidade. Nas despedidas, a tristeza de ver se ir, quem tanto amamos, com quem tanto costuramos e tecemos sonhos... Se olharmos os retalhos, lá se vê: causa dos oprimidos e das oprimidas. Ah! Com um recorte específico da luta das mulheres camponesas.
Conceição Paludo (2009, p.5-6).

1. Os elementos do bordado e a proposta investigativa

A intenção no decorrer deste capítulo é de apresentar as leitoras e aos leitores os elementos do bordado: linhas, tecidos, agulhas, alfinete e tesoura. Também, os contextos das diferentes realidades que permeiam a discussão em tornadas potencialidades do artesanato para além de uma técnica têxtil. Tal proposta se dá, a partir dos atravessamentos, das relações e das memórias, que o artesanato traz à tona, percebê-lo como um potente produtor de subjetividades das mulheres discutindo a opressão de gênero, a resistência, o ser mais, entre outros assuntos. Assim, o trabalho feminino é problematizado proposta central desta dissertação.

1.1 Conceituando e contextualizando o Artesanato

Estudar o artesanato compreendido como uma arte popular (BARTRA, 2015) pelo viés da perspectiva feminista também implica em contextualizar como surgem os estudos a respeito do artesanato. Segundo Becker (2014), até a década de 80, o trabalho artesanal estava relacionado aos estudos da antropologia e do folclore em

toda a América Latina. Assim, no Brasil, é a partir da década de 80 que o artesanato começa a ser estudado por outras perspectivas, inclusive refletindo sobre o trabalho realizado coletivamente que tem ou remete a ideia de uma “alma nacional”, segundo os estudos da referida pesquisadora mencionada acima.

A diferença entre artesanato e arte é uma pergunta um tanto comum, Sennett (2013) afirma que “não existe arte sem artesanato.” Segundo ele, a ideia de arte carrega certa responsabilidade em relação à mudança cultural, pois

representa a concessão de um novo e mais amplo privilégio à subjetividade na sociedade moderna, com o artífice voltado para a sua comunidade e o artista voltado para si mesmo... o contraste ainda hoje informa nossa visão: a palavra arte parece designar obras únicas ou pelo menos singulares, ao passo que o artesanato remete a práticas mais anônimas, coletivas e contínuas. (SENNETT, 2013, p.80-81).

As pesquisadoras Bartra e Eggert (2016) têm investigado o artesanato e a arte popular refletindo sobre gênero, feminismos e mulheres na América Latina. Elas ressaltam que essa cultura popular é criada pela classe social mais carente, é uma arte popular que muitas vezes recebe o nome de artesanato. Para elas, a “arte popular compõe tanto a cultura popular quanto o artesanato. Toda arte popular é artesanal, mas nem tudo o que é artesanal integra a arte popular. A arte popular pode ser urbana ou rural” (BARTRA; EGGERT, 2016, p.158). Destacam, também, que o trabalho artesanal é feito na maioria das vezes por mulheres com baixa ou nenhuma escolarização, por isso a importância de problematizar a desigualdade social que também se manifesta no campo da arte popular.

Dentro dessa perspectiva, Bartra e Eggert (2016) afirmam o seguinte:

Todas as artes, e isso inclui arte popular, estão atravessadas pela questão de gênero, assim como as questões de classe e raça/etnia, de preferência sexual, de idade, etc. a divisão sexista por gênero é a primeira discriminação social. (BARTRA; EGGERT, 2016, p.159).

Neste sentido, é necessário ampliar o debate acerca do trabalho artesanal realizado majoritariamente pelas classes populares partindo de diferentes pontos de vista. A Base Conceitual do Artesanato Brasileiro, publicada em 2012, ressalta que o artesanato é a expressão da cultura e do poder criativo de um povo, representando também a história de uma determinada comunidade e a reafirmação da autoestima da mesma. Além desse caráter cultural, o viés econômico também vem se destacando, até mesmo pela inclusão social desses sujeitos, gerando trabalho e

renda com um impacto significativo. Em relação aos conceitos básicos sobre o artesanato brasileiro, é definido que:

ARTESANATO - Compreende toda a produção resultante da transformação de matérias-primas, com predominância manual, por indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural (*possui valor simbólico e identidade cultural*), podendo no processo de sua atividade ocorrer o auxílio limitado de máquinas, ferramentas, artefatos e utensílios (BRASIL, 2012, p.12).

ARTE POPULAR - Conjunto de atividades poéticas, musicais, plásticas, dentre outras expressivas que configuram o modo de ser e viver do povo de um lugar. A arte popular diferencia-se do artesanato a partir do propósito de ambas atividades. Enquanto o artista popular tem profundo compromisso com a originalidade, para o artesão essa é uma situação meramente eventual. O artista necessita dominar a matéria-prima como o faz o artesão, mas está livre da ação repetitiva frente a um modelo ou protótipo escolhido, partindo sempre para fazer algo que seja de sua própria criação. Já o artesão quando encontra e elege um modelo que o satisfaz quanto à solução e forma, inicia um processo de reprodução a partir da matriz original, obedecendo a um padrão de trabalho que é a afirmação de sua capacidade de expressão. A obra de arte é peça única que pode, em algumas situações, ser tomada como referência e ser reproduzida como artesanato (BRASIL, 2012, p.12-13).

O Rio Grande do Sul também se empenha em definir o que é arte popular e artesanato por meio de portarias e decretos. Neste Estado, o artesanato é regulamentado pela Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social – FGTAS, que é o órgão ligado a Secretaria do trabalho e Desenvolvimento Social, o qual publicou um Manual de Orientação do Artesanato Gaúcho⁴, definindo artesanato como:

Artesanato - objeto ou conjunto de objetos utilitários e decorativos, para o cotidiano do homem, produzidos de maneira independente, usando matéria-prima em seu estado natural e/ou processados industrialmente, mas cuja destreza manual seja imprescindível e fundamental para imprimir ao objeto características próprias, que reflitam a personalidade e a técnica do artesão (FGTAS, 2010, p.11).

É relevante registrar que a Legislação gaúcha não conceitua arte popular, apenas define o que é artesanato.

1.2 O estado da arte e as perspectivas da pesquisa

⁴Manual do artesão, disponível em <<http://www.fgtas.rs.gov.br/programa-gaucha-do-artesanato>>.

A pesquisa é um desafio. Além do exercício de busca, com necessidade de ver para além do que os olhos podem ver e os escritos podem revelar, a pesquisa é um processo contínuo, que individual ou coletivamente nos move na intenção de trabalhar com aquilo que dá sentido a nossa luta, militância, ao nosso ser e estar no e com o mundo. Nesta perspectiva de relação com o outro e com o mundo, realizar o estado da arte se fez extremamente necessário e valioso, pois perceber como o Artesanato vem sendo abordado no âmbito acadêmico e sua relação com a Educação - em especial com a educação popular -.

Por isso, é de suma importância fazer um levantamento desse tipo de produção na área, assim, a pesquisa foi realizada no banco de dados da Capes de Teses e Dissertações, na Plataforma Sucupira, onde os dados disponíveis eram referentes ao período de 2013 a 2016. Dessa forma, não tive acesso aos dados produzidos anteriormente. A pesquisa nesse portal buscou levantar e mapear trabalhos que pudessem ter sido produzidos na área da educação relacionados às mulheres.

Para isso, a palavra-chave utilizada primeiramente foi Artesanato, na sequência Mulheres, Bordado, Arpillera. Quanto à procura por Artesanato, com área de concentração relacionado à Educação o resultado foi o seguinte: Educação brasileira – 1; Educação – 9; Educação ambiental – 1; Educação e saúde – 1; Educação escolar – 1; e, Educação social – 1. Num total de 14 teses e dissertações a respeito. Cruzando os dados levantados foi possível perceber que apenas cinco abordavam Mulheres e Bordado.

Dentre o material encontrado, todos tem alguma relação com a pesquisa, em algum momento conversam com a proposta de estudo empenhada. A seguir é apresentado um olhar mais atento sobre as cinco pesquisas encontradas e destacadas.

Entre as referidas pesquisas e pesquisadoras estão Amanda Motta Castro, que defendeu sua tese na área da Educação em 2015, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, ligada a Linha de Pesquisa: Educação, desenvolvimento e tecnologias e ao Projeto de Pesquisa: Tecnologia e educação: o artesanato, as mulheres e a busca por dignidade e reconhecimento. Castro (2015) ressalta em seu

trabalho a Educação Popular, os Estudos Feministas e a Tecelagem Manual. Seu trabalho, intitulado “**Fios, tramas, cores, repassos e inventabilidade: a formação de tecelãs em Resende Costa, MG**”, analisa como ocorre o processo pedagógico de ensinar e de aprender tecelagem manual realizada por mulheres em Resende Costa, MG. A metodologia de trabalho é embasada na pesquisa participante, com imersões junto a esta comunidade. Já para a análise dos dados foi utilizada a hermenêutica feminista e a Educação Popular. Segundo a autora, os resultados da pesquisa apontam que o processo de produção artesanal é invisibilizado por ser um trabalho majoritariamente realizado por mulheres. A referida pesquisa concluiu que a riqueza do processo de formação destas mulheres tecelãs está no desejo e necessidade de partilhar este conhecimento através do repasso, conceito estabelecido como método singular na ação singular de manter a tradição da tecelagem (CASTRO, 2015).

O diálogo entre esta dissertação e a tese de Castro (2015) se dá pelo fato de ambas discutirem o trabalho invisibilizado de mulheres na interface dos Estudos Feministas e da Educação Popular, pois ambas tem o desejo de criação do conhecimento buscando fazer história ressaltando a importância de preservar cartas, diários e anotações, tendo em vista que as mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais de seus saberes e o que produzem é rapidamente consumido ou desvalorizado, pois é o conceito de patriarcado que invisibiliza e inferioriza as mulheres. Os dois trabalhos apostam na metodologia feminista e na educação popular como uma possibilidade de mudança e transformação da realidade.

Já a tese de Emanuelle Kelly Ribeiro da Silva, defendida em 2015, pela Universidade Federal do Ceará, na área da Educação, está ligada à Linha de Pesquisa: Filosofia e Sociologia da Educação e ao Projeto de Pesquisa: Formação Humana Omnilateral e Arquitetura Escolar. Silva (2015) destaca em seu trabalho o Design, a Metodologia, o Ensino, o Artesanato e a Moda. A tese intitulada “**Novas faces do trabalho artesanal: as intersecções de saberes na relação entre designers de moda e artesãos no interior do Ceará**” visa compreender as novas formas de produção do artesanato a partir das intervenções de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento dessa atividade no Ceará, tomando como parâmetro as trocas de saberes e fazeres entre artesãos e *designers* de moda no

âmbito das ações da CEART, uma vez que estes são enviados ao interior do estado a fim de ensinar uma nova metodologia de trabalho àqueles. O objetivo geral do estudo foi compreender as interfaces criadas entre o trabalho do *designer* de moda e do artesão, enfocando nas interferências pedagógicas e metodologias adotadas no processo de criação e produção do artesanato.

Além disso, segundo Silva (2015), o referencial teórico embasou-se nas teorias sobre o trabalho e o capitalismo na sociedade contemporânea; no estudo sobre as metodologias do *design* adotadas na atualidade a fim de compreender sua aplicabilidade na produção artesanal; nos Estudos Culturais; e na discussão sobre a educação emancipatória.

Em relação aos resultados, destacaram-se os mais importantes, tais como: a contribuição do artesanato para o mercado atual pela agregação de valor cultural aos bens industriais, fazendo com ele seja compreendido como bem simbólico/cultural e ao mesmo tempo econômico; a priorização do produto e não as necessidades do artesão durante as intervenções; e a incipiência da formação dos designers que atuam nessa área (SILVA, 2015).

O contato com esse trabalho proporcionou pensar sobre o artesanato como bem cultural e como fetiche, dialogando com a dissertação no sentido de pensar e observar as transformações do trabalho e do produto artesanal no contexto do capitalismo e a relação entre os envolvidos no processo de ensinar e aprender novos métodos na perspectiva da educação emancipatória.

Na sequência, a tese de Lenita Maria Körbes, defendida em 2014, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, na área da Educação, está ligada à Linha de Pesquisa: Educação, desenvolvimento e tecnologias e ao Projeto de Pesquisa: Tecnologia e educação: o artesanato, as mulheres e a busca por dignidade e reconhecimento.

Körbes (2014) evidencia em seu trabalho a Educação Ambiental, o Processo de Alfabetização e as Mulheres adultas. Com a tese **“Educação ambiental e processo de alfabetização de mulheres adultas: uma experiência ecoformativa na Amazônia Mato-grossense”**, a autora aborda a educação ambiental e o processo de alfabetização de mulheres adultas na Amazônia mato-grossense.

Contextualiza, inicialmente, os caminhos formadores trilhados com referencial teórico socioambiental e da educação crítica e dialógica freiriana. O trabalho de pesquisa teve como objetivo analisar a discussão teórica sobre a importância da educação ambiental para a preservação dos seres vivos, da natureza e do Planeta; e em especial a forma como ela acontece e é produzida, através da mediação pedagógica que ocorre na instituição escolar. A escolha metodológica teve aproximações entre a pesquisa-formação e a pesquisa participante. Durante dois anos letivos a investigação foi realizada em uma sala de aula pública e informal de alfabetização de jovens e adultos em Sinop, Mato Grosso. O envolvimento da pesquisadora com os sujeitos em formação, numa experiência educativa, embasados numa relação dialógica, possibilitou a compreensão e a leitura de mundo e da produção coletiva socioambiental. Conclui-se, por meio de uma análise reflexiva, que a educação ambiental está relacionada ao processo de alfabetização e cidadania (KÖRBES, 2014).

A referida tese dialoga no sentido de pensar possibilidades de construir outro mundo possível através da produção de conhecimento feminista e suas diversas contribuições, também aproximando a pesquisa participante e a pesquisa formação no decorrer do trabalho, acreditando no processo dialógico para a construção de uma educação libertadora.

Outro elemento interessante que dialoga com a dissertação é o fato da referida pesquisadora utilizar o “caderno de registros” com a descrição de si, o que nesse caso chamamos de “Diários Feministas” durante a pesquisa de campo. Trabalho este que também enfatiza a importância de preservar os escritos e seus saberes, pois além das experiências ilustradas eles estimulam a leitura e a escrita de mundo do seu entorno.

Já na dissertação de Marcia Regina Becker, defendida em 2014, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, na área da Educação, ligada à Linha de Pesquisa: Educação, desenvolvimento e tecnologias e ao Projeto de Pesquisa: Tecnologia e educação: o artesanato, as mulheres e a busca por dignidade e reconhecimento, a autora destaca o Artesanato, as Artesãs, a Formação, a Gestão e o Feminismo. A Dissertação intitulada “**A gestão dos processos no artesanato por meio da formação de mulheres artesãs**” busca compreender como ocorre a

formação de artesãs e de que forma cursos e orientações influenciam na gestão do artesanato. Participaram da pesquisa um grupo de oito artesãs integrantes da Associação Municipal de Artesãos do município de São Pedro da Serra, RS, o responsável pela Secretaria de Turismo e Cultura desse município e a responsável pela área do artesanato da empresa que atua na organização da formação das artesãs. A pesquisa foi realizada com base na observação participante, grupos de discussão, entrevistas individuais e questionário. Para a análise, utilizou o método documentário de interpretação, tendo por base os estudos feministas, a pedagogia e as leituras nas áreas do design e do empreendedorismo.

Becker (2014) observou diversos momentos da formação e por meio das entrevistas de grupo buscou compreender como as artesãs fazem a gestão da aquisição da matéria prima, da criação, da produção e da comercialização dos produtos. O estudo mostrou que a formação das artesãs está focada na aprendizagem em modelos e desenhos prontos. A constatação dessa pedagogia pautada na aprendizagem de modelos e desenhos prontos foi apresentada e discutida com as artesãs como uma suspeita de que esse modo de aprender tem impedido que elas qualifiquem a gestão, especialmente, da criação e da produção. As artesãs reconhecem que é difícil pensar novos ou outros modelos de gestão pautados na realidade local.

Assim sendo, Becker (2014) conclui que a formação no campo do artesanato carece de profissionais capacitados que possam levar as artesãs a processos de aprendizagem pautados na realidade local, com base nas suas experiências de vida e permitindo que a gestão também venha a ser feita nesta perspectiva.

A referida dissertação também trabalhou com a perspectiva do artesanato sob a temática dos processos autoformadores de mulheres, ao vê-lo como um campo de trabalho e por trabalhá-lo como uma possibilidade de transformação na vida de mulheres artesãs; sendo assim, o mencionado trabalho dialoga com a proposta temática deste estudo. Além disso, a percepção sobre como este produto é produzido pelas artesãs é outro ponto em comum, onde muitas vezes ele é percebido como um passatempo e não como trabalho ou como um processo pedagógico de ensinar e aprender.

Outra tese encontrada é a de Thaís Guma Pagel, defendida em 2014, pela Universidade Federal do Rio Grande, na área da Educação Ambiental, ligada à Linha de Pesquisa: Fundamentos da educação ambiental – FEA e ao Projeto de Pesquisa: Ecologia do direito como ponte epistemológica para a constitucionalização da justiça ambiental.

Pagel (2014) enfatiza em seu trabalho a Atividade Criadora, o Trabalho Alienado, a Educação Ambiental e as Repercussões Socioambientais. Sua tese intitulada: **“O artesanato como processo político do trabalho: reconstruindo os caminhos da atividade criadora pelo viés da educação ambiental transformadora”** discute a importância da atividade criadora tensionada ao trabalho alienado, seja nas relações sociais ou com o meio ambiente, buscando focar a questão da atividade criadora como contribuição ao processo político do trabalho atrelado aos princípios de uma Educação Ambiental crítica, transformadora e emancipatória ao visar à superação da alienação proposta pela sociedade do capital. O objetivo principal é a investigação de recortes de realidade simbolicamente construídos pelos artesãos do “Brique na Estação”, relacionados a transformações sociais e ambientais que priorizem a emancipação dos sujeitos e suas gerações futuras no que se refere ao cuidado ambiental. A proposta teórica e metodológica é a de uma pesquisa participativa a partir da análise de conteúdo, através de categorias analíticas e empíricas, além de entrevistas.

As tensões encontradas pela autora satisfazem a pesquisa enquanto possibilidade de Educação Ambiental não formal, na medida em que contribuem com a criticidade e a problematização da realidade. Portanto, foi considerada que esta tensão esteve sempre presente nas entrevistas e possibilitou o desvelamento da realidade a partir de sua problematização, principalmente através dos diversos problemas vividos pelos protagonistas das entrevistas, seja na busca por maior divulgação de seu trabalho criativo, seja na busca por transformações socioambientais (PAGEL, 2014).

A tese descrita anteriormente está articulada com a dissertação aqui desenvolvida na medida em que vai percebendo e relevando os e as participantes da pesquisa como sujeitos construtores e construtoras dos seus próprios conhecimentos e autonomias. E, ainda, que com seus saberes estabelecem

relações transformadoras de suas relações, levando a um comprometimento político com a realidade ao exercitarem suas próprias potencialidades para além dos espaços de criação.

Para finalizar essa parte, é importante ressaltar que a análise e o estudo comprovaram que nesta perspectiva que articula o Artesanato e a Educação, o artesanato é um campo pouco estudado no Brasil e há poucas produções a respeito. Das cinco encontradas, uma foi realizada no estado do Ceará, outra no Mato Grosso, uma em Minas Gerais e duas no Rio Grande do Sul. Elas dialogam entre si, mas não estão necessariamente articuladas, são resultados e discussões bem pontuais a respeito.

Outro dado relevante encontrado é o de que o artesanato é realizado na maioria das pesquisas por mulheres e também em pesquisas e estudos realizados por mulheres. Percebemos, ainda, que se trata de um assunto pouco visibilizado na academia, seja na perspectiva do trabalho e/ou com viés pedagógico.

Investigando sobre a ideia do “artesanato de si”, nos deparamos com a tese de Jailma dos Santos Pedreira Moreira (2008), cuja tese não está na base de dados da plataforma Sucupira no período mencionado, ela é anterior. Porém, por considerá-la importante, a mesma foi incorporada aos demais trabalhos que dialogam com a pesquisa. A tese intitulada “**O artesanato de si: uma leitura do devir matriarcal a partir de Rachel de Queiroz**”, defendida em 2008, junto ao Programa de Letras e Linguística, na Universidade Federal da Bahia, destaca a Política na Literatura, as Trabalhadoras Rurais e o Feminismo, promovendo o estudo de algumas imagens/metáforas da obra ficcional de Rachel de Queiroz e sua repercussão nos seus escritos autobiográficos, nos julgamentos de uma certa crítica literária e nos impasses e conquistas de instituições feministas, como o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher e Relações de Gênero (NEIM), o Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre a Mulher e Relação de Gênero (Mulieribus), o Setor de Gênero do Movimento de Organização Comunitária (MOC) e o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR).

O método utilizado envolveu desde a bricolagem e o confronto de cenas literárias, cenas teóricas e historiográficas, até entrevistas com estudiosas do

feminismo e outras mulheres em movimento e, como resultados, constatou que nenhuma luta feminista contra o patriarcado e o capital mundial integrado é possível sem que escritoras proliferem a anarquia dos signos, sem que as mulheres analfabetas e sertanejas façam do artesanato, ainda refugio da produção capitalista, uma forma de invenção de si mesmas. O devir matriarcal em Rachel de Queiroz e, portanto, a lição de que sem experimentar, anarquizar, falsificar e jogar nenhuma cultura política subjetiva, assim como nenhum agenciamento do espontâneo e do cotidiano como prática política transformadora é possível.

Esse estudo é uma possibilidade de pensar num “artesanato de si” por outros meios e em outras áreas de conhecimento que dialogam com a educação pelo viés de outra perspectiva teórica e com outros referenciais. Embora utilize o mesmo termo, o contexto se difere no âmbito da problematização das temáticas. Entretanto, dialoga com essa dissertação ao pensar estratégias feministas como práticas transformadoras. Discorrer sobre o “artesanato de si” pelo viés da educação, articulando educação popular e pedagogia feminista e utilizando o artesanato como um processo político pedagógico na vida de mulheres artesãs é o que esta pesquisa se propõe a discutir. Dessa forma, os próximos capítulos desenvolverão a referida temática.

1.3 A metodologia da pesquisa

É a metodologia que orienta o caminho do pensar e sentir na prática da pesquisa, ela nos possibilita organizar um roteiro para abordar a realidade e os problemas da vida prática. Como diz Minayo (2001, p.16), “a metodologia ocupa o lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas”. Levando essas questões em conta, esta pesquisa tem um cunho qualitativo, pois a pesquisa qualitativa,

[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. [...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças,

valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. [...] aprofunda-se no mundo dos significados e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas (MINAYO, 2001, p.21-22).

Lüdke (1986, p.11) corrobora dizendo que “a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo”, de maneira que as pessoas, os gestos, as palavras e o que for estudado sejam referenciados no e ao contexto onde aparecem.

Outro aspecto importante diz respeito aos dados coletados, ricos em descrições de pessoas, inclusive nas transcrições de entrevistas e de depoimentos, fotografias, desenhos e extratos de vários tipos de documentos. Da mesma forma há uma preocupação com o processo, muito maior do que com o produto, onde o interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas, ou seja,

A pesquisa qualitativa, ou naturalística, segundo Bogdan e Biklen (1982), envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes (LÜDKE, 1986,p.13).

Ainda assim, para dar conta da proposta de investigação, a abordagem dialética é essencial para o desenvolvimento da pesquisa. Segundo Minayo (2001), a abordagem dialética

[...] se propõe a abarcar o sistema de relações que constrói, o modo de conhecimento exterior ao sujeito, mas também as representações sociais que traduzem o mundo dos significados. A dialética pensa a relação da quantidade como uma das qualidades dos fatos e fenômenos. Busca encontrar, na parte, a compreensão e a relação com o todo; e a interioridade e a exterioridade como constitutivas dos fenômenos.[...] compreende uma relação intrínseca de oposição e complementariedade entre o mundo natural e social, entre o pensamento e a base material. Advoga também a necessidade de se trabalhar com a complexidade, com a especificidade e com as diferenciações que os problemas e /ou “objetos sociais” apresentam (MINAYO, 2001, p.24-25).

Com a proposta de abordar temáticas acerca das reflexões feministas e de educação popular – levando em conta o “ser mulher”, as questões referentes ao mundo do trabalho no espaço privado, para além da lida no campo, o artesanato e o processo histórico de luta e cultivo da terra – as oficinas de criação tornaram-se um

espaço que proporcionou a problematização destes conceitos numa proposta dialógica de participação. E como uma forma de resgatar e refletir sobre os processos vividos e experienciados, os contributos das histórias de vida em relação às concepções de trabalho e saber, pelo viés da pesquisa formação e das histórias de vida; também contribuíram para compreender tal processo não só na análise, como na coleta dos dados. O foco nas oficinas de criação foi perceber como se dá o processo formativo do “artesanato de si” como processo político pedagógico de aprendizagem, luta e resistência.

Em relação à proposta teórico-metodológica, também foi possível trabalhar, sob o foco da pesquisa participante, pois esta possibilidade de produção da ciência mostra-se também comprometida com a minimização da relação entre dirigentes e dirigidos, ao compor a investigação junto a grupos desfavorecidos, no caso mulheres camponesas residentes no Assentamento Santa Inácia, no município de Pinheiro Machado, Rio Grande do Sul.

De acordo com a proposta da pesquisa participante, foi extremamente importante a identificação da estrutura social da população, a descoberta do universo vivido pela mesma e o recenseamento dos dados socioeconômicos e tecnológicos.

Segundo Gil (2010), a identificação da estrutura social da população implica descobrir as diferenças sociais de seus membros, suas posições nos grupos e, também, os conflitos entre estes. Para ele,

A descoberta do universo vivido pela população implica compreender, numa perspectiva interna, o ponto de vista dos indivíduos e dos grupos acerca das situações que vivem. Para tanto, os pesquisadores devem adotar preferencialmente técnicas qualitativas de coleta de dados e também uma atitude positiva de escuta e de empatia. Isso pode implicar conviver com a comunidade, partilhar seu cotidiano: "ouvir, em vez de tomar notas ou fazer registros; ver e observar, em vez de filmar; sentir, tocar em vez de estudar; viver junto (GIL, 2010, p.151).

Um dos atributos da pesquisa participante é a sua prática dentro de movimentos sociais populares emergentes ou a serviço desses movimentos, pois ela está fortemente comprometida com ações sociais de vocação popular, colocando pessoas e agências sociais “eruditas” e “populares” para relacionarem-se de forma interativa e participante (BRANDÃO; BORGES, 2007).

Ainda, de acordo com Brandão; Borges (2007),

[...] a pesquisa participante tende a ser concebida como um instrumento, um método de ação científica ou um momento de um trabalho popular de dimensão pedagógica e política, quase sempre mais amplo e de maior continuidade do que a própria pesquisa (BRANDÃO; BORGES, 2007, p.53).

Em relação à pesquisa participante, atentam para alguns princípios que orientam a pesquisa e como se dá a relação entre pesquisadora e pesquisadas. Para isso, outro princípio importante é a participação popular, o que os referidos autores chamam de processo de investigação-educação-ação.

Além disso, o papel da pesquisadora deve ser realizado com

[...] compromisso social, político e ideológico do/da investigador(a) é com a comunidade, é com pessoas e grupos humanos populares, com as suas causas sociais. Mesmo em uma investigação ligada a um trabalho setorial e provisório, o propósito de uma ação social de vocação popular é a autonomia de seus sujeitos na gestão do conhecimento e das ações sociais dele derivadas.[...] A pesquisa participante deve ser praticada como um ato de compromisso de presença e de participação claro e assumido. Não existe neutralidade científica em pesquisa alguma e, menos ainda, em investigações vinculadas a projetos de ação social.[...] E é a possibilidade de transformação de saberes, de sensibilidades e de motivações populares em nome da transformação da sociedade desigual, excludente e regida por princípios e valores do mercado de bens e de capitais, em nome da humanização da vida social, que os conhecimentos de uma pesquisa participante devem ser produzidos, lidos e integrados como uma forma alternativa emancipatória de saber popular (BRANDÃO; BORGES, 2007, p.55).

Para a pesquisa participante importa conhecer as pessoas para motivá-las a transformar suas realidades, suas vidas, seus destinos. Como diz Brandão e Borges (2007, p.57), a pesquisa também “é um instrumento pedagógico e dialógico de aprendizado partilhado, como vocação educativa e, como tal, politicamente formadora”. Sendo, também, essencial à educação popular, pois com o auxílio dela ambas se identificam como um serviço ao “empoderamento dos movimentos populares e de seus integrantes”. O que nos leva a compreender uma como práxis da outra, pois cria e transforma, proporciona o pensar dialógico e crítico a respeito da realidade que uma ação reflexiva tenta transformar, modificar.

Diante do que foi exposto anteriormente, podemos perceber a pesquisa participante da seguinte forma:

- O pesquisador se insere, participa de todas atividades do grupo pesquisado, ou seja ele acompanha e vive (com maior ou menor

intensidade) a situação concreta que abriga o objeto de sua investigação, como na observação participante, mas variando nos aspectos discutidos abaixo.

- O investigador interage como membro. Além de observar, ele se envolve, assume algum papel no grupo. Trata-se de uma opção que exige muita maturidade intelectual; acentuada capacidade de distanciamento a fim de não criar vieses de percepção e interpretação – o que não quer dizer neutralidade; e responsabilidade para com o ambiente pesquisado de modo a não interferir demasiadamente no grupo ou criar expectativas que não poderão ser satisfeitas, até pela circunstância de posição transitória do pesquisador no grupo.
- O grupo pesquisado conhece os propósitos e intenções do investigador, e normalmente concordou previamente com a realização da pesquisa.
- O pesquisador pode ser membro do grupo ou se inserir apenas para realizar a pesquisa.
- O pesquisador normalmente se compromete a devolver os resultados da investigação ao grupo ou comunidade pesquisados (PERUZZO, 2003, p.14).

Por isso a relevância em utilizar a pesquisa participante nesta pesquisa, não só por ter a ver com o perfil da pesquisadora, mas pelo que também implica para as demais participantes. Esta possibilidade de fazer pesquisa se preocupa em contribuir com a sociedade, refletir e propor resoluções para os problemas sociais do grupo, mas sem deixar de lado o todo. Visa, de certa forma, articular e promover uma transformação social em uma abordagem dialética.

No entanto, levando em conta a riqueza da pesquisa participante e dos momentos significativos partilhados durante a investigação, a pesquisa-formação pode contribuir significativamente com o processo investigativo, pois também é um processo de conhecer a si mesmo para compreender quem nos tornamos, quais atravessamentos nos influenciaram e foram determinantes neste processo de formação. De acordo com Silva (2012, p.28),

[...] nessa perspectiva metodológica, assim como na pesquisa participante, há uma confluência entre pesquisadora e pesquisada, pois a pesquisadora também se sente envolvida nesse processo. Nessa metodologia não existe espaço para o discurso de neutralidade e objetividade científica, pois nessa caminhada todas refazem suas próprias trajetórias.

Dessa forma, refletir sobre as experiências vividas e as trajetórias de vida das participantes e suas prospecções é, de certa forma, ir ao encontro de si. O objetivo central da abordagem das histórias de vida consiste

[...] neste conhecimento de si mesmo não é apenas compreender como nos formamos por meio de um conjunto de experiências, ao longo da nossa vida, mas sim tomar consciência de que este conhecimento de si mesmo como sujeito, mais ou menos ativo ou passivo segundo as circunstâncias, permite à pessoa, daí em diante, encarar o seu itinerário

de vida, os seus investimentos e os seus objetivos na base de uma auto-orientação possível, que articule de uma forma mais consciente as suas heranças, as suas experiências formadoras, os seus grupos de convívio, as suas valorizações, os seus desejos e o seu imaginário nas oportunidades socioculturais que soube aproveitar, criar e explorar, para que surja um ser que aprenda a identificar e a combinar constrangimentos e margens de liberdade. (JOSSO, 2004, p.58).

A biografia educativa é considerada um recurso farto para assimilar a singularidade das narrativas de formação no processo de construção de identidades. Assim, a metodologia das histórias de vida é vista como um projeto de conhecimento e também como projeto de formação, no qual as identidades e as subjetividades estão presentes, num processo que Josso (2004) chama de “caminhar para si”, como produção de existência.

O que evidencia a relevância e o teor significativo para o trabalho com as artesãs ao utilizarmos esta metodologia, pois narra-se o encontro com o artesanato e como se relaciona com ele no ato de criação, mas também em relação ao seu empoderamento financeiro, como um saber-fazer-poder, para além dos processos educativos, mas nas relações subjetivas estabelecidas e projetadas.

Na perspectiva da pesquisa-formação, a reflexão sobre as trajetórias destas assentadas e artesãs também se projeta o futuro delas, individual ou coletivamente o que Josso (2004) vai chamar de “processo de caminhar para si”. Em relação a esse processo, ela diz que

O processo do caminhar para si, apresenta-se, assim, como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural. Esse conhecimento de si não se especializa em um ou em vários dos registros (psicológico, sociológico, político, cultural, etc.) das ciências do humano; tenta, pelo contrário, apreender as suas complexas imbricações no centro da nossa existencialidade (JOSSO, 2004, p.59).

Tal processo de conhecer a si mesma pode contribuir para um eu mais consciente em relação a minha caminhada, (re)elaborando caminhos. De certa forma, um processo mais autorreflexivo que obriga olhar para o passado e para o futuro, acompanhada de uma tomada de consciência em relação ao seu contexto e atuação social, histórica e cultural. Nesse sentido, é importante ressaltar o que Josso (2004, p.60-61) diz:

É no decurso desta situação, em que o presente é articulado com o passado e com o futuro, que começa, de fato, a elaborar-se um projeto de si por um sujeito que orienta a continuação da sua história com uma consciência reforçada dos seus recursos e fragilidades, das suas valorizações e representações, das suas expectativas, dos seus desejos e projetos.

Em relação à coleta de dados para a pesquisa incluem-se não só os diários escritos por elas, mas também as narrativas colhidas nas oficinas e as observações nos dias de encontro, que compuseram o diário da pesquisadora. Todos esses se tornam materiais potentes de investigação e análise, pois, segundo a referida autora, elas se encharcam e constituem de “recordações referências” importantíssimas para pensarmos o tornar-se/tornar-me mulher.

Segundo Silva (2012, p.56 – grifos da autora), “as narrativas apresentam as aprendizagens experienciais que servem de material para compreender os processos, tanto de **formação**, como de **conhecimento** e **aprendizagem**, três grandes etapas do trabalho biográfico de acordo com Josso (2004),” também essenciais ao processo de (re)significação dos saberes das assentadas artesãs.

1.4 O artesanato como ferramenta metodológica

O artesanato é uma forma de intervenção no e com o mundo. Por algumas pessoas denominado como arte, por outras como arte popular, outras definem como artesanato, referenciando criatividade distintas. Eli Bartra destaca que a classe social das pessoas que trabalham com essa arte popular costumam ser as mais baixas. Geralmente não frequentaram os espaços formais de educação e a aprendizagem é transmitida de geração para geração. A distribuição do trabalho e das peças se dá de forma simples, muitas vezes direto com o público, e é uma arte que tem muitos nomes. Em relação a arte popular, Bartra (2015, p. 22-23) diz que

[...] el arte popular es toda aquella creación plástica de los grupos de escasos recursos del mundo. Y, como se advirtió, quienes menos tienen entre ellos son las mujeres. Además, es un arte sobre todo de las mujeres. En general, utiliza técnicas tradicionales, es hecho con las manos o con herramientas simples y, asimismo, tradicionales; pocas veces es utilitario y

cuando los es rebasa estos límites, o sea, sirve para algo – como lo religioso – pero es eminentemente estético.

Sendo assim, pensar o artesanato, a arte popular ou a artesanaria como um trabalho realizado de forma diferente por homens e mulheres, que na grande maioria são mulheres, pode contribuir para a formação de uma identidade, de reflexões sobre o modo de existir, valorizar o trabalho criativo feminino, ou seja, corrobora no sentido de recuperar uma história ignorada que também é a história de mulheres que realizam duplas e triplas jornadas de trabalho (BARTRA, 2015).

Dessa forma, como diz Bartra (2015, p.24), “el arte popular es considerado de segunda, elaborado mayoritariamente por sujetos también de segunda”, pois feito na maioria por mulheres é parcialmente invisível, assim como o trabalho doméstico desempenhado por elas. Porém, ao problematizarmos o artesanato com a classe social, o processo de trabalho, a etnia, o gênero e o artístico como um processo cinético, assumimos uma posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele, mas a de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito. Por isso a relevância de estudar o artesanato, a artesanaria ou a arte popular como um processo de empoderamento das mulheres (BARTRA, 2015).

O artesanato contempla a expressão social, histórica e cultural dos sujeitos. Por isso a importância de percebê-lo como um potencial educativo, uma ferramenta pedagógica importante no processo educativo, pois, segundo Freire (1983b), estamos permanentemente em processo de aprendizado, “estamos todos nos educando” sempre, pois a educação tem caráter permanente.

Assim como o processo de criação da artesã, o ímpeto criador humano, em que o saber é sempre superado, é um processo permanente de criação e (re)criação, de superação, é um saber “relativizado.” Nesse sentido,

A educação é possível para o homem, porque este é inacabado. Isto leva-o à sua perfeição. A educação, portanto implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém [...] é uma busca permanente de “si mesmo”(FREIRE, 1983b, p.28).

Pensar no artesanato como uma ferramenta metodológica pelo viés da pedagogia feminista é conceber o processo como um ato político encharcado de amor e esperança, para além do diálogo e da transcendência, mas de reflexão sobre

o ato de estar no e com o mundo, através da criação de suas peças e da relação que estabelecem com elas. Durante as oficinas de criação, busca-se materiais que possam contribuir para a superação da consciência ingênua delas, promove-se o debate e a discussão durante os processos de artesanaria e promove-se as relações entre esses saberes relativos e a consciência reflexiva onde, no fundo, é articular as relações dessas mulheres. Pois quando Freire fala que homens e mulheres são seres de relações no e com o mundo, ele quer dizer que somos capazes de nos projetarmos nos outros, capazes de transcender, refletindo sobre o ato realizado, assumindo “a postura de um sujeito cognoscente de um objeto cognoscível” (1983b, p.30). Segundo ele, isso é próprio de homens e mulheres, por isso que devemos estimular a consciência reflexiva, estimulando a reflexão sobre a própria realidade, ampliando a leitura de mundo dos sujeitos. Pois,

quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipótese sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio; seu eu e suas circunstâncias. O homem enche de cultura os espaços geográficos e históricos. Cultura é tudo o que é criado pelo homem. Tanto uma poesia como uma frase de saudação. A cultura consiste em recriar e não em repetir. O homem pode fazê-lo porque tem uma consciência capaz de captar o mundo e transformá-lo (FREIRE, 1983b, p.30-31).

Nesse sentido, ganha força a ideia das oficinas de artesanato ser em um espaço coletivo que proporcione momentos individuais e coletivos de aprendizagem. No qual, além de trabalhar histórias de vida e ter forte embasamento na pesquisa participante, as assentadas artesãs ampliem suas relações e entrem em contato com a pedagogia feminista. Essa forma de conceber o processo político pedagógico do trabalho artesanal é uma forma de discutir gênero, opressão de gênero e divisão de gênero junto a essas mulheres. Pois o “desconhecimento que existe entre homens e mulheres, homens e homens e entre as próprias mulheres, o qual é corroborado por fatores como classe social, nacionalidade, concepção de mundo, idade, língua...” (EGGERT, 2011, p.16) instala a importância de conceber o artesanato para além de arte popular, trabalho e geração de renda, mas também como um processo político pedagógico a serviço da educação e uma ferramenta potente que possibilite a (re)significação de saberes.

Outra questão relevante que pode ser abordada através da proposta investigativa durante as oficinas é perceber a mulher como sujeito histórico. Segundo Eggert (2011, p.16),

A questão da mulher como sujeito histórico, sujeito do conhecimento, contribuindo para a necessidade de uma antropologia da mulher, onde as questões vinculadas aos diversos aspectos relativos aos seres humanos sejam observadas a partir das diferenciações provocadas pelos gêneros.

Isso foi essencial para percebermos juntas a posição subalterna da mulher, seja ela na vida social, econômica, religiosa e política, pois a hermenêutica feminista, ao valorizar a fala de quem fala, nos leva a compreender o lugar dessa fala. Porque tudo isso faz parte das construções sociais e culturais que nos são transmitidas cotidianamente ao longo das gerações. Dessa forma, nas oficinas, a intenção foi fazer com que as mulheres falassem sobre si, suas histórias, suas memórias, trajetórias, pois

[...] dizer a sua palavra a partir do seu lugar é fundamental para reinventar outras formas de viver e ver a vida. Dizer o que eu sinto, o que sofre, quais as alegrias vividas é devolver a dignidade perdida ou ocultada pelas práticas excludentes patriarcais. Pensar sobre as histórias de vida e fazer disso uma prática que repensa a vida é promover o protagonismo e empoderamento das mulheres. Essas formas de ser e fazer viabilizam relações sociais mais justas e igualitárias entre os seres humanos. É isso que o feminismo busca e espera das relações entre homens e mulheres (EGGERT, 2011, p.18).

Portanto, o artesanato e as suas diferentes formas de intervir socialmente são importantes ao contexto educativo não-formal e também no formal, tornando-se, assim, um forte aliado da educação comprometida com a transformação social. Percebido como trabalho, um ato político que anuncia e denuncia a exclusão, a violência e a opressão proporcionando uma reflexão mais comprometida com o mundo e com a outra, o outro no e com o mundo.

O artesanato é, também, uma forma militante de existir, pois suas múltiplas possibilidades e oportunidades em relação a uma educação transformadora, comprometida com as classes e os movimentos sociais.

“A educação é mais autêntica quanto mais desenvolve este ímpeto ontológico de criar”, por isso ela deve ser “desinibidora e não restritiva”, já diria Freire (1983b, p.32), pois

O desenvolvimento de uma consciência crítica que permita ao homem transformar a realidade se faz cada vez mais urgente. Na medida em que os homens, dentro de sua sociedade, vão respondendo aos desafios do mundo, vão temporalizando os espaços geográficos e vão fazendo história pela sua própria atividade criadora (FREIRE, 1983b, p.33).

Ele enfatiza que o trabalho manual visto pela sociedade fechada como algo degradante – sociedade essa em que os intelectuais são vistos como dignos e aqueles que trabalham com as mãos como indignos -. Por isso, Freire (1983b) fala que as escolas técnicas se enchem cada vez mais das classes populares e hoje, de certa forma, dos filhos e filhas de agricultores e não dos filhos da elite. Esse ponto é outro aspecto importante a ser pensado e discutido: o lugar do trabalho manual e artesanal em nossa sociedade atual.

O artesanato e o trabalho manual fazem parte da cultura destas localidades, algo que também difunde o município de Pinheiro Machado. Porém os(as) jovens da comunidade saem de sua cidade e propriedade em busca de saberes técnicos e de qualificação para adentrarem no mercado de trabalho, muitas vezes não regressando ao trabalho na pequena propriedade.

1.4.1 O Bordado de Arpillera

A Arpillera ou Arpilharia é uma técnica de bordado têxtil chilena, qual possui raízes numa antiga tradição popular iniciada por um grupo de bordadeiras da Isla Negra, localizada no litoral central chileno. As arpilleras originais eram montadas em suporte de aniagem, pano rústico proveniente de sacos de farinha ou batatas, geralmente fabricados em cânhamo ou linho grosso, por nós conhecido como juta. Essa técnica era, também, utilizada pelas mulheres como forma de subsistência.

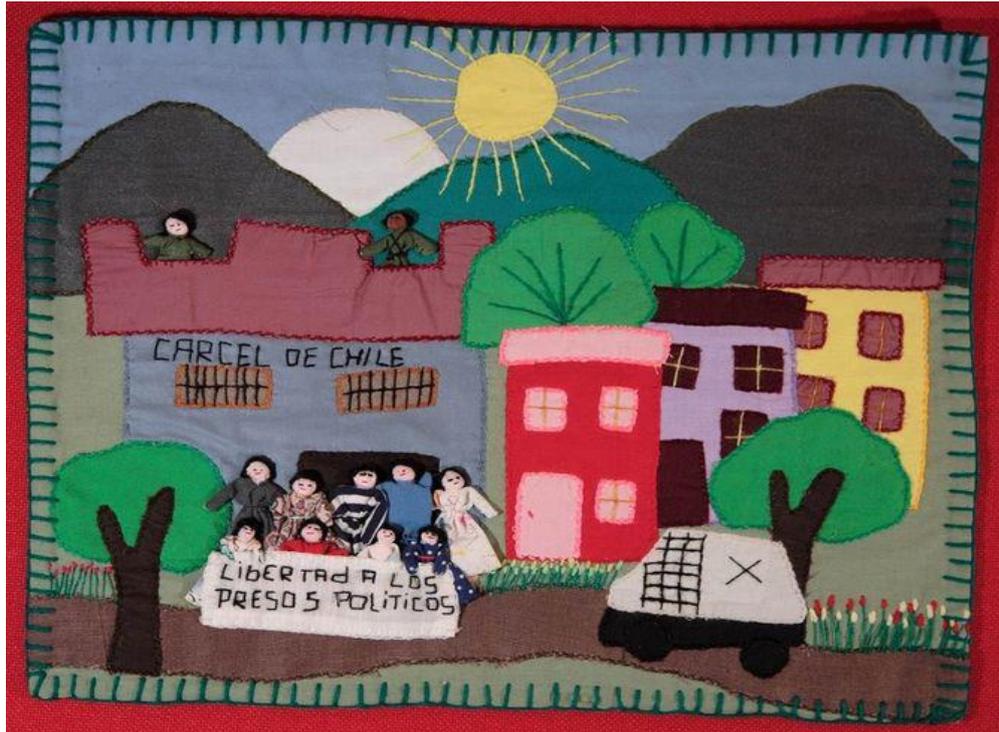


Figura 2 - Técnica de Arpillera.
 [Chile, início da década de 1980. Acervo Kinderhilfe, Chile/Bonn, Alemanha]
 Fonte: Movimento dos Atingidos por Barragens (s./d.).

Neste tipo de trabalho toda a costura é feita à mão, como forma de registrar a vida cotidiana das comunidades e de afirmar sua identidade. As arpilleras não somente representaram a expressão dessa realidade, como também se transformaram em fonte de sobrevivência em tempos adversos, em suas peças denunciando a opressão vivida. Dessa forma a Arpillera

[...] incorpora elementos tridimensionais e retalhos de tecido aplicados sobre suporte de juta, em espanhol “arpillera”, daí o nome. Nos dias sombrios da repressão militar chilena (1973-1990), as arpilleras floriram dos pátios interiores das casas e nas igrejas da periferia de Santiago. De trabalho invisível e afazer cotidiano, gritos de luta e de luto foram costurados pelas chilenas, com as roupas dos seus desaparecidos, e espalhados pelo mundo, desafiando o silêncio imposto pelo regime do General Augusto Pinochet. Desde então, a linguagem e arte de fazer arpilleras têm inspirado outras mulheres no mundo, que continuam a documentar, através da costura, tanto suas experiências vividas quanto as suas respostas a abusos globais de direitos humanos (FUNDAÇÃO MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA, 2015, s./p.).

Assim, de trabalho invisível à ferramenta política, a partir de um fazer cotidiano, as mulheres chilenas “consegiram se transformar em protagonistas da resistência contra a ditadura” (ARPILLERAS, s./d., s./p. – grifos da autora). Toda a costura é realizada à mão, utilizando agulhas e fios, sendo às vezes adicionados fios de lã à mão ou em crochê para realçar o contorno das figuras, assim como

elementos tridimensionais, como, por exemplo: as bonecas. As dimensões das arpilleras podem variar, mas a maioria segue um tamanho padrão (60X40cm), sendo este determinado pela dimensão do saco de batatas ou farinha que era usado como suporte, que cortado em seis partes possibilitava que o mesmo número de mulheres bordasse sua própria história, a de sua família e de sua comunidade. A particularidade desta técnica é o contexto político e social na qual foram criadas.

Graças às arpilleras, muitas mulheres chilenas puderam denunciar e enfrentar a ditadura desde fins de 1973. As arpilleras e as peças mostravam o que realmente estava acontecendo nas suas vidas. Segundo informações disponíveis em vários buscadores, em relação às Arpilleras, Violeta Parra (ARPILLERAS, s./d., s./p.) disse uma vez que “as arpilleras são como canções que se pintam”.

As peças eram produzidas em oficinas ligadas à igreja que as exportava e vendia em feiras solidárias na Europa e nos Estados Unidos, ajudando, além da sua difusão, a garantir uma fonte de renda mínima para estas mulheres. Com o tempo, as arpilleras têm se tornado uma das mais pungentes e estendidas manifestações visuais sobre as violações de direitos humanos, a desaparecimento dos seres queridos e a oposição ao autoritarismo ligados ao regime militar que governou o Chile até 1990.

Desde 2008, as arpilleras chilenas têm percorrido o mundo e inspirado outras mulheres a registrar e denunciar suas experiências de violação de direitos humanos. No Brasil, as arpilleras produzidas vêm sendo criadas pelas mulheres organizadas no Movimento das Atingidas por Barragens, que organizam para este ano uma exposição, oficinas e a elaboração de um filme a respeito.

Sendo assim, motivada por este contexto, esta pesquisa propõe se constituir numa experiência de arpillera com mulheres assentadas do MST, criando-se um espaço onde elas possam ‘contar’ e registrar suas próprias histórias e a do próprio Movimento através do bordado.

1.5 As oficinas de artesanato como um processo político pedagógico de artesanato

O artesanato é mais um potente elemento da pedagogia feminista para problematizar como um processo político e pedagógico. Ele possibilita não só romper com o silenciamento das lutas femininas em relação ao mundo do trabalho e suas implicações, mas também pensar juntas outras possibilidades. Deste modo, problematizar, criar e refletir sobre a educação para além dos espaços formais de ensino aprendizagem, trabalhando, assim, em oficinas coletivas de artesanato, como criação e (re)criação de suas peças e de si, utilizando-se destes espaços para, também, (re)significar o vivido e o experienciado. Além da confecção de peças artesanais, torna-se potencialmente rica a relação que se estabelece entre as participantes.

O tema da (re)significação é entendido como

[...] um ato cognoscitivo e político que promove a mudança dos símbolos, dos rituais e das ações humanas, introduzindo ou recriando significados numa perspectiva crítica, que mobilizam os indivíduos para a luta a favor da transformação social. Pelo processo de ressignificação, conservadoras práticas de rituais, velhas fórmulas de compreensão, tradicionais maneiras de exercer o poder são reconvertidas em novas forças a favor da construção de uma nova ordem social, política e cultural. É um exercício de transformação das práticas tradicionais de acomodação e de alienação para práticas inovadoras pelo restabelecimento das dimensões críticas e revolucionárias que estas trazem implícitas desde sua origem (MÜHL; ESQUINSANI, 2004, p.10).

Desta maneira, o artesanato (no caso o bordado) foi o grande artifício para fomentar a discussão sobre trabalho feminino, resistência e poder pelo viés da educação popular. Visto como uma ferramenta pedagógica que desafiou a construir novos conhecimentos, partindo das vivências e experiências, sem deixar de ser relacionado com os conhecimentos já produzidos, além de buscar novas técnicas. Ele se tornou uma ferramenta dialógica muito rica, pano de fundo problematizador da temática que envolveu esta proposta de investigação e discussão. Almejou, também, compor um “novo” produto elaborado e pensado coletivamente que, através do diálogo nas oficinas de criação e (re)criação foi possível assumi-lo como essencial à relação humana, com práxis social e política.

Tais oficinas de criação ocorreram em um assentamento do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, no interior de Pinheiro Machado, denominado Assentamento Santa Inácia. O trabalho foi realizado entre janeiro e dezembro de

2016, com uma pausa no mês de julho, devido a dificuldades de acesso à localidade. Neste assentamento já ocorre uma inserção da Universidade Federal de Pelotas, que iniciou em 2014, a partir de um projeto de extensão aprovado e financiado pelo Edital PROEXT, com o título: “*Gênero, educação e arte: artesanato, arte popular e formação em oficinas de criação coletiva*”. Atualmente, o projeto da UFPel em andamento é denominado “*Trabalho artesanal com mulheres do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)*”.⁵

Buscamos problematizar o universo feminino e as relações que se estabelecem discutindo a divisão sexual do trabalho, questões relacionadas à realidade da mulher, o seu saber-fazer-poder como um processo ético-político e formador e as vivências e experiências das camponesas assentadas – o que, de certa forma, já vem sendo realizado, porém, neste momento, propomos fazer sob a ótica do pensamento da Pedagogia Feminista, da perspectiva crítica em Educação e pela perspectiva do diálogo com o pensamento freiriano. Pois, de acordo com o que Freire nos fala, “a gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática” (FREIRE, 1991, p.58).

E como educadora popular, trabalhar pelo viés da educação não formal com estas mulheres, que em algum momento foram privadas pelas circunstâncias da vida de frequentar os espaços formais de ensino, se torna um compromisso assumido e comprometido com o ser mais delas, e também, é uma possibilidade de refletir sobre a minha práxis desde os tempos de educadora do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos – MOVA –, assim como pós-graduanda desta instituição.

O artesanato, geralmente vinculado ao universo feminino, divide opiniões, gera polêmica e discussões em torno do preconceito de gênero, de trabalho, de renda, de subjetividades, da resistência e do saber. Assim, ele é o pano de fundo para problematizar a temática que envolve a proposta de investigação.

⁵ Ele busca vincular gênero, educação e arte para contribuir em um processo de construção, de emancipação e empoderamento das mulheres, onde se realizam oficinas de artesanato com as participantes, ministrado pela Bolsista de Extensão Carla Negretto e coordenado pela Prof.^a Dr.^a Márcia Alves da Silva. O referido projeto já conta com um acervo de imagens considerável e diversas publicações divulgadas a respeito do trabalho que vem sendo desenvolvido neste e em outros espaços.

É necessário salientar outros pontos de vista que se percebe no trabalho artesanal realizado por mulheres, um deles é o de que ele aliena e serve como manutenção dos jogos de poder exercidos em nossa sociedade ainda tão machista, patriarcal e capitalista.

Tal pensamento, alguns anos atrás, permeava a construção social que muitas mulheres tinham acerca do trabalho artesanal, alvo da crítica de grupos feministas. Visto que, para muitas, ele serve como um aparelho de alienação, por ser mais uma atividade feminina realizada no espaço privado de cuidado e atenção ao lar.

Vale ressaltar que Silva (2011) traz à tona essa discussão sobre o trabalho da mulher realizado no espaço privado, onde salienta que Cèlia Amorós (1994),

[...] desenvolve a ideia de que é a partir do público que as pessoas se reconhecem e são reconhecidas como sujeitos. De acordo com essa lógica, no espaço público os sujeitos se encontram como iguais, enfim, é ali que o contrato social se estabelece. Relegadas ao espaço privado, as mulheres estão excluídas do contrato [...] as atividades ditas femininas, e que são as desenvolvidas em espaços privados, são as mais desvalorizadas socialmente, entre elas podemos situar o artesanato (*apud* SILVA, 2011, p.100-101).

Por outro lado, fomentamos a concepção de que o artesanato autoriza, permite, liberta, gera renda, permite a explosão criativa e curativa das dores físicas e da alma. Além de poder promover um processo político educativo, um trabalho elaborado, composto individual e estímulo a sororidade que Lagarde y de Los Ríos (2005b) nos fala, da empatia e reinvenção do poder que Freire aborda, bem como a luta pela emancipação feminina que Amorós também nos fala.

A questão de pesquisa está em investigar como esse saber autoriza, politiza e potencializa as experiências vividas por essas mulheres, explorando as várias técnicas de artesanato. Em especial o trabalho de “Arpillera” como um agente agregador, um saber constituído nos espaços não formais de educação que também estimula a perceber o poder do artesanato e a proporção que este saber tem na vida destas mulheres, como elas se autorizam, se articulam e se apropriam do bordado para compor e enfrentar a vida, como cria e recria, reinventa e (re)significa a vida.

Assim, por um lado, defendemos o artesanato como um instrumento, um artifício, uma estratégia da pedagogia feminista. E por outro lado, as discussões sobre opressão de gênero, de educação, de sexualidade e tantos outros assuntos a

serem problematizados durante o processo de criação e recriação de “suas peças” e de si, anunciam e denunciam o experienciado e o vivido no processo de luta pela reforma agrária, a luta pelo direito de cultivar a terra.

Quais os trajetos que buscam para si?, Como essas mulheres percebem-se produtoras de conhecimento?, Que discursos elas assumem quando autorizam-se detentoras de um saber?, Em que medida vão (re)pensando e (re)significando suas relações, contextos, saberes, espaços-territórios nas oficinas de criação?, Esse é o problema proposto por esta pesquisa. Considerando o que Freire (1983a) apresenta, em relação à pesquisa, sobre a relação entre pesquisadora e pesquisadas ser um ato educativo, um ato de conhecimento, pois

[...] tem como sujeitos cognoscentes, de um lado, os pesquisadores profissionais; de outro, os grupos populares e, como objeto a ser desvelado, a realidade concreta. Quanto mais, em tal forma de conceber e praticar a pesquisa, os grupos populares vão aprofundando como sujeitos, o ato de conhecimento de si em suas relações com a sua realidade, tanto mais vão podendo superar ou superando o conhecimento anterior em seus aspectos mais ingênuos. Deste modo, fazendo pesquisa, educo e estou me educando com os grupos populares [...] pesquisar e educar se identifica em um permanente e dinâmico movimento (FREIRE, 1983a, p.36).

Em relação ao artesanato, o mesmo expressa um grande paradoxo, na medida em que uma atividade altamente refinada e complexa surge a partir de atos mentais simples. Segundo Richard Sennett (2013), três habilidades são essenciais ao labor artesanal. São elas: as capacidades de localizar (tornar algo concreto, especificar), questionar (refletir sobre suas qualidades, investigar) e abrir (expandir o seu sentido, “abrir-se para”). O último é o que aqui interessa, pois o “*abrir-se para*” diz respeito a estar aberto às possibilidades de fazer as coisas de maneira diferente, de criar, de aprender e de mudar.

Nesta pesquisa, o bordado aparece como tema potencializador do “artesanato de si” na perspectiva das múltiplas possibilidades de criação e reflexão sobre o vivido, bordando e costurando saberes, produzindo o produto em si e compondo com ele outras possibilidades do existir. Os *retalhos* são elementos do que pode ser criado, que é potencializado na criação e recriação, os quais muitas vezes são pedaços de suas roupas desgastadas e já não mais usadas, assim como a juta e os demais materiais.

As arpilleras originais eram montadas em suporte de aniagem, pano rústico proveniente de sacos de farinha ou batatas, geralmente fabricados em cânhamo ou linho grosso, por nós mais conhecido como juta. Toda a costura é feita à mão, utilizando agulhas e fios. Importante ressaltar que nos primórdios dessa construção as primeiras bordadeiras usavam como tecidos nos bordados as roupas dos seus familiares desaparecidos políticos no período da ditadura chilena. Por isso, constituem um trabalho que não só é uma peça artesanal com fins estéticos, mas uma forma de expressão popular, de luta, de resistência e, muitas vezes, de denúncia – por isso o seu caráter político.

Através do artesanato, do ato de “artesanar” as mulheres produzem saber, poder, empoderam-se, escrevem suas histórias, tramam seus fios da existência nos encontros vividos com o outro (outro social, natureza, acontecimentos, o que produz efeitos nos corpos, maneiras de viver). Para aqueles que habilidosamente trabalham com as mãos, elas estão intimamente ligadas à expressão, elas expressam um pensamento, externalizam aquilo que intimamente é desejado, potencializam suas ações, de todos os membros do corpo humano, projetam seu ser e estar no mundo.

Desta maneira, quando pensamos em educação, levamos em conta essas questões intrinsecamente ligadas numa concepção de educação libertadora, por acreditar que

[...] a educação que propomos, em decorrência de nossa opção política é uma educação que venha a ser construída hoje a partir desse debate amplo, desse caminhar juntos de todos os educadores que somos, e não só pelos professores, mas também pelos pais, alunos, jornalistas, políticos, enfim, por toda **a sociedade brasileira se repensando** (GADOTTI; FREIRE; GUIMARÃES, 1985, p.26) [grifos do autor].

Assim, quando discutimos essas questões relevantes durante as oficinas, também estamos engrossando “a luta pelo vencer, no sentido de mudar a história” (GADOTTI; FREIRE; GUIMARÃES, 1985, p.32), pois somos políticos e, nesta perspectiva, há uma especificidade da pedagogia, principalmente quando discutimos exploração, opressão e trabalho. Além disso, não deixamos de ser educadoras e educadores, somos educadores em todo lugar, como nos lembra Freire (1985), e nossa postura política nos acompanha em todos os nossos atos, em qualquer situação em que nos encontramos e nos encontremos.

Sendo assim, “o educador revolucionário tem no método um caminho de libertação, e é por isso que, na medida do possível, ele discute com o educando a apreensão do próprio método de conhecer” (GADOTTI; FREIRE; GUIMARÃES, 1985, p.65). Dessa forma, o educador ou a educadora assume seu compromisso com a sociedade, com a classe trabalhadora, buscando reinventar o poder.

Para que o processo seja de fato produtor de novos conhecimentos, a participação de todos, no caso todas é fundamental. Para isso a leitura de mundo e de classe, o conhecimento da realidade é essencial, pois

[...] não há outro caminho senão o de partir precisamente do lugar em que a classe trabalhadora se acha. Partir do ponto de vista da sua percepção do mundo, da sua história, do seu próprio papel na história, partir do que sabe para poder saber melhor, e não partir do que sabemos ou pensamos que sabemos (GADOTTI; FREIRE; GUIMARÃES, 1985, p.69).

Contribuir com o processo de empoderamento e emancipação das mulheres das classes populares, a partir do que problematizamos durante as oficinas de artesanato, passaram a ser não só uma fonte de renda, mas também, é uma possibilidade de pensar-se e repensar-se em suas relações no e com o mundo, conseqüentemente com os outros. Romper com o silenciamento das lutas femininas em busca de equidade também é um dos objetivos deste trabalho, que assume seu caráter político e ideológico na desconstrução da lógica patriarcal imposta pelo sistema capitalista e neoliberal, em que o patriarcado fere, mata e machuca todos os dias, infelizmente. Por isso, a necessidade do feminismo e suas contribuições para uma educação libertadora e revolucionária.

Sobre a reinvenção do poder, na obra *Pedagogia: Diálogo e Conflito* de Moacir Gadotti, Paulo Freire e Sérgio Guimarães (1985), a abordagem é de suma relevância, pois estabelece a dialética entre o professor enquanto técnico e o professor enquanto político. Para ambos, essa dialética define o papel do educador e da educadora na sociedade, pois ela é histórica e é social ao ser assumida por educadoras e educadores e potencializada pelo ato revolucionário de educar. Pois para eles existe uma distinção fundamental entre um educador reacionário e um revolucionário. Segundo os autores, o educador revolucionário

[...] não se considera possuidor do objeto de conhecimento, mas conhecedor de um objeto a ser desvelado e também assumido pelo educando [...] o educador revolucionário tem no método um caminho de

libertação, e é por isso que, na medida do possível, ele discute com o educando a apreensão do próprio método de conhecer (GADOTTI; FREIRE; GUIMARÃES, 1985, p.65).

Esta compreensão não deixa de ser uma concepção revolucionária, ela assume um profundo compromisso e comprometimento com a classe trabalhadora e com a sociedade. Pois quando as oficinas coletivas de criação são pensadas, planejadas e concebidas com esse viés de refletir sobre nosso ser e estar no mundo, para além das nossas relações de trabalho, elas abordam as questões sociais também. Por isso, pensar a reinvenção do poder sob este ponto de vista implica dizer que esta reinvenção só é possível se “as massas populares têm uma participação ativa e crescente crítica no processo de aprendizagem de serem críticas, ou o poder não será reinventado” (GADOTTI; FREIRE; GUIMARÃES, 1985, p.67). Ou seja, a intenção é que à medida que estas camponesas trazem sua leitura de mundo e apropriação do vivido e experienciado em suas labutas diárias, seja a luta e conquista pela terra entre tantos outros direitos, trazendo seus compartilhamentos para as oficinas de criação, percebam-se criticamente enquanto sujeitos históricos, almejando uma reinvenção do poder, processo este que se dá coletivamente, mas também individualmente.

Essa percepção crítica das mulheres se faz necessária para que possam se assumir comprometidas com o seu estar no e com o mundo. Pois

É preciso que seja capaz de, estando no mundo, saber-se nele. Saber que, se a forma pela qual está no mundo condiciona a sua consciência deste estar, é capaz, sem dúvida de ter consciência desta consciência condicionada. Quer dizer, é capaz de intencionar sua consciência para a própria forma de estar sendo, que condiciona sua consciência de estar (FREIRE, 1983b, p.16).

Esse processo de tomada de consciência em relação à adaptação que ao longo da história as mulheres foram submetidas é interessante ser levado em conta, pois durante as oficinas propõem-se um distanciamento do vivido, para nele emergir, admirá-lo e buscar a sua transformação. Freire (1983b, p.17) nos diz que

Somente um ser que é capaz de sair de seu contexto, de “distanciar-se” dele para ficar com ele, capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação; um ser que é e está sendo no tempo que é seu, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isto, de comprometer-se. [...] é exatamente esta capacidade de atuar, operar, de transformar a realidade de acordo com finalidade propostas pelo homem, à qual está associada sua capacidade de refletir, o que o faz um ser de práxis.

Assim, esta dissertação está comprometida com a transformação da vida de mulheres assentadas no interior do extremo sul do Brasil e o seus processos de empoderamento. Propõe analisar o artesanato como um processo político pedagógico, levando em conta não só a produção dessas artesãs assentadas, mas todo o seu capital social, cultural e intelectual. Dessa forma, a investigação desenvolvida teve a pretensão de problematizar a seguinte questão: pode o artesanato ser uma forma de reinvenção do poder, como um ato revolucionário de luta, resistência, práxis e (re)significação de si, contribuindo para emancipação deste grupo de mulheres?

Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam.
Paulo Freire (1987, p.23).

2. O alinhavo estruturante: as questões teórico-metodológicas

Desenvolver os pressupostos da educação comprometida com a educação libertadora/transformadora dos sujeitos é a ideia deste capítulo, além disso contextualizar os movimentos sociais, a educação popular em diálogo com a proposta pedagógica feminista. Dessa forma, aproximar as duas pressupõe, além de uma proposta política de educação comprometida com os movimentos sociais, promover uma discussão filosófica.

2.1 Os movimentos sociais e o Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Terra

Segundo Streck (2009), a pedagogia do movimento tem características pontuais, entre elas a leitura de mundo desde o interior das práticas sociais, a itinerância ou “andarilhagem” e a ampliação de fronteiras do “ser mais” a partir dos movimentos sociais como forças instituintes. Ressaltando que Paulo Freire reconhece os movimentos sociais como as forças por excelência capazes de alterar situações de injustiça construídas na história, a partir de interesses que passaram a

ser naturalizados, como é possível ver no Dicionário Paulo Freire (2010 *apud* STRECK, 2009) uma abordagem a respeito do tema. Sabemos da diversidade que compõem os movimentos sociais, das diferentes concepções ideológicas e das pautas de lutas, porém, o papel central deles também é o desenvolvimento da percepção e leitura de mundo. Streck (2009) fala, ainda, que uma das trajetórias dos movimentos sociais, de acordo com a pedagogia freiriana, é

[...] o desenvolvimento da ótica de leitura de mundo, na qual os movimentos sociais populares desempenham um papel central. São eles que propiciam o óculos para conhecer a realidade, mesmo que os patrocinadores de projetos e programas sejam órgãos de governo ou, mais tarde, organizações não governamentais (STRECK, 2009, p.167).

A emergência do popular se funda no panorama latino americano das décadas de 50 e 60. Segundo Brandão (2001) e Paludo (2001 *apud* STRECK, 2009), é neste período que a educação passa a ser vista como instrumento para as classes subalternas ocuparem um lugar na sociedade, lugar este que lhes era negado até então. Conviver com um grande número da população ignorante e analfabeta não era interessante para o desenvolvimento econômico na época. Nesse contexto, era importante que os operários da indústria fossem minimamente alfabetizados para poderem desenvolver suas atividades, o que influenciava também no panorama das disputas políticas.

A política populista na época propôs adaptar as massas dentro da estrutura da sociedade, sem alterar a essência. E, neste quadro, os espaços de participação popular foram fugindo do controle e o processo de tomada de consciência ultrapassou os parâmetros previstos, pois além de estimular a mobilização das massas, a pressão popular aumentou através dessas mobilizações; tanto na busca pela garantia de seus interesses, bem como de poder realizar as mudanças e as reformas desejadas.

Isso quer dizer que a mobilização das classes populares deu início a um processo de luta pela transformação social porque já não era mais conivente com a cultura do silêncio e da opressão, derivado e marcado por um passado colonial. Esses movimentos de organização popular ganham força ao redor do mundo com um “caráter de preocupação ineludível”, como diz Freire (1999, p.29) em *Pedagogia do Oprimido*,

Os movimentos de rebelião, sobretudo de jovens, no mundo atual, que necessariamente revelam peculiaridades dos espaços onde se dão, manifestam, em sua profundidade, esta preocupação em torno do homem e dos homens, como seres no mundo e com o mundo. Em torno do que e do como estão sendo. Ao questionarem a “civilização do consumo”, ao denunciarem as “burocracias” de todos os matizes; ao exigirem a transformação das Universidades, de que resulte, de um lado – o desaparecimento da rigidez nas relações professor-aluno; de outro – a inserção delas na realidade; ao proporem a transformação da realidade mesma para que as Universidades possam renovar-se; ao rechaçarem velhas ordens e instituições estabelecidas, buscando a afirmação dos homens como sujeitos de decisão, todos estes movimentos refletem o sentido mais antropológico do que antropocêntrico de nossa época (FREIRE, 1999, p.29-30).

Streck (2009) aponta cinco elementos que, segundo Freire (1999), nos levam a compreender os movimentos sociais:

- a) Eles são portadores de uma rebeldia que impulsiona as mudanças na sociedade, rebeldia no sentido da justa raiva, da indignação;
- b) Eles são localizados, respondem a desafios específicos, relacionados a uma classe, a um grupo social, a uma questão social emergente;
- c) Eles têm uma preocupação essencial, de caráter universal, na grande maioria há uma busca pela humanização;
- d) Eles são lugares de constituição do homem e da mulher como sujeitos, como alguém que diz a sua palavra;
- e) Eles ultrapassam uma visão antropocêntrica e avançam na discussão em torno da centralidade da cultura e valorização das diferenças, onde a própria vida é a possibilidade para uma educação humanizadora porque toda ação política é também uma ação pedagógica que não é neutra.

Assim, conforme Freire (2009),

[...] se temos uma opção política de compromisso com a classe trabalhadora, temos um sonho, uma utopia. Meu sonho não é apenas a tomada do poder: mas a reinvenção do poder. A tomada de poder pode implicar na reprodução ideológica do velho poder autoritário. Mas é preciso, sim, reinventá-lo completamente de maneira democrática (FREIRE, 1984, p.6 *apud* STRECK, 2009, p.173).

Por isso a importância de trabalhar a leitura de mundo nas oficinas de artesanato, pois ela é uma “possibilidade que mulheres e homens ao longo de sua história criaram de inteligir a concretude e de comunicar o inteligido” (FREIRE, 2000, p.42). Isso faz parte do ser e estar no mundo. Pois, nos constituímos

[...] como mulheres e homens a partir de compreensões da realidade que vamos formando desde que nascemos, através de um complexo conjunto

de lentes que herdamos, e que, ao mesmo tempo reconstruímos, de forma sempre original. Se não podemos negar o caráter formativo das experiências, precisamos também reconhecer que esta formação não ocorre de modo mecanicista e, muito menos, pré-determinada (STRECK, 2009, p.173).

Por isso salientamos o pressuposto de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra e que o exercício da última não poderia estar dissociada da primeira. Sendo assim, o que é relevante não é se lemos a realidade ou não, mas qual a ótica e a partir da qual a mesma é feita. Ressaltando a consciência de que em uma sociedade capitalista, da qual ainda fazemos parte, são os interesses do capital que norteiam o Estado e não as reais necessidades e interesses daqueles que vivem à margem dos processos produtivos e de consumo ou ainda aqueles que integram de forma subalterna tais espaços.

Em razão disso, a importância da pedagogia crítica estar presente junto aos espaços de formação, abolindo a ideia de mero treinamento e evidenciando uma formação técnico-científica pedagógica de cunho político, em que a prática educativa esteja comprometida com os movimentos sociais, neste caso o movimento feminista e o movimento dos trabalhadores sem terra – este último que surge nas margens da legalidade e que luta pela garantia e acesso a possibilidade de cultivar a terra, para além de uma práxis social.

Freire (1983b) lembra que a ideia de movimento está presente na própria etimologia de educação: trata-se de um movimento de fora para dentro e vice-versa, que corresponde à tensão entre autoridade e liberdade. O lugar do oprimido, na sua provisoriedade como momento de passagem, requer um constante reinventar-se.

Há os que se deslocam porque querem [os viajantes, os turistas], os que se deslocam porque creem [os peregrinos, romeiros], os que se deslocam porque precisam [os migrantes da fome, os exilados] e há os que se deslocam porque devem [os engajados - para usar uma expressão cara aos dos anos 1960 - os comprometidos com o outro, com uma causa (STRECK, 2009, p.182).

O movimento pedagógico dos movimentos sociais representa muito mais do que a resistência às margens da sociedade, por isso, nesta pesquisa ganharam o caráter político da ação educativa. Enriquecida com as vivências e experiências das mulheres camponesas assentadas, problematizando nas suas arpilleras o seu processo histórico na construção do seu ser mais, denunciando e anunciando em suas peças a luta, a resistência e a utopia. Situações estas contextualizadas,

problematizadas e historicizadas, que com as contribuições do Movimento Feminista pretendem proporcionar espaços para articulações de seus processos de emancipação individual e coletiva, proporcionando leituras de mundo, dizendo a sua palavra, criando e (re)criando suas histórias interligadas ao princípio educativo do artesanato popular, dos movimentos populares e da transformação social.

Tudo isso partindo de ricas rodas de conversa em que os problemas sociais enfrentados pelas mulheres puderam ser discutidos, debatidos, enfrentados e problematizados de forma a resolvê-los, propiciando um espaço para criar laços de cumplicidade e sororidade, de empatia e de transformação. Para isso, os princípios da educação popular foram essenciais para realização desta investida.

Sabemos que o capitalismo se mostra cada vez mais desumanizador e cruel em sua lógica social e econômica, ainda mais quando levamos em conta o legado patriarcal e opressor deste sistema que todos os dias mata, fere e oprime mulheres ao redor do globo. No entanto, é essencial entender e intervir em nossa realidade para compreender e projetar experiências que se coloquem na perspectiva de construir outras alternativas para transformar o social, modificar e (re)significar a história de mulheres na construção de caminhos possíveis para a emancipação humana.

Sendo assim, pensando nas histórias de vida dessas assentadas Sem Terra e os espaços de criação como uma relação importante para o processo político pedagógico de formação de todas participantes, Caldart (2004, p.32) chama de

[...] uma *coletividade em luta* (Schmitt, 1992) que se produz como uma identidade que primeiro é política, mas que se torna também cultural à medida que recupera raízes, recria relações e tradições, cultiva valores, inventa e retrabalha símbolos que demonstram os novos laços sociais, e assim faz história. [grifos da autora].

A participação destas mulheres como sujeitos no movimento produz uma identidade coletiva que as acompanha, pois essa identidade foi recriada e (re)significada no processo de luta social, como classe e como um projeto de sociedade, de futuro. Segundo Caldart (2004), estes indivíduos compreendem-se sujeitos sociais por se constituírem nesta coletividade, dentro de um determinado contexto. A pesquisa tentou investigar esse processo sob o foco do trabalho e da divisão sexual do trabalho, percebendo as relações de gênero, buscando perceber

como essas mulheres percebem-se sujeitos socioculturais no processo de luta e conquista da terra. Já que formadas pela dinâmica da luta pela terra e pela reforma agrária, podem também ser compreendidas como “um novo sujeito sociocultural” por estarem ligadas a uma luta social concreta, produzindo novos padrões que rompem com a cultura capitalista hegemônica.

Refletem, buscam e se preparam para criar possibilidades de mudanças profundas e significativas na sociedade. Mas e as relações de gênero? Sabemos que, de acordo com Caldart (2004),

[...] a expressão *sujeitos socioculturais* para frisar uma possível diferença de sentido, em relação à produção de cultura a partir da vivência cotidiana mais simples... pessoas simples e de esperança e propostas comuns que, por decidirem participar de uma luta que envolve a sua sobrevivência social e individual, por isso adquirem essa dimensão de radicalidade, acabam se constituindo em uma coletividade que os torna sujeitos *capazes de esperanças e propostas* (CALDART, 2004, p.35-36) [grifos da autora].

Então, quem são estas mulheres, sujeitos socioculturais formadas e transformadas pela pedagogia do Movimento? É importante dizer que o Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Terra é uma referência no Brasil e fora dele como um exemplo de luta e organização pela reforma agrária, na busca de direitos e dignidade humana. Entretanto, para alguns é visto como algo a ser extinto, pois provoca incomodidade no governo, nas elites em geral e nos grandes latifundiários.

É um movimento social articulado, atento, organizado de forma autônoma. É visto por muitos como radical em suas práticas, que também historicamente foi se compondo pela postura e organização de seus militantes, pela força de seus gestos e a grandeza da sua bandeira de luta, pela riqueza de seus símbolos, pela sua identidade, que mantém o jeito simples próprio dos povos do campo. Como diz Caldart (2004), é pela forma diferente de pensar de seus militantes, de perceberem-se sujeitos históricos, sujeitos da luta de classes que lutam não só pela reforma agrária, mas por um mundo mais justo e digno, para aqueles que vivem às margens da sociedade.

Ainda, segundo Caldart (2004),

A principal força desse Movimento vem do contexto político, econômico ou sociocultural que o produz com determinadas características e não outras.

O MST está se tornando um símbolo de contestação social não simplesmente por que contesta ou pelo jeito que contesta. Sua contestação adquire força cultural e simbólica, porque suas ações se enraízam em uma questão social que é forte e justa. Forte porque mexe com a própria estrutura social de um país historicamente marcado pelo latifúndio, parente da escravidão. Consensualmente justa, porque não há argumentos éticos contra a ideia de que a terra, bem natural e carregado de uma simbologia quase mágica, deve estar nas mãos de quem a deseja trabalhar e a fará produtiva, aplacando a fome de milhões de pessoas (CALDART, 2004, p.28).

O movimento surgiu no Brasil em 1979, em Santa Catarina, e estendeu-se para todo o país ao longo dos anos 80 e 90, quando se tornou o movimento popular mais importante da federação. Nasceu de duas matrizes fortes, as raízes na luta do campesinato brasileiro e a religiosa, com a participação da Igreja, a Pastoral da Terra, porém totalmente interligadas. A primeira relacionada ao contexto dos lutadores sociais do campo e a segunda mais ligada a Teologia da Libertação, os lutadores do povo.

Sendo assim, é possível observar que um traço forte ligado à cultura de lutas sociais é o de que os movimentos se fortalecem em sua base. As primeiras ocupações de terra ocorreram em 1979 e a que teve apoio da sociedade e maior visibilidade foi a de Encruzilhada Natalino, em 1981, aqui no Rio Grande do Sul.

A estratégia básica dos Sem-Terra era a ocupação de terras improdutivas, públicas ou particulares, criando um fato político que levava a pressionar os órgãos públicos a negociarem com o movimento e a promover seu assentamento definitivo na terra, através da concessão de títulos de posse... as ocupações eram sempre planejadas com muita antecedência. Ela também tinha um forte aparato organizacional à base da atuação de comissões. Hinos, gritos de alarme, estratégias contra a repressão, estudos sobre o solo, a distribuição de lotes, a irrigação, serviços coletivos, etc., tudo era cuidadosamente planejado antes da entrada massiva na área (GOHN, 1995, p.66-67).

Essas estratégias orientam o processo de luta pela terra em suas pautas e investidas. Segundo Gohn (1995), o Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Terra teve três fases bem distintas:

[...] de 1979 a 1985 - luta pela terra entendida como luta pela Reforma Agrária; de 1985 a 1988 – o movimento adquire caráter nacional, organizando-se nos estados onde há lutas e ocupações; e de 1988-1994 – quando o lema básico da luta passa a ser: ocupar, resistir, produzir (GOHN, 1995, p.67).

O processo de auto-organização social perpassa diversas áreas, a educação é uma delas, em diferentes dimensões, e passa a ter um lugar central dentro do

Movimento. Em 1989 houve a criação de uma Fundação Educacional no Estado do Rio Grande do Sul, por entidades privadas, a FUNDEP, cuja proposta essencialmente política de formação e concepção da vida e das relações, a educação era vista como um processo inacabado de ser mais, com pontos bem relevantes abordados, desde a preparação para o trabalho no campo, passando pelos valores humanos, relação com a natureza, leitura de mundo, práticas sustentáveis, entre outros. Também salientava-se o papel do educador como um militante e da escola como um espaço para formar militantes, para mística e luta popular, pois ela é vista como um lugar de vida e de reflexão sobre a vida, sob o ponto de vista da ética.

Portanto, as ações coletivas dos movimentos sociais buscam superar as crises do sistema capitalista, organizando-se à margem, na contramão da acumulação de bens e materiais. Luta esta que se baseia na noção dos direitos sociais, pois elas e as ideologias, além das políticas dos movimentos, podem alterar as forças dominantes, tornando-se cada vez mais espaços de resistência e militância pela vida, almejando outra sociedade possível, com condições mais dignas e justas para todas as esferas sociais.

2.1.1 Sobre a organização e a estrutura do Assentamento Santa Inácia

a) Quanto ao histórico e origem da população

O assentamento Santa Inácia, localizado no interior do município de Pinheiro Machado, RS, conta com uma área total de 550,10 hectares, a área média dos lotes de 30,5ha, localizado a 21,3 Km da sede do município. No dia 09 de dezembro do ano de 1997 chegaram ao município 18 famílias vindas de várias regiões do estado (Carazinho, Miraguaí, Seberi, Pinheiro Machado), sendo todas pertencentes ao acampamento Santo Antônio do MST, do município de Santo Antônio das Missões - RS, para iniciar o projeto de assentamento Santa Inácia, tendo o INCRA como órgão responsável pelo projeto.

Devido a várias dificuldades, como as famílias morando em barracos, o difícil acesso e, ainda, a demora na liberação de recursos, não se adaptaram à região. Várias famílias foram embora abandonando os seus lotes. Foi considerado pelo órgão responsável (INCRA) que podia ser incluída mais uma família e, assim, totalizaram 19.

A maioria dos assentados é oriunda do meio rural, filhos/as de arrendatários, posseiros, peões, capatazes e pequenos proprietários. Suas histórias são quase todas as mesmas, caracterizam-se pelas grandes dificuldades enfrentadas desde a infância até hoje. Alguns deles trabalhavam com os pais em pequenos pedaços de terra, porém essas terras se tornavam insignificantes quando eram divididas com seus irmãos, outros empregados rurais de baixa renda e arrendatários de pequenas propriedades.

Depois de algum tempo vivendo de forma precária, tentaram a sorte na cidade, porém, devido à pouca qualificação, só conseguiram subempregos de baixos rendimentos como servente de pedreiro, carpinteiro, pintor, mecânico, etc. Este fato agravou ainda mais a situação, pois aumentaram as despesas com alimentação e aluguel, encarecendo ainda mais os custos de vida.

O empobrecimento ficou mais grave e o acampamento e posterior assentamento foram vislumbrados como solução, mesmo porque dentre estas famílias observam-se também algumas que vieram diretamente do campo para o acampamento, geralmente porque já tinham amigos ou parentes assentados.

Logo que chegaram, eles enfrentaram várias dificuldades, vindo a continuar na luta não só pela terra, mas também por uma vida de cidadania no assentamento, conquistando neste período o projeto para luz, moradia, escola, estradas e outros. Sendo que hoje todas as famílias têm acesso à eletrificação, casa e podem produzir seu próprio alimento.

Atualmente, as famílias estão vivendo em condições dignas, conquistadas pela sua luta e seu esforço. A produção de autossustento é uma das principais em termos de consumo, em termos de renda mensal o “carro-chefe” é a produção leiteira.

b) Quanto à organização social**- Estrutura política organizativa interna:**

O Assentamento Santa Inácia está organizado de forma grupal, sendo que o número de famílias é pequeno (por volta de 17). Eles se reúnem em assembleia onde são realizadas as discussões políticas e sobre a organicidade do Assentamento, sendo que tem um representante ou coordenador.

- Estrutura Regional:

O Plano de Assentamento – PA – está vinculado à instância organizativa do MST na Regional de Piratini, com a participação de um dirigente regional e um dirigente estadual.

- Estrutura social:

No Assentamento existe uma comunidade católica, na qual as famílias se reúnem para celebrar as missas. Possui um time de futebol chamado Esporte Clube Santa Inácia, que disputa torneios no assentamento e em seu entorno. Existe também um grupo organizado de produtores de leite. Atualmente existe um grupo de artesãs formado pelas mulheres do assentamento, que se autodenomina “Guerreiras da Arte”.

- Estrutura econômica:

A Associação “Nova Esperança” é uma associação não formal que está desativada. As famílias consideram uma boa alternativa reativá-la, mas não existe um incentivo para que viabilize a regularização.

c) Quanto à Infraestrutura Física, Social e Econômica

A infraestrutura do PA Santa Inácia pode ser considerada boa. Existe acesso à energia elétrica monofásica para todas as residências, mas não há abastecimento com água encanada, ela é obtida individualmente de cacimbas e vertentes. As

residências são de alvenaria, estão no projeto habitação da Coceargs/Caixa. Existe um campo de futebol construído pelas famílias do PA, onde se reúnem nos finais de semana para jogar futebol e também fazer torneios com outros times de fora do PA.

d) Sobre os Serviços Sociais Básicos

- Educação

O acesso à educação do PA Santa Inácia é regular. O ensino fundamental é oferecido na escola Polo Escola São João Batista, distante aproximadamente 18km do PA. Para o ensino médio os alunos são transportados para a cidade todos os dias para frequentar as aulas através da secretaria municipal de Educação.

- Saúde e Saneamento

As famílias do PA Santa Inácia recebem assistência médica de médicos municipais que os visitam uma vez por mês no PA. Para os casos de emergência, realizam consultas no posto municipal ao lado da Escola Polo, há 18km, que tem dois dias da semana ônibus para o transporte.

O acesso ao saneamento ainda é limitado. A água consumida pelas famílias é oriunda de cacimbas e vertentes, não sofrendo tratamento antes do consumo, embora seja aparentemente de boa qualidade. Há escassez nas épocas mais secas, apesar da existência de caixas d'água na maioria dos lotes.

Dentro do PA Santa Inácia o destino do lixo se dá da seguinte forma:

Lixo Orgânico: Horta e animais;

Plásticos e papéis: Queimados;

Latas e vidros: Enterrados.

O município não tem nenhuma política específica de recolhimento do lixo na zona rural, o que vem a trazer problemas, como contaminação do meio ambiente e lixo (plásticos e papéis) ingerido por animais, podendo causar morte.

- Lazer/Cultura

Na parte de lazer e cultura as famílias desenvolvem atividades como festas de comemoração de aniversário do Assentamento, reuniões dançantes, bingos beneficentes, torneios de futebol, jogo de bocha e festas juninas na sede.

- Habitação

As 19 famílias do PA possuem casas de alvenaria, estão no projeto de habitação da Coseargs/Caixa e estão terminando as reformas das casas. As casas de reforma apresentam fossa séptica, caixa de gordura, conjunto sanitário completo, cobertura de brasilite, instalação hidráulica e elétrica e piso.

e) Algumas considerações sobre o relatório

No ano de 2010, já era ressaltado que no aspecto relacionado à Cultura e Lazer as potencialidades do assentamento poderiam explorar mais outras atividades sociais que atendessem as solicitações dos e das assentados/as. Pois o assentamento dispunha de uma sede onde poderiam ser desenvolvidas atividades culturais, como jogos, bingos e estudos políticos. Também salientava a existência de mulheres interessadas em realizar trabalhos com artesanato, formação, oficinas e outros. Naquele momento, os dados já apontavam que era de suma importância começar um debate com as mulheres interessadas em trabalhos com artesanato e dar início ao processo de criação do grupo, que em 2013 se consolidou e se autodenominou "GUERREIRAS DA ARTE", com um total de 20 participantes. Até o momento várias oficinas já foram realizadas, entre elas: Cestaria em Jornal (baleiros, cestas, porta-retratos, mesas, enfeites para casa, porta-lápis); Pintura em tecido, Biscuit, Dècoupage, Tapeçaria em Malha; Mosaicos utilizando cascas de ovos em caixas de MDF; Fuxicos em tecido (chaveiros, sachês, tiaras, bonecas, etc.); Reciclagem com garrafas PET (casas para passarinho, porta guardanapos, porta-sacolinhas, etc.); Artesanatos com Palha de milho; e, Trabalhos com EVA (ímãs para geladeira, porta pano de copa, etc.).

2.1.2 As assentadas e o artesanato, conhecendo melhor as Guerreiras da Arte

Desde o ano de 2013, com o incentivo do programa de extensão denominado “*Gênero, educação e arte: artesanaria, arte popular e formação em oficinas de criação coletiva*”, que buscava articular diversas iniciativas partindo do tripé “gênero, educação e arte”, oficinas de artesanato começaram a ser promovidas e acompanhadas por um grupo de extensionistas da UFPel, sob orientação e coordenação da Prof.^a Dr.^a Márcia Alves da Silva, financiado pelo Edital PROEXT 2014.

Com caráter interdisciplinar, buscou articular estudo de gênero e arte-educação, envolvendo bolsistas e a comunidade, proporcionando cursos de artesanato popular com duração de 10 horas para cada oficina realizada, que seguem acontecendo duas vezes por mês no Assentamento Santa Inácia e em outros assentamentos participantes. O nome surgiu do próprio grupo de mulheres, pois no início dos trabalhos foi sugerido a elas que buscassem um nome que as representasse e que pudesse dar conta das particularidades do grupo, assim surge o grupo “Guerreiras da Arte.”



Figura 3 - Grupo de mulheres assentadas do Assentamento Santa Inácia, Out/2015.
[Guerreiras da Arte]
Fonte: acervo do projeto, 2015.

Como já foi mencionado anteriormente, o projeto em andamento “*Trabalho artesanal com mulheres do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)*” foi um resultado do referido programa de extensão. Hoje o grupo de participantes é constituído, em média, por 12 mulheres e todas do interior do município de Pinheiro Machado.

O projeto vincula gênero, educação e arte para contribuir em um processo de construção de emancipação e empoderamento das mulheres. Além disso, o projeto visa destacar que a intencionalidade de realização do mesmo também está pautada no processo de participação e colaboração entre todas e todos os sujeitos envolvidos, pois é

Importante salientar a sensibilidade que a equipe da Universidade procura ter com as mulheres envolvidas, reconhecendo seus saberes e incorporando seus desejos e opiniões em todo o processo, isso quer dizer que partimos do conhecimento delas, jamais impondo nosso olhar sobre o grupo, mas sim construindo com o grupo a caminhada coletiva de todas as envolvidas, sejam tanto as assentadas como as próprias acadêmicas. As oficinas de artesanato realizadas pelo Proext tem atuado em diferentes áreas da vida de mulheres assentadas, desenvolvendo a criatividade, a coordenação motora, tem ajudado a controlar a ansiedade, aumentando o poder de concentração, além de fornecer a imensa satisfação em cada mulher de se verem capazes de criar peças lindas com as próprias mãos. Além disso, os momentos coletivos possibilitam a troca de experiências de vida dessas mulheres, constituindo-se num fortalecimento delas enquanto grupo. Acreditamos que o coletivo é muito mais do que a soma de diversos indivíduos, mas que, no caso das mulheres envolvidas, o coletivo possa contribuir para um amadurecimento nas lutas de gênero, articuladas ao movimento MST, do qual elas fazem parte (PROJETO DE EXTENSÃO, 2014, p.4).

O projeto se propõe a apoiar as atividades no sentido de aproximar essas mulheres. Estimula um melhor convívio social, em que não só amplia e fortalece essas relações, mas colabora no sentido de garantir um espaço em que “a luta pelo direito de aprender o novo” e “a serem protagonistas de suas próprias histórias, comprometidas com a transformação da realidade onde vivem” é possível, criando uma identidade de grupo. Durante a confecção das peças e a manipulação dos materiais é possível perceber que o acabamento das peças, sutilmente, revelam a capacidade física e psicomotora que a participante se encontra.

Segundo dados do projeto, essa conclusão é possível, devido ao fato de que

Algumas delas nunca tiveram a chance de frequentar uma escola, nem tão pouco foram oportunizadas com aprendizagem de artesanias populares ao longo da vida, isso responde ao fato da dificuldade que elas tiveram em

manusear tesouras, linhas e agulhas no início do projeto. Mas tudo isso já vem sendo trabalhado em interesses de melhorias pelas próprias participantes que com muita dedicação, entusiasmo e uma pitada de perfeccionismo, vem conseguido ao longo dos meses superar suas habilidades (NEGRETO;SILVA, 2015b, p.4-5).

Nessa direção, nossa contribuição enquanto “academia” passa a ter sentido quando trabalhamos comprometidas para além de nossas descobertas, nossas pesquisas, nossos estudos, mas que possa reverter-se para as classes populares de forma significativa, fortalecendo a organização e as relações de poder dessas classes, desvendando a realidade e almejando a transformação social desses grupos, no sentido de perceberem-se sujeitos históricos.



Figura 4 - Grupo de mulheres assentadas do Assentamento Santa Inácia, Out/2015
[Conhecendo pessoalmente o grupo de mulheres.]
Fonte: acervo da pesquisa, 2015.

No caso das oficinas, além dessas mulheres buscarem sua autonomia econômica, elas não deixam de lado suas atividades no lar e na agricultura, fortalecendo não só a luta pela reforma agrária, mas o cultivo de alimentos orgânicos, trocando sementes crioulas e saberes empíricos possíveis de perceber em cada encontro quando trocam experiências e informações entre a criação de uma peça e outra. É nesse sentido que se dá o intercâmbio de saberes realmente significativo, quando não só há trocas de saberes entre elas, mas entre pesquisadoras e pesquisadas.

Outro dado importante sobre este grupo de mulheres é que a escolha pelas técnicas de artesanato que foram trabalhadas durante as oficinas foram escolhidas

de forma coletiva e em conjunto com a coordenação da equipe que executa o projeto, buscando construir um espaço de formação em que as acadêmicas e pesquisadoras, também artesãs, trabalhem de forma bastante prática, referenciada na concepção freiriana e feminista de educação. Além disso, buscando compreender o aprendizado como algo dinâmico e construído coletivamente, respeitando os saberes individuais com uma abordagem dialógica, ou seja, numa pedagogia que valoriza o saber do povo, ao mesmo tempo em que o desafia sempre mais.

Nesse sentido, a metodologia freiriana implica, segundo o projeto de extensão (2014, p.4-5),

[...] numa postura política firme e coerente com as causas do povo oprimido, temperada com a capacidade de sonhar e de ter esperanças, e com a ousadia de fazer e de lutar pelo que se acredita. E junto com isto a humildade de quem sabe que nenhuma obra grandiosa se faz sozinho e que é preciso continuar aprendendo sempre.

Durante as oficinas muitos relatos emergem, são histórias de vida contadas e compartilhadas que tornam-se significativas ao processo de reflexão, pois estão encharcadas de atravessamentos que precisam ser problematizados individual e coletivamente. Assim, o importante é pensar junto e

[...] tentar construir dentro desses grupos de assentamentos um novo olhar sobre o papel da mulher dentro da sociedade, para que a vida se torne mais prazerosa em toda a sua plenitude, e que as obrigações que as cercam, possam ser divididas com todos que fazem parte do contexto familiar. Diante desses relatos, o projeto de extensão que executamos entende a necessidade de abordar a contribuição do feminismo nas oficinas, pois percebemos esse espaço como um espaço de formação, onde as identidades de gênero são problematizadas. Não é necessário apenas entender a complexidade de luta da mulher frente a sociedade machista, mas é mais importante ainda, entender como interromper os efeitos do machismo e compreender como fazer essa interrupção dentro da família e sociedade (NEGRETTO; SILVA, 2014, p.3-4).

Outro ponto relevante é que se propõe resgatar o universo do artesanato e seu leque de oportunidades e possibilidades de trabalhar com diferentes tipos de materiais, empregando diversas técnicas de artesanato, utilizando-se de materiais considerados sucatas industrializadas, como embalagens e demais resíduos descartáveis, bem como as sucatas naturais, também conhecidas como reália (sementes, palhas, pedras, conchas, folhas, penas, galhos, pedaços de madeira, areia, terra, entre outros) e que são acessíveis devido ao contexto em que estão inseridas.

Como diz Freire (1983b), o ímpeto criador é uma vocação ontológica dos seres humanos e poder transformar esses produtos em algo com sentido e significado também contribui para o processo de empoderamento delas e para o ser mais de todas as envolvidas, que se dá não só nas encomendas e comercialização das peças produzidas, bem como para a autoestima e valorização de si e do trabalho da outra.

Marcela Lagarde y de Los Rios (2005b) tem contribuído significativamente com as questões ligadas a essas categorias, ela traz a questão da “sororidade,” para o debate. A qual se refere a

[...] uma dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo. É uma experiência subjetiva entre mulheres na busca por relações positivas e saudáveis, na construção de alianças existencial e política com outras mulheres, para contribuir com a eliminação social de todas as formas de opressão e ao apoio mútuo para alcançar o empoderamento vital de cada mulher. Que busca e, ao mesmo tempo já é, a concretude de formas de empoderamento das mulheres, vontade de apoiar para empoderar (MOREIRA, 2009 *apud* GAMBÁ, 2009, s./p.)⁶ [grifos e tradução da autora].

Portanto, tanto nas oficinas do projeto de extensão como nas oficinas oferecidas no projeto de dissertação, ao promover o desenvolvimento das habilidades e potencialidades de cada participante, além do comprometimento com seus processos de autonomia, também exercemos a nossa Sororidade. Pois ela está relacionada à aquisição de novos conhecimentos, coletiva e colaborativamente elaborados e (re)significados, em benefício do mundo feminino e do papel que a mulher queira ocupar no e com o mundo.

2.2 A Pedagogia Feminista e Educação Popular, um diálogo possível

A introdução da reflexão a respeito das relações de gênero e educação começaram a partir da educação popular, por volta do final dos anos 60 e início dos

⁶ Trecho do texto adaptado por Maiara Moreira (2009) de Marcela Lagarde y de los Ríos, *Sororidad*. In: GAMBÁ, Susana Beatriz. Diccionario de estudios de género y feminismos. Buenos Aires: 2009. Disponível em <<http://feminismoesororidade.wordpress.com/2013/08/25/definindo-sororidade/>>. Acesso em: 15 set. 2014.

anos 70, quando na América Latina começou a se pensar em projetos educativos para as mulheres, sendo ampliado devido a participação delas no processo de educação popular e de uma série de necessidades e demandas particulares dos grupos. Estas propostas, consideravelmente embasadas nos contributos freirianos de educação, ultrapassaram o contexto latino-americano e foram e tem sido retomados e relidos por diversas educadoras e educadores críticos, instigadas e instigados pela concepção freiriana de educação (OCHOA, 2008).

Por educação popular entendemos “aquela que é produzida pelas classes populares ou para as classes populares, em função de seus interesses de classe”, conforme Brandão (1987, p.63). Segundo ele, uma “educação feita de acordo com os interesses das classes populares”. Por isso,

O ato educativo se dá na relação agente/grupos populares. E este ato é passível de ser educativo na medida em que ambos os parceiros têm saberes diferenciados. “O elemento popular ‘sente’, mas nem sempre compreende ou sabe; o elemento intelectual ‘sabe’, mas nem sempre compreende ou, sobretudo ‘sente’. [...] o saber se dá justamente quando da interação saber/sentir; ou seja, o saber envolve o sentir, o se apaixonar pelo saber e pelo seu objeto. [...] o saber só se dá quando se compreende. A diferenciação de saberes é que permite o ato educativo (BRANDÃO, 1987, p.111-112).

De acordo com Paulo Freire (2001), a educação popular é uma prática política misturada à tarefa educativa, levando em conta que a sociedade se transforma passo a passo com propostas populares de educação, mas que acontece a partir de uma mobilização, relacionada à organização popular. Ela tem formas diferentes e graus diferentes (FREIRE, 2001), entendendo “a educação popular como o esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares; capacitação científica e técnica” (FREIRE, 2001, p.19).

Nessa direção, a definição de educação popular é que ela é um modo de conhecimento que parte da prática política, ou seja,

[...] o conhecimento do mundo também é feito através das práticas do mundo; e é através dessas práticas que inventamos uma educação familiar às classes populares. [...] há modos de conhecer o mundo e as classes populares têm um modo peculiar de conhecimento (FREIRE, 2001, p.20).

Quando falamos em uma proposta de Pedagogia Feminista podemos considerar que esta sintetiza as referências teórico-metodológicas da educação popular e da filosofia feminista, não só pelas características e procedimentos

metodológicos, mas também pela conduta e pela postura de educadoras e/ou facilitadoras no processo. Neste projeto educativo também está a necessidade da educadora ou facilitadora perceber-se enquanto mulher, construída em uma ideologia patriarcal, pois estamos falando de mulheres pelas e para mulheres, ressaltando a importância do processo histórico do tornar-se mulher, que rompe com o silenciamento dessas histórias em algum momento invisibilizadas, como dito anteriormente.

Segundo Ochoa (2008), esses passos são importantes para romper com a proposta sexista de educação, pressupondo uma construção coletiva a partir dos saberes e vivências das pessoas envolvidas, nesse caso as assentadas artesãs. Dessa forma, os processos educativos podem ser realizados por meio de diversas propostas, como oficinas, círculos de cultura, grupos de discussão, conferências, seminários, material didático, entre tantos outros.

De acordo com a discussão proposta por Ochoa (2008), o conceito de mediação pedagógica é de suma importância, pois em relação aos projetos educativos ela diz que

[...] los proyectos educativos feministas revisados generalmente no se separa el contenido de la metodología ni del proceso personal y grupal, [y] esto supone que se atiende al proceso didáctico, al proceso de aprendizaje y al contenido de manera simultánea e integral, es decir al tiempo que se reflexiona sobre un tema, se brindan las herramientas para su análisis y se capacita a las mujeres para que puedan conducir en otros espacios la reflexión y se presta atención a las implicaciones personales (para cada educanda) de esa reflexión; o al tiempo que se experimenta una situación se reflexiona sobre ella, se procura la apropiación vivencial y teórica de ésta para generar un aprendizaje y se habilita a las educandas para ponerlo en práctica (OCHOA, 2008, p.13).

Nesse sentido, para operacionalizar a proposta é necessário que haja

[...] deconstrucción - construcción, concientización, práctica, expresión, e identificación de la semejanza y la diferencia." Tales operaciones - "acciones, lógicas de acción o una serie de actividades estructuradas" – sirven como "recursos que detonan la aproximación a los objetos educativos, el desarrollo de habilidades y la elaboración de conocimientos (OCHOA, 2008, p.13).

Buscou-se priorizar o processo educativo e não somente o produto ou o resultado, centrando-se nas dimensões da aprendizagem cognoscitiva, da reflexão e crítica da interação e intervenção no e com o mundo, em uma dimensão social que é também individual e coletiva, reconhecendo a especificidade das identidades,

necessidades e condições do grupo. Assim, abordar as questões sobre gênero e educação e suas contribuições para a transformação social é uma pauta muito importante na/da perspectiva feminista. Mas antes é preciso fazer algumas considerações sobre gênero e feminismo na perspectiva marxista.

As manifestações contra a discriminação feminina passam a ter visibilidade maior na virada do século XIX com o movimento sufragista, na Inglaterra e nos Estados Unidos, chamado também de *primeira onda* do feminismo. Este movimento pautava seus interesses nas questões ligadas ao direito ao voto, organização familiar, oportunidade de estudo e/ou acesso a algumas profissões. Porém, ainda assim, esse recorte de interesse estava representando na grande maioria mulheres brancas de classe média. Com o desdobramento dessas “pautas” se dá a chamada *segunda onda* (iniciada na década de 60) quando, além das preocupações sociais e políticas, as construções teóricas passam a ser debatidas entre as estudiosas e militantes, assim o conceito de gênero passa a ser problematizado, marcado pela rebeldia de 1968. Algumas autoras e obras clássicas marcam este momento, entre elas Simone de Beauvoir, Betty Friedman e Kate Millett, levando para o interior das universidades as questões sobre os estudos da mulher.

Partindo dos “movimentos de 68”, as questões relacionadas a invisibilidade da mulher como sujeito, a opressão e as desigualdades sociais, políticas, econômicas e jurídicas passam a ser denunciadas. O caráter político do movimento feminista ganha força neste período. Mirra Cisne (2015) salienta que o gênero contribui para pensarmos o feminino para além das relações do universo feminino, mas como o feminino se percebe e é compreendido em relação ao masculino, pois

[...] analisar de maneira relacional a subordinação da mulher ao homem, ou seja, os estudos sobre as mulheres não deveriam limitar-se à categoria mulher, mas esta deve sempre ser analisada de forma relacional ao homem. Portanto, gênero se constitui como uma categoria relacional (CISNE, 2015, p.86).

O conceito de gênero é formado por diversas perspectivas teóricas e políticas inclusive, em relação às ciências humanas, bem como às exatas. Desta maneira, o termo assume o caráter de ferramenta analítica, além de ser política. Cisne cita em seus escritos a definição/concepção a partir do ensaio de Gayle Rubin que o conceito de gênero passou a ser divulgado. Segundo Cisne (2015),

[...] gênero seria a construção social do sexo, e o sexo seria o que é determinado biologicamente, fisiologicamente, portanto, naturalmente. Elabora-se um sistema sexo/gênero, que a autora conceitua como “um conjunto de arranjos através dos quais a matéria-prima biológica do ser humano e da procriação é modelada pela intervenção social humana” (*apud* Piscitelli, 2002, p.17). Estabelece-se, deste modo, um trânsito entre natureza e cultura. A natureza fornece os dados e estes mostrariam que a diferença é, sobretudo, cultural (CISNE, 2015, p.87-88).

Esse ponto de vista recebeu muitas críticas, mais precisamente desencadeados na década de 90 por algumas feministas que, segundo a autora, defendiam a substituição da categoria gênero e outras à reformulação, levando em conta ainda os princípios da noção de gênero – entre elas, Judith Butler e Donna Haraway.

Por conta disso, “teóricas francesas, vinculadas ao ‘feminismo materialista’, preferem utilizar o termo ‘relações sociais de sexo’ para analisar as desigualdades existentes relacionadas a outras ‘relações sociais estruturantes (além das de sexo)’” (CISNE, 2015, p. 90). Então, nesse sentido, há a exigência de um pensamento que leve em conta os projetos e as representações sobre homens e mulheres, o qual também se difere no interior de determinadas sociedades, considerando os grupos étnicos, religiosos, raciais e de classe.

As discussões acerca das “diferenças entre as mulheres e consequências dessas diferenças” produz uma série de debates e rupturas dada a complexidade dos assuntos levantados pelos diversos grupos oprimidos, inclusive dentro do próprio movimento. O debate amplia as discussões e as frentes, levando em conta as diversas relações de poder estabelecidas a serem desconstruídas e combatidas. Vai muito além do que se propunha no início e avança nas suas teorizações e nas suas articulações, debatendo e problematizando as diferentes concepções de cultura, etnia e classe que embasam a pluralidade do movimento, além das opressões e silenciamentos sofridas historicamente por essas minorias.

Assim, gênero é concebido como relação sócio-histórica que remete as relações de poder atravessado pelas ligações sociais, pelas práticas, pelas instituições e subjetividades dos sujeitos (CISNE, 2015). Ressaltando Saffioti, Cisne (2015) diz que:

O gênero é uma maneira de existir do corpo e o corpo é uma situação, ou seja, um campo de possibilidades culturais recebidas e reinterpretadas.

Nessa linha de raciocínio, o corpo da mulher, por exemplo, é essencial para definir sua situação no mundo. Contudo, é insuficiente para defini-la como uma mulher. Esta definição só se processa através da atividade desta mulher na sociedade. Isto equivale a dizer, para enfatizar, que o gênero se constrói-expressa através das relações sociais (SAFFIOTI, 1992, p.191 *apud* CISNE, 2015, p.113).

Portanto, compreender esta definição de gênero implica em dizer que o movimento não perde seu caráter social e político, mas amplia suas lutas sociais em relação ao mundo do trabalho, da educação, da saúde, da cultura e demais segmentos, pois o vê pelas relações sociais dos sujeitos. Cultura aqui é entendida como

[...] esa dimensión de la vida, producto de la relación dialéctica entre los modos de vida y las concepciones del mundo, históricamente constituidos. La cultura es la distinción humana resultante de las diversas formas de relación dialéctica entre las características biológicas y las características sociales de los seres humanos (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2005a, p.27).

Dessa forma, pensar em uma ação política pedagógica transformadora é comprometer-se com o processo educativo das educandas e dos educandos para além da compreensão e intervenção em seus contextos, mas como um processo que é também de construção e desconstrução cultural. A percepção marxista busca criar ferramentas, possibilidades e oportunidades para que, com o auxílio das contribuições do movimento feminista, possamos de fato agir significativamente, pois,

O marxismo possibilita uma análise crítica sobre as relações sociais, dentro de uma perspectiva de totalidade que não permite fragmentar a realidade, buscando desvela-la, indo além do aparente, das representações, sem esquecer a essência dos fenômenos sociais e suas determinações [...] propõe “um método de conhecimento da realidade de forma a desvela-la em todas as suas determinações: sociais, econômicas, políticas e culturais” (SIMIONATO, 1999, p.81 *apud* CISNE, 2015, p.102).

Por conta disso, a teoria social marxista instrumentaliza os estudos de gênero e o movimento feminista desnaturalizando a opressão vivida pelas mulheres em nossa sociedade. É um movimento social crítico das sociedades de classe que milita contra o capitalismo e sua ação se dá de forma coletiva acionada pelos sujeitos. Desse modo, ele tem considerações significativas para o debate feminista, porque

Tanto no marxismo como no feminismo, haveria a preocupação por questionar relações desiguais socialmente construídas e reconstruídas em embates de poder (no caso do feminismo, entre os sexos e pela institucionalização da supremacia masculina). Em ambos os conhecimentos ressalta-se o projeto por negação de propriedades, expropriações e apropriações (no caso do feminismo, tanto do valor produzido pelo trabalho

das mulheres, socialmente reconhecido ou não, como de seu corpo, voz, re- e a-presentações). Compartem também, o marxismo e o feminismo, a ênfase na materialidade existencial (para alguns feminismos, a vida cotidiana, para outros, a textual, e, para outros ainda, o cenário histórico – hoje, o capitalismo em formato neoliberal), considerando que essa materialidade se sustenta por práticas em um real vivido e um real idealizado e ideologizado (...). Por outro lado, advoga-se, tanto no marxismo como no feminismo a possibilidade de mudanças acionadas por sujeitos (CASTRO, 2000, p.99 *apud* CISNE, 2015, p.105).

Sendo assim, a incorporação destas perspectivas de estudos de gênero e suas relações assumem uma postura política, pois estão relacionadas à luta pela emancipação das mulheres, extremamente necessária para a luta socialista.

Em relação ao feminismo, Ochoa (2008, p.52) ressalta que é necessário compreender que o feminismo é um termo que abrange “um corpus de significados que ha variado en distintos momentos de la historia, con su diversidad de reflexiones y prácticas.” Isso implica dizer que ele está relacionado com suas múltiplas dimensões socioculturais e políticas que perpassam vários campos científicos e que também tem um caráter sócio-histórico. Um movimento social e político que busca transformar e revolucionar as relações sociais entre os sexos, visando condições de equidade entre ambos. A autora também aborda outros pontos de vista, um deles é o de Marcela Lagarde y de Los Ríos que, entre outras coisas, diz que o feminismo não é só um movimento, ele é também uma cultura. Pois,

la creación interactiva, intersubjetiva y dialógica de mujeres excluidas – por principio - del pacto moderno entre los hombres [...] es una crítica a su andamiaje androcéntrico y patriarcal, a través de la acción, la experiencia y la subjetividad de las mujeres. Es asimismo la alternativa práctica de vida igualitaria y equitativa de mujeres y hombres[...]. Implica cambios culturales, normativos, simbólicos y lógico-políticos (OCHOA 2008, p.53).

Em relação aos objetivos do feminismo, Lagarde y de Los Ríos destaca que:

la construcción subjetiva y social de nuevas configuraciones históricas, sociales, culturales, políticas que incluyan a las mujeres, pero que se convierte en una "causa social, de mujeres y hombres, de organizaciones y organismos, de Estados y de instituciones internacionales" que "revolucionan el orden de poder entre los géneros" (2001 *apud* OCHOA 2008, p.53).

Célia Amorós (1990) afirma que ele também é um

"proceso emancipador", fuente de pensamiento interpretativo, (que) suministra nuevas claves de desciframiento de lo real en tanto que es un proyecto de construcción de la realidad social sobre la base de nuevos e insólitos pactos donde lo pactado -y, Por ende, excluido como sujeto activo del pacto- no fueran las propias mujeres como genérico. Una sociedad, en suma, constituida Por Pactos no patriarcales, Por Pactos no excluyentes de

ninguna libertad y tramados en torno a los objetivos de la libertad (AMORÓS, 1990, p.47 *apud* OCHOA, 2008, p.53).

Nesse sentido, é importante destacar que Ochoa (2008) sintetiza esses pontos de vista, estabelecendo que

[...] el feminismo es una filosofía, una ética, un pensamiento científico, pero además de ser una concepción del mundo y de la vida, refiere a actuaciones, experiencias e iniciativas encaminadas al cambio social, político, cultural y epistemológico de las relaciones de género. Es un movimiento social y político, una cultura, una práctica en torno a la libertad, a la igualdad, a la autonomía, a la democracia, a los derechos humanos, transformadora de las personas y de la sociedad en todas sus dimensiones, cuya finalidad es abolir la organización social patriarcal y proponer nuevas formas y valores organizativos centrados en la alertad y equivalencia humanas. Subyace una teoría, una forma de entender la realidad y también de comprender las formas de transformar la sociedad y de liberar a las mujeres, en donde son cruciales los cambios en la distribución y estructuras del poder (OCHOA, 2008, p.53-54).

Pelo viés da teoria feminista o processo histórico da luta das mulheres, mesmo que com diversas e distintas perspectivas sobre feminismos, é extremamente importante para pensarmos nossas relações sociais e para conhecermos o processo histórico vivido pelas mulheres. O que também é uma maneira de romper com o silenciamento e a invisibilidade em que por muito tempo elas estiveram “confinadas” (PERROT, 2007).

O feminismo também está intrinsecamente ligado a uma concepção de sociedade que educadoras e educadores comprometidos com a transformação social engajam-se e conscientemente atuam. Em razão disso, é necessário também compreender que “a história é o que acontece, a sequência dos fatos, das mudanças, das revoluções, das acumulações que tecem o devir das sociedades. Mas é também o relato que se faz de tudo isso” (PERROT, 2007, p.17). As mulheres sempre fizeram parte de tudo isso, porém estiveram fora de muitos registros, visto que

As mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seu acesso à escrita foi tardio. Suas produções domésticas são rapidamente consumidas, ou mais facilmente dispersas. São elas mesmas que destroem, apagam esses vestígios porque os julgam sem interesse. Afinal, elas são apenas mulheres, cuja vida não conta muito. Existe até um pudor feminino que se estende à memória. Uma desvalorização das mulheres por si mesmas (PERROT, 2007, p.17).

Um breve sobrevoo histórico nos leva a perceber que muitos relatos são feitos por homens gregos ou romanos e dizem respeito ao espaço público, ou seja, as

guerras, aos reinados e aos homens públicos. Na era medieval falava-se mais dos santos do que das santas. Eles desempenhavam um papel social: agiam, viajavam e evangelizavam. Já as mulheres preservavam sua virgindade e rezavam. No renascimento, as rainhas eram vistas como cruéis, além das cortesãs.

No século XVIII e XIX a pesquisa histórica abre um pouco mais de espaço para a mulher– neste período surgem as biografias sobre mulheres. Já entre as duas guerras, as mulheres passam a ter acesso à universidade. E a partir de 1960 e 1970 diferentes fatores, como os científicos, sociológicos e políticos, contribuíram para a emergência do objeto “mulher” nas ciências humanas e na história (PERROT, 2007).

Fazer esse resgate histórico é, de certa forma, nos apropriarmos daquilo que de fato nos aproxima, que é a luta das mulheres. Não só pelo espaço da mulher na sociedade, mas em todas as suas formas e possibilidades de existir, resistir e agir individual e coletivamente.

A causa da emancipação e da igualdade das mulheres envolve os processos e instituições mais importantes de toda a ordem sociometabólica.
István Mészáros (2002, p.307).

3. O arremate das peças bordadas: trabalho e gênero pelo viés feminista

Este capítulo desenvolve aspectos relativos ao trabalho do campo, abrangendo elementos como a divisão sexual do trabalho, o trabalho doméstico, a lida do campo e do artesanato como múltiplas possibilidades criativas de trabalho feminino. As oficinas de artesanato implementadas durante a pesquisa e a análise dos dados também serão abordadas nesta parte.

3.1 O mundo do trabalho do campo: a divisão sexual do trabalho, o trabalho doméstico, a lida do campo e do artesanato

O mundo do trabalho e a realidade das mulheres, pelo viés da divisão sexual do trabalho sob o foco dos estudos de gênero e os contributos da teoria feminista, são essenciais para pontuar o artesanato como trabalho. Questões como esta são relevantes para a academia, pois vêm despertando uma série de debates, mas é também de grande sentido e significado para aquelas que estão à margem da sociedade.

Por isso, a importância de comprometer-se politicamente com as classes populares, não só com um olhar feminista, mas buscando criar juntas ferramentas que possam servir para a construção de outro projeto de sociedade. Portanto, é preciso levar em consideração alguns pontos. Um deles está em compreender que há diversos feminismos, assim como compreender gênero e suas relações. Como dito anteriormente, o conceito de gênero é muito importante para o feminismo e também não há “uma” única definição de gênero. Não esquecendo que ele está no cenário de disputas acadêmicas, teóricas e políticas.

Dessa forma, essa abordagem pretende romper com o silenciamento das lutas e conquistas femininas, discutir o artesanato, artesanaria ou arte popular como trabalho, como um processo político pedagógico é algo relevante no tocante a ouvir e dar voz aquelas que vivem à margem da sociedade. E, além disso, elas perceberem-se como seres históricos capazes de ler e intervir no mundo, criando alternativas e possibilidades de existir e resistir.

Por isso, problematizar e discutir a ideia do artesanato concebido como trabalho e as relações que implicam na divisão sexual do trabalho são importantes, visto que

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.) (HIRATA; KERGOAT, 2007, p.5).

Nesse sentido, investigar a forma com que estas mulheres se autorizam detentoras de um saber não é só um exercício de memória, uma releitura da vida, capaz de projetar o futuro e despertar para novas perspectivas dentro do próprio debate feminista, mas é de fato problematizar a opressão que vivemos em relação ao mundo do trabalho.

A divisão sexual do trabalho contribui significativamente para a exploração social, cultural e econômica do capital, segregando o trabalho de homens e mulheres. Hierarquizando e subalternizando “naturalmente” as mulheres, ou pior, as explorando ainda mais, já que muitas acumulam jornadas de trabalho. Dessa forma,

A divisão sexual do trabalho resulta de um sistema patriarcal capitalista que por meio da divisão sexual hierárquica entre os sexos, confere às mulheres um baixo prestígio social e as submete aos trabalhos mais precarizados e desvalorizados. Há portanto, uma determinação social e não natural, para a existência da divisão sexual do trabalho (CISNE, 2015, p.117-118).

Muitas, além de estarem no espaço público, ainda desenvolvem as atividades concebidas como “naturalmente femininas” no espaço privado. Muitas dessas atividades concebidas como essencialmente femininas fazem parte de construções culturais e históricas reforçadas pela educação sexista que ainda vigora em nossa sociedade, estereotipando o que é ser mulher e, claro, atendendo aos interesses patriarcais e capitalistas.

Segundo Saffiotti (1987), podemos compreender como patriarcado um sistema social/político que é baseado no poder masculino sobre as mulheres. Um sistema histórico que estimula de diferentes formas a compreensão distorcida e equivocada de que as mulheres são naturalmente inferiores aos homens. A autora salienta que

O patriarcado não se resume a um sistema de dominação, modelado pela ideologia machista. Mais do que isto, ele é também um sistema de exploração. Enquanto a dominação pode, para efeitos de análise, ser situada essencialmente nos campos político e ideológico, a exploração diz respeito diretamente ao terreno econômico (SAFFIOTTI, 1987, p.50).

Ao afirmar isso, a autora nos remete a pensar as relações familiares, por exemplo, em que tanto a dona de casa, como a trabalhadora assalariada, que por muitas vezes acumula jornadas de trabalho, são “objeto de exploração do homem”, pois, como afirma a autora, fica clara a dupla dimensão do patriarcado, a exploração e a dominação, as quais alimentam as desigualdades sociais, instrumentalizando a mulher.

Partindo dessas considerações em relação ao patriarcado e a divisão sexual do trabalho, percebemos a super exploração sobre o trabalho realizado por mulheres, seja no campo ou na cidade, no espaço público, assim como no espaço privado. Danièle Kergoat (1989), em relação à estruturação sexual do trabalho e o capitalismo, diz que

De um ponto de vista histórico, a estruturação atual da divisão sexual do trabalho (trabalho assalariado/trabalho doméstico; fábrica/escritório/família) apareceu simultaneamente com o capitalismo, a relação salarial só podendo surgir com a aparição do trabalho doméstico [...]. Do nascimento do capitalismo ao período atual, as modalidades desta divisão do trabalho

entre os sexos, tanto no assalariamento quanto no trabalho doméstico, evoluem no tempo de maneira concomitante às relações de produção (KERGOAT, 1989, p. 95 *apud* CISNE, 2015, p.121).

A naturalização da subalternidade das mulheres em nossa sociedade, faz com que questões como estas passem despercebidas, atribuindo a esta subordinação o “status” de dom ou habilidade, habilidades próprias do gênero feminino, muitas delas classificadas como “menos complexas.” Ou seja, esta desvalorização desse tipo de trabalho contribui para que as mulheres não se percebam como trabalhadoras. Dessa forma, “isso faz com que algumas mulheres se acomodem, não se organizem e nem participem politicamente das lutas da classe trabalhadora. Deixam também de assumir cargos em associações, sindicatos ou na direção de movimentos sociais” (CISNE, 2015, p.122).

A cultura sexista adéqua a mulher aos limites do privado e o homem ativo no espaço público, naturalizando estes papéis, pois o trabalho doméstico não remunerado é visto como um papel exclusivamente feminino. Essa cultura sexista acaba sendo reforçada pelo Estado, o qual não disponibiliza políticas públicas para que a população tenha acesso a condições dignas de educação, restaurantes e lavanderias populares, por exemplo. Nesse sentido Kergoat (1989), afirma que:

[...] a problemática da divisão sexual do trabalho se inscreve na grande tradição da sociologia que é de ir precisamente além das aparências, além do senso comum, para mostrar que o que é percebido como ‘natural’ por uma sociedade, o é unicamente porque a codificação social é tão forte, tão interiorizada pelos atores, que ela se torna invisível: o cultural torna-se a evidências, o cultural se transmuta em natural (KERGOAT 1989, p. 96 *apud* CISNE, 2015, p.126).

Do mesmo modo, foi de suma importância discutir com as assentadas artesãs o conceito de trabalho em suas múltiplas possibilidades, para que aos poucos pudéssemos desvelar culturas sexistas e caminhar no sentido da (re)significação das relações.

Assim, a realização das oficinas de artesanato esteve comprometida com os estudos feministas, no sentido de propor estratégias que visibilizassem a fala e a histórias das participantes por elas mesmas. Assumir-se uma educadora feminista é uma das coisas primárias neste processo. Outra é, através da educação em espaços formais e não formais de ensino, buscar possibilidades emancipadoras

dedicadas à educação de mulheres camponesas, estas caracterizadas como integrantes das classes populares (CINELLI; RIBEIRO, 2016, p.201).

Através das oficinas e das reflexões sobre suas experiências elas têm a oportunidade de trocar conhecimentos populares, os quais também estão relacionados a realidade do campo. Com isso, as mulheres têm

"la capacidad de producir y recrear conocimientos a partir del encuentro de sus experiencias, el intercambio de informaciones y del diálogo de saberes" y que se requiere que asuman su opresión, no como víctimas, sino como sujetos históricos con capacidad de cambiarse y su entorno (OCHOA, 2008, p.97).

Através de sugestões educativas baseadas num processo de conscientização de acordo com os aspectos metodológicos propostos pela Pedagogia Feminista, estes

se realizan a través de dispositivos muy variados como son: talleres, círculos de discusión, grupos d. reflexión, encuentros, conferencias, foros de discusión, cursos, seminarios, reuniones regionales, educación a distancia (videoconferencias y actividades y discusiones em línea), material didáctico (manuales, videos, cartillas, boletines) y en algunos casos, programas de radio (OCHOA, 2008, p.104).

Todas estas atividades enfocam conteúdos e técnicas didáticas baseadas na educação popular compreendida como libertadora, que problematiza o patriarcado, a exploração e o sistema capitalista opressor em que vivemos. Além de discutir a vida da mulher camponesa, pois elas trabalham com hortas, sementes, plantas medicinais, com o leite e derivados, além de produzirem o artesanato. Todas essas atividades são consideradas dentro do espaço privado, pois

No caso das camponesas, o privado se estende ao redor da casa, aos pequenos animais, à produção e preparação da alimentação, tarefas que também estão ligadas ao que seria considerado como obrigação das mulheres, relacionadas aos cuidados (CINELLI; RIBEIRO, 2016, p.209).

Por isso, é de suma importância de se ter uma visão mais abrangente do seu trabalho tanto em casa como no campo, problematizando também a divisão sexual do trabalho e as relações de poder.

3.2 Os diários feministas e os bordados de arpillera: uma análise possível dos dados

As mulheres foram provocadas a contar-se nos Diários, e sempre que se sentissem a vontade eram estimuladas a narrar suas histórias para o grupo. A solicitação das artesãs era a de seguirem aprendendo novas técnicas de artesanato entre elas, o bordado. Dessa forma, através da produção do bordado surge a possibilidade de trabalhar a técnica de bordado chilena conhecida como Arpillera, ainda pouco conhecida no Brasil, e desenvolver a pesquisa proposta.

Os “tecidos” que compõem o estudo estão relacionados no quadro abaixo – quadro 1 - e no corpo do texto alguns recortes são mencionados, assim como o cronograma das atividades desenvolvidas.

Nome	Idade	Cidade natal	Estado civil	Filhos	Instrução
Chita	45 anos	Seberi	Casada	Uma filha adulta, um filho adulto e uma criança (menina)	5ª série
Flanela	40 anos	Herval do Sul	Casada	Um adolescente	Pedagogia
Lonita	43 anos	Liberato Salzano	Casada	Uma filha adulta, um filho adulto e uma criança (menino)	3ª série
Organza	47 anos	Seberi	Casada	Um adolescente e uma criança (menina)	4ª série
Sarja	44 anos	Canguçu	Casada	Um filho adulto, um casal de gêmeos adolescentes	7ª série
Seda	52 anos	Seberi	Casada	Uma filha adulta e uma filha adolescente.	4ª série

Quadro 1 - Os tecidos do bordado
Fonte: a pesquisadora.

A proposta feminista busca justiça social ao visibilizar a experiência de mulheres com este tipo de experiência. Intenciona visibilizar os processos vividos por elas, mulheres do campo, e suas lutas individuais e coletivas pela subsistência, através das histórias de vida escritas e bordadas como “objeto” de estudo. O que

também é uma forma feminista e revolucionária de fazer ciência e, de certa forma, é uma perspectiva parcial, porque não dá conta do todo e nem tem esta pretensão, porque não estamos em todas as partes o tempo todo.

Visa contribuir para uma ciência que valorize estes corpos, estas histórias e estas lutas. De acordo com esta perspectiva, tal atividade também possibilita perceber as relações de poder em seus convívios, sejam eles familiares e/ou sociais, permitindo desvelar situações de opressão vivida, pois

esta perspectiva prioriza el descubrimiento de la forma en que relaciones de poder, como las de género y clase, se reproducen en el ámbito escolar, y también en las relaciones entre familia, escuela y mercado laboral a partir del mantenimiento de dichas relaciones de poder (OCHOA, 2008, p.66).

O estímulo ao hábito de registrar no “Diário Feminista” suas vivências e promover rodas de conversa são possibilidades de registros e reflexões sobre a vida da mulher do campo, quando elas se sentem a vontade para isso. O que também é um desafio, uma “oportunidade e ponto de partida para começar uma discussão, uma forma de intercâmbio e reflexão sobre o trabalho educativo feminista” (OCHOA, 2008, p.154).

A seguir, o quadro 2 contendo um cronograma do que foi realizado e a ementa das atividades propostas, além de uma breve sistematização do que foi abordado.

Período (2016)	Proposta
Janeiro	Tema: <i>História e Luta das Mulheres: algumas referências importantes</i> Material de Apoio: Leitura do Poema de Eduardo Galeano: Mulheres; Documentário sobre a História das Mulheres.
Fevereiro	Tema: <i>Nossas histórias, memórias e trajetórias: início do inventário de si.</i> Material de Apoio: Leitura do texto de Gabriel Chalita: Penélope, Documentário Oficina: Confecção dos Diários Feministas
Março	Tema: <i>Conquistas femininas</i> Material de Apoio: Música Sem medo de ser mulher - MST Oficina: Confecção de Tulipas de pano, criação de arranjos, lembranças e para

	<p>ornamentação do pavilhão.</p> <p><i>Formatura da Turma de Artesãs participantes do Projeto de Extensão: “Trabalho artesanal com mulheres do Movimento de trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)”</i></p>
Abril	<p>Tema: <i>Mulheres e a relação com a terra, o trabalho no campo.</i></p> <p>Material de Apoio: Roda de conversa sobre os conhecimentos específicos femininos das mulheres do campo.</p> <p>Oficina: Árvores da Fortuna - nossas sementes, nossa riqueza e Bonecas de pano</p>
Maio	<p>Tema: <i>Mulheres e o mundo do trabalho: divisão sexual do trabalho</i></p> <p>Material de Apoio: Documentário sobre divisão sexual do trabalho.</p> <p>Oficina: Arvores da Fortuna - nossas sementes, nossa riqueza.</p> <p><i>Participação no 1º Simpósio de Gênero e Diversidade: Discutindo Identidades, promovido pelo Observatório de Gênero e Diversidade da UFPel</i></p> <p><i>Ouvintes do GT: Gênero e Educação no Campo</i></p> <p><i>Divulgação e exposição dos produtos confeccionados por elas no evento.</i></p>
Junho	<p>Tema: <i>Elaborando o “Artesanato de si”: sem medo de ser mulher</i></p> <p>Material de Apoio: Animação A maior flor do mundo de José Saramago, Documentário sobre Arpillera</p> <p>Oficina: Bonecas de Arpillera – como nos tornamos as mulheres que somos.</p>
Agosto	<p>Tema: <i>Considerações acerca da Família: tornar-se, ser mulher.</i></p> <p>Material de Apoio: Documentário sobre parto humanizado, Documentário sobre confecção de bonecos e arpillera</p> <p>Oficina: Confecção dos demais bonecos de arpillera</p>
Setembro	<p><i>Participação na 2ª Semana Integrada de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFPel</i></p> <p><i>Divulgação e exposição dos produtos confeccionados por elas no evento.</i></p>
Outubro	<p><i>Participação na VII Semana Acadêmica do Curso de Geografia da UFPel</i></p> <p><i>Oficina ministrada: Árvore da Fortuna – nossas sementes, nossa riqueza</i></p> <p><i>Divulgação e exposição dos produtos confeccionados por elas no evento.</i></p>
Novembro	<p>Tema: <i>Nossos cenários de lutas e trajetórias inventário e alinhavo das histórias</i></p> <p>Material de Apoio: Registros da roda de conversa sobre a discussão da luta pela terra, experiências e vivências na luta pela Reforma Agrária e permanência no campo.</p>

	Oficina: Técnica de Arpillera, alinhavos e recortes.
	1º Encontro Auto-Organizado de Assentadas Artesãs, promovido pelo Grupo Guerreiras da Arte.
Dezembro	<p>Tema: <i>Refletindo sobre os processos de Artesanar-se</i></p> <p>Atividade: Reflexão sobre o trabalho de investigação realizado, avaliação das oficinas, escrita das cartas.</p> <p>Oficina: Finalização das Arpilleras, arremates e acabamentos.</p>

Quadro 2 - Proposta de risco para o bordado

* Em negrito o registro das participações em eventos

Fonte: a pesquisadora.

Em **janeiro** fizemos um levantamento dos interesses pautados em temas que elas gostariam de adquirir mais conhecimento a respeito. Discutir, pensar e refletir sobre as técnicas de artesanato que gostariam de aprender e materiais, bem como as possíveis datas de encontros. Enfim, foi alinhavada a característica do trabalho a ser desenvolvido durante o período referido. Também discutimos sobre o processo histórico e de luta das mulheres a partir das atividades proposta neste mês.



Figura 5 - Grupo de mulheres assentadas do Assentamento Santa Inácia, Jan./2016 [Primeiro contato do ano, projetando e alinhavando o ano de 2016]

Fonte: acervo da pesquisa, 2016.

Em **fevereiro** confeccionamos os diários, cadernos personalizados com tecido, que além de colagem e fuxico eram decorados de acordo com as preferências. Ele funcionou como uma escrita das memórias, histórias de vida e momentos significativos em suas vidas, primeiramente e depois como uma forma de

registrar o que foi significativo durante as oficinas, enfim ficou ao critério delas o uso dos mesmos. Aquelas com certa dificuldade de/na escrita poderiam ficar a vontade para usarem a imaginação para registrar o vivido, através de colagens, desenhos, gravuras, porém todas optaram por registrar através da escrita.



Figura 6 - Grupo de mulheres assentadas do Assentamento Santa Inácia, Fev./2016
[Discussão a respeito do Documentário: A história das Mulheres – Facilitadora:
Eliane Godinho]
Fonte: acervo da pesquisa, 2016.



Figura 7 - Grupo de mulheres assentadas do Assentamento Santa Inácia, Fev./2016
[Oficina de Confecção e Personalização de Diários – Facilitadora: Eliane Godinho]
Fonte: acervo da pesquisa, Fevereiro de 2016.

Em **março** todas as atividades estavam relacionadas à realização da Formatura (referente ao Curso de Extensão). Como mencionado anteriormente o grupo já estava constituído por meio de um projeto de Extensão da UFPel. Para tanto, este momento simbólico ganhou o significado de formatura para elas, por se tratar de um momento de celebração de uma etapa concluída. Para isso, a comunidade e a instituição de ensino organizaram um evento para que estes certificados fossem entregues a cada uma das participantes do projeto, porém nem todas as participantes do projeto são participantes da pesquisa realizada.

Esses momentos de confecção, de ornamentos, de elaboração do roteiro e do juramento; além dos ensaios para realização da Cerimônia de Formatura das Artesãs, conversamos e discutimos sobre os significados das conquistas femininas ao longo da história. Sobre os enfrentamentos e as vitórias individuais que obtivemos ao longo de nossas caminhadas, problematizamos algumas delas. Trabalhamos em conjunto com os técnicos da COOPTEC e a bolsista Oficineira do projeto de Extensão. Na solenidade de formatura, além da participação da comunidade, estiveram presentes representantes da UFPel, da COOPTEC e da Prefeitura Municipal de Pinheiro Machado – foi um dia de grande emoção para todas as participantes e convidados.



Figura 8 - Grupo de mulheres assentadas do Assentamento Santa Inácia, Mar./2016
 [Solenidade de Formatura]
 Fonte: acervo da pesquisa, Março de 2016.

Em **abril** realizamos encontros nas casas das participantes, pois em virtude da formatura houve uma denúncia junto ao corpo de bombeiros alegando que o espaço não estava adequado às normas de segurança e o mesmo foi fechado. Isso chateou a todas, porém as motivou a produzirem mais artesanatos e fazerem um fundo de reserva, vendendo rifas para que pudessem fazer os ajustes necessários no local. Ao realizarmos as oficinas nas residências das participantes, pude perceber a alegria delas ao receber o grupo em seus lares. Trabalhamos a técnica de topiaria, confeccionando a Árvore da Fortuna com sementes crioulas, discutimos sobre conhecimentos específicos das mulheres do campo, a relação com a natureza e seus frutos. Essa oficina teve um impacto muito positivo entre elas, por ser algo significativo para todas, logo isso despertou para a temática do próximo encontro.



Figura 9 – Reuniões nas casas das Participantes
 [Oficina Árvores da Fortuna: nossas sementes, nossa riqueza – Facilitadora: Eliane Godinho]
 Fonte: acervo da pesquisa, Abril de 2016.

Em **maio** discutimos o mundo do trabalho. Abordamos a divisão sexual do trabalho e as considerações acerca do que é trabalho. Debates, também, sobre a mulher e o mundo do trabalho, a invisibilidade do trabalho doméstico e as jornadas triplas das mulheres, em especial a do campo que lida com horta, sementes, plantas medicinais e pequenas criações de animais, por isso evidenciando a importância de desconstruir estereótipos de gênero.



Figura 10 – Produção de diversas peças
[Oficina coletiva de artesanatos]
Fonte: acervo da pesquisa, Maio de 2016.

Nesse mesmo mês elas produziram diferentes tipos de artesanato e se organizaram para participar do 1º Simpósio de Gênero e Diversidade da UFPel: Debatendo Identidades, organizado pelo Observatório de Gênero e Diversidade da UFPel. Durante a realização do evento elas divulgaram seus produtos, comercializaram e explicaram o trabalho realizado com elas pelo grupo de pesquisadoras extensionistas da UFPel. Também, elas participaram do Grupo de Trabalho: Gênero e Mulheres do Campo, ouviram as falas das palestrantes e assistiram algumas apresentações de trabalhos relacionados a temática. Muitas manifestaram profundo interesse em participar, tanto que se mobilizaram para estar presente no evento.



Figura 11 – 1º Simpósio de Gênero e Diversidade: Debatendo Identidades
[Universidade Federal de Pelotas]
Fonte: acervo da pesquisa, Maio de 2016.

Em **junho** confeccionamos bonecas de arpillera, na intenção de realizar uma atividade que as provocasse trazer à tona lembranças de infância, da adolescência e de quando e como se perceberam mulheres e como se percebem enquanto mulheres assentadas, artesãs, agricultoras. Problematizamos a mulher e os estereótipos de padrões de beleza, sociais, culturais... enfim, os padrões que formatam algumas mulheres, invisibilizam outras e oprimem outras, abordamos esses assuntos relacionando raça, classe, idade, religião.



Figura 12 – Como nos tornamos as mulheres que somos

[Oficina Bonecas de Arpillera – Facilitadora: Eliane Godinho]
 Fonte: acervo da pesquisa, Abril de 2016.

Em **agosto** discutimos as diferentes concepções de família, inclusive as suas relações, o mito do amor materno, sobre maternidade, sobre sexualidade, sobre a ideia de mulher, mãe e esposa. Elas contaram sobre como se percebem mulher, como veem a sexualidade da mulher adulta e como falam disso com as filhas e filhos. Enfim, foram abordando suas particularidades no grupo e foi um assunto que mexeu com o imaginário delas, pensando outras realidades possíveis. Debates sobre a ideia de ajudar e a de colaborar nas tarefas domésticas, revendo relações. Ao abordarem seus casamentos e suas famílias, falaram das características de cada boneco e boneca de Arpillera e qual o significado de cada elemento na história delas. Nesse mês, retornamos as atividades no pavilhão da sede do assentamento.



Figura 13 – Construindo o núcleo familiar
 [Oficina de bonecos e bonecas de Arpillera – Facilitadora: Eliane Godinho]
 Fonte: acervo da pesquisa, Agosto de 2016.

Em **setembro** não ocorreram oficinas, porém os encontros seguiram ocorrendo sem a presença da pesquisadora, de forma auto organizada. Nesses

encontros elas produziram peças e se organizaram para participar da 2ª Semana Integrada de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFPel, expondo e comercializando seus produtos. Durante a realização do evento elas divulgaram seus produtos, comercializaram e explicaram o trabalho que vem sendo realizado com elas e com o grupo de pesquisadoras extensionistas da UFPel. Segundo elas, participar desses espaços são valiosas conquistas.



Figura 14 – 2ª Semana Integrada de Ensino, Pesquisa e Extensão - UFPel
[Exposição e comercialização de produtos]
Fonte: acervo da pesquisa, Setembro de 2016.

Em **outubro** não ocorreram oficinas, porém algumas delas participaram da VII Semana Acadêmica da Geografia com o tema: “A Geografia e os Movimentos Sociais: Os Agentes Populares e Suas Territorialidades”, como Oficinas (em anexo consta a carta de avaliação encaminhada pela coordenação do evento). A proposta era de que elas tivessem voz nesse meio, que trouxessem sua luta e seus conhecimentos manuais e campestres. Foi interessante observar esse momento como expectadora, pois podia ser percebido um discurso de empoderamento enquanto mulheres agricultoras e respeito com a natureza, articulados com os seus artesanatos. As relações estabelecidas neste evento foram bastante significativas para elas. Elas organizaram a mística (prática executada pelo movimento), levaram representantes de outros assentamentos, expuseram seus produtos artesanais e os “de feira” (hortaliças, verduras, legumes, queijos, doces, mudas de chás e temperos) e ministraram a Oficina da Árvore da Fortuna com os materiais trazidos por elas.



Figura 15 – VII Semana Acadêmica da Geografia - UFPel

[Oficina Árvores da Fortuna: nossas sementes, nossa riqueza – Facilitadoras: Lonita e Flanela]

Figura 16 - VII Semana Acadêmica da Geografia – UFPel

[Mística de Apresentação das Mulheres Assentadas do MST – Facilitadoras: Lonita e Flanela]

Fonte: acervo da pesquisa, Outubro de 2016.

Em **novembro** nos encontramos por duas vezes. A primeira foi para participar do 1º Encontro Auto Organizado de Mulheres Assentadas, promovido e preparado por elas no Assentamento Santa Inácia. Este evento contou com a presença de mulheres dos outros assentamentos próximos, dos técnicos da COOPTEC, da Oficineira do Projeto de Extensão, além da pesquisadora. Pela manhã a proposta foi discutir o papel da mulher na atualidade, questionando as relações de poder e as necessidades específicas do contexto em que estão inseridas. Dentre outros assuntos discutiram sobre a falta de representatividade feminina no poder público municipal. Todas salientaram a importância de promover momentos de descontração entre elas para que pudessem se conhecer melhor, criando laços entre todas as assentadas participantes dos grupos de oficinas de artesanato. Durante a tarde ocorreu a socialização entre os grupos e houve o sorteio de brindes. Também, proporcionou o acolhimento entre elas, a discussão de temas importantes no contexto delas e o resgate de brincadeiras. A alegria foi notória, elas divertiram-

se muito durante a tarde, foi um momento de descontração e entretenimento muito importante para elas.



Figura 17 – 1º Encontro Auto-organizado de Mulheres Assentadas
[Momento de Discussão – Roda de Conversa sobre o Papel da Mulher]
Fonte: acervo da pesquisa, Novembro de 2016.

No outro encontro iniciamos a técnica de Arpillera, montamos os cenários, problematizando a luta pela terra e os processos vividos até o presente, bem como o tipo de produção que realizam em seus lotes – da agricultura familiar orgânica, o porquê de não utilizar agrotóxicos em suas culturas, qual a importância de produzir alimentos livres de venenos e assuntos pertinentes ao tema.



Figura 18 – Preparação dos alinhavos, construindo o tema das telas
[Oficina do Bordado em Arpillera – Facilitadora: Eliane Godinho]
Fonte: acervo da pesquisa, Novembro de 2016.

Em **dezembro** finalizamos os bordados e refletimos sobre as trajetórias individuais e coletivas. Foram instigadas a escrever uma carta contando explicando o cenário escolhido, o que queriam dizer com aquele trabalho realizado e porque ele simbolizava um processo de luta. E assim cada uma sistematizou e escreveu o vivido, na tela bordada e em seus escritos que acompanham as telas bordadas.



Figura 19 – Sistematização dos Bordados
[Escrita das Cartas – Facilitadora: Eliane Godinho]
Fonte: acervo da pesquisa, Dezembro de 2016.

Com isso, fechamos a coleta de dados e iniciamos o processo de análise dos dados e do referencial teórico que embasam esta pesquisa.



Figura 20 – Finalização dos Bordados
[Bordados em Arpillera – Facilitadora: Eliane Godinho]
Fonte: acervo da pesquisa, Dezembro de 2016.

Confeccionar o “Diário Feminista” fez parte da proposta de elaborar algo para si com sentido e significado partindo da expectativa de ser autora de sua obra, criando um produto diferenciado com o qual exercitariam não só a criatividade, mas a escrita. Contar-se não é uma tarefa simples para quem nunca teve o hábito de registrar suas experiências, expectativas e até mesmo seus conhecimentos. Uma tarefa difícil para quem teve de abandonar a escola muito cedo para trabalhar na lavoura. Pegar a caneta, relembrar as letras, as palavras, iniciar as frases e utilizar as regras de pontuação no início eram encaradas com grande dificuldade, mas aos poucos foram sendo superadas. Elas também poderiam registrar através de desenhos, recortes e colagens, mas preferiram escrever.

A ideia principal era a de que através do diário elas pudessem se perceber como sujeitos históricos, como mulheres, como mulheres agricultoras, como assentadas, como companheiras, como mães, como pessoas com histórias muito particulares, mas que também eram coletivas. Com isso, o processo da pesquisa foi concretizando a possibilidade de realizar um inventário de si, instigando-as a revisitar memórias, trajetórias e suas histórias.

Alguns trechos foram destacados e recortados dos diários porque de forma muito particular revelam histórias de vida, angústias, anseios, realizações e frustrações, nos possibilitam refletir sobre processos vividos.

Destaco abaixo alguns recortes, nestes há uma breve apresentação de cada participante.

Natural de Canguçu, nascida em 23.05 de 1973, meu pai era agricultor e minha mãe também, para poder criar nós, ela vendia vários produtos agrícolas e batia de porta em porta. Mais tarde viemos morar na cidade (eu tinha 5 anos) e éramos quatro irmãos e daí ela trabalhava como doméstica e o pai na prefeitura, eu estudava e trabalhava em casa de família, cuidava de um casazinho de gêmeos. Foi meu primeiro emprego, aos 15 anos. Tenho três filhos lindos e queridos, a minha vida é eles, eu vivo por eles... e tem o pai deles que é ele que eu amo, porque se não fosse ele, hoje eu não tinha esses três filhos lindos. (Sarja).

Nascida em 1965, natural do município de Seberi. Agricultora, trabalhei na lavoura desde os 8 anos de idade, estudei até a 4ª série e parei para ajudar minha mãe na lavoura para sustentar a família em casa, porque minha mãe era viúva e pobre. Em 1985 me casei e sempre moramos no interior e em 1996 fomos acampar em Santo Antônio das Missões, estivemos um ano acampado e em 1997 viemos para Pinheiro Machado no Assentamento Santa Inácia. Passamos muitas dificuldades e sofrimento. Não tinha casa para morar e ficamos dois anos morando em barracas de lona⁷, muitas vezes sem alimentação. Não havia estradas, nem transporte escolar e nem linha de ônibus para a cidade, nós fazíamos seis quilômetros a pé para pegar ônibus, para ir na cidade.[...] quando chegamos aqui há 18 anos atrás, o pessoal tinha muito preconceito com aos assentados, pois aqui só tinha quase fazendeiros. [...] quando eu cheguei aqui me deu um desespero, o lugar onde temos a nossa casa era cheio de mato e não tinha banheiro, nossa casa que veio na mudança chegou com tudo estragado, os animais morreram todos na viagem, pois era dezembro e estava muito quente, aqui era totalmente diferente de onde nós morava e longe da minha família. (Seda).

Nasci em Herval do Sul, hoje sou assentada, mãe, professora e técnica na área social dos Assentados de Pinheiro Machado. Quando nasci morava em Herval no interior, minha mãe conta que foi minha vó que fez o parto, pois minha vó E. era parteira de campanha, fui a última neta que ela trouxe ao mundo, em um rancho de torrão foi lá que vim ao mundo. [...] num belo dia perto do Natal o senhor que era patrão do pai me deu uma bicicleta pra nós irmos para o colégio, foi o melhor presente que ganhámos aquele natal, meu irmão cresceu e parou de estudar, eu ia sozinha para o colégio de bicicleta, eu era gordinha e meu irmão sofria comigo no bagageiro que ele me carregava. Meus colegas eram ótimos, tive uma professora na primeira série que era muito brava, no segundo dia de aula me colocou de castigo por que eu não sabia nada. [...] Terminei oitava série, casei com namorado que é até hoje meu atual marido, vim morar na campanha, mas continuei estudando, terminei segundo grau. Eu já trabalhava como agente comunitária de Saúde, nos assentamentos, ano de 2000, meu marido foi acampar e ganhou ou conquistou a nossa terra. [...] Quando ele nasceu

⁷ Segundo os símbolos do MST, a lona preta é mais do que uma barraca, é um rito de passagem, o caminho para a conquista da terra. É símbolo da luta pela Reforma Agrária que as mais de 130 mil famílias acampadas em todo o Brasil carregam. A lona preta é o retrato da luta cotidiana do Movimento contra o latifúndio, a segregação e as injustiças sociais que tanto castigam esse país (MST, 2014).

(filho) tivemos uma dor muito grande, ele ficou no hospital de Pinheiro Machado com convulsão... perdeu os movimentos e só alimentavam com sonda... Hoje ele é um adolescente, maravilhoso, foi uma criança linda, nunca me trouxe preocupação no colégio. E aluno excelente, ótimo filho. O mais importante é que ele não ficou com nenhuma deficiência graças a Deus, pois o que ele teve foi falta de oxigênio no cérebro. Quando ele tinha três anos comecei a fazer a minha faculdade de Pedagogia... Quando me formei, ele foi entregar o diploma, muito lindo meu filho. (Flanela).

Segundo minha mãe a minha data de nascimento foi dia 12 de setembro de 1974, entretanto, a data de meu registro de nascimento foi dia 19 de março de 1984. Eu nasci em casa na linha São José, que pertence ao município de Liberato Salzano. Hoje tenho três filhos: A. b. S. de 23 anos, A. B. A. de 21 anos e A. B. A de 7 anos. Sou casada há 23 anos com G. J. R. A de 43 anos e já tenho 3 netos: A. de 5 anos, A. de 4 anos e D. de 1 ano. Com 14 anos trabalhei em fábrica de calçados para ajudar em casa, já que a nossa família é grande e nós éramos em 9 irmãos pequenos. Aos 23 anos acampamos em Santo Antônio onde ficamos acampados durante um ano até sermos sorteados para assumir um lote neste município. Chegamos nesta comunidade dia 19/12/1997. Logo que chegamos aqui encontramos muitas dificuldades, moramos em barraco de lona durante dois anos até construir a residência de hoje. (Lonita).

Nasci no dia 20 de novembro de 1969, tenho 46 anos. Minha mãe conta que nasci em casa com uma parteira de parto normal, era uma criança muito calma, a mais calma dos 7 filhos dela, minha mãe não fala quase nada da minha infância. Por isso, não sei muita coisa, o que eu lembro que com 7 anos eu já trabalhava na roça antes de ir para escola, primeiro eu capinava com meus irmão porque a escola era perto da minha casa, meu pai dizia que não podia ir muito cedo pra escola que era só pra brincar. Então, minha infância foi assim, não lembro de ganhar nenhum brinquedo, brincava com pedaço de prato, de xícara, boneca era de pano que a gente enrolava num pedaço de pano ou qualquer coisa que tinha, pra sair brincar com as outras crianças. Com 11 anos, a minha irmã mais velha casou e eu fiquei tomando conta da casa, cozinhava, limpava e lavava roupa, quase não tinha tempo para brincar. Com 12 anos parei de estudar, na escola que ia era só até a 4ª série, as outras escolas eram longe, então meu pai não deixou eu continuar a estudar, eu lembro que eu chorei muito porque gostava de estudar, então

quando eu tinha tempo eu brincava de ir na escola de baixo das árvores, eu lembro que eu era uma criança muito doente. [...] A minha adolescência não foi muito diferente, o trabalho continuou um pouco mais pesado, aos domingos a gente se reunia com as primas, cada domingo era numa casa. Hoje eu brinco que não fiz 15 anos, a primeira festa que eu fui tinha 17 anos com meu irmão mais velho que era casado, ele tocava gaita e animava as festas, então com muito jeito o pai deixava eu ir junto. Meu primeiro namorado eu tinha 18 anos e tinha que ser escondido. Com 19 anos eu queria muito ir morar com meu irmão em Novo Hamburgo, primas também moravam lá, então meu irmão conseguiu que o pai deixasse eu ir morar com ele, então me liberei do serviço mais pesado e do comando mais rígido dos meus pais. Então, comecei a trabalhar pra mim, mas não saía em baile, porque tinha medo na cidade grande. (Organza).

Antes de ser assentada eu vivia com meus pais, a vida não era fácil, me tornei uma jovem que sonhava ter uma família. Aos 17 anos eu resolvi me casar, pensando que a vida era muito boa, mas não. Nós tínhamos que trabalhar para o patrão e trabalhar mais para nós podermos ter as coisas e para nos alimentar. Por isso nós resolvemos ter um pedaço de terra para nós trabalharmos e ter as coisas. Daí que passou em nossa cabeça de ir até um acampamento para saber como deveríamos fazer para poder adquirir um pedaço de terra e foi certo, assim conseguimos ter a nossa terra. (Chita).

As relações familiares, também ganham destaque, alguns pontos chamam atenção, pois estão diretamente ligados às raízes machistas da educação que receberam, à imagem da mulher cuidadora, da trabalhadora nas lidas domésticas e da maternidade como sagrado.

Os trechos a seguir demonstram esse aspecto:

Em maio de 1998 eu, o P. S. e o L. fomos para o acampamento em Viamão, ficamos acampados onze meses nesse acampamento. Em outubro de 1998 vim a Pinheiro Machado, para as eleições, para votar para governador. Passei todo o inverno no acampamento, várias crianças adoeceram e morreram e eu me apavorei, pensei que eu ia perder o meu filho L. Me desesperei e vim para a cidade com ele, ele era muito doente e tinha muita falta de higiene lá. Tudo melhorou quando nós fomos chamados para o assentamento, isso foi em fevereiro de 1999. Ganhamos o lote, ficamos no

barraco um ano e meio até ganharmos a casa, depois disso nasceram o C. e a T. em 2000. Ganhei o L. de cesariana, que sofrimento, pois era o primeiro filho e eu não sabia nada. Eu não queria mais filhos, fiquei traumatizada, mas fiquei grávida de novo e tive a benção de nascer o C. e a T., fazem dezoito anos que moramos no assentamento Santa Inácia. Os filhos estão todos estudando, a T. está no 2º e o L. está no 3º do Ensino Médio, o C. está esperando para ir para o CAVG em Pelotas. Fico feliz por eles, pois estão todos se preparando para um futuro melhor. (Sarja).

Nestes 32 anos de casada, tive duas filhas, uma com 29 anos e outra com 22 anos, passaram também muitas dificuldades, quando chegamos aqui.[...] Também tenho um neto de 13 anos e uma neta emprestada de 4 anos. [...] Nós também fazemos parte de um grupo de produção de sementes de hortaliças da BIONATUR⁸, também na produção de leite e eu faço parte de um grupo de artesanato, o Guerreiras da Arte do Santa Inácia.[...] Eu agradeço a Deus por todas as dificuldades vencidas. Agradeço pela saúde, pela paz e pelo amor entre nós. (Seda).

A família para mim tem grande importância, depois de ser mãe, aprendemos e entendemos o quanto a nossa mãe se preocupava com a gente. A família está em primeiro lugar para mim. Os bonecos na hora da confecção, tiveram aquele carinho na hora de fazer cada detalhe. [...] Eu amo a minha família, eles são importantes para mim eu não sei viver sem eles. Meu filho é a parte mais importante, um pedaço de mim e minha mãe também não me vejo viver sem eles. (Flanela).

Meu casamento deu certo, não me arrependo. Tive dois filhos lindos e maravilhosos Graças a Deus, o primeiro eu tinha 28 anos me preparei nos dois queríamos a gravidez. Foi tranquila trabalhei toda a gravidez, tive nenhum problema graças a Deus. Ganhei um guri de cesárea, pesou 3, 100 mediu 49 cm. Era lindo, às vezes, eu ficava olhando para ele e parecia um

⁸A Rede Bionatur, fundada em 1997, a partir de iniciativa de 12 famílias, produz 55 variedades de sementes agroecológicas nos estados do Rio Grande do Sul e Minas Gerais. A sua produção, feita por mais de 200 famílias, é enviada para todos os estados do Brasil e para a Venezuela. Ela também produz cerca de 100 variedades de sementes crioulas, 33 tipos de grãos, 15 de forrageiras e 12 de flores. São sementes em sistemas de produção orgânica e agroecológica, visando atender as expectativas dos agricultores que produzem para a cooperativa e a demanda dos consumidores de sementes livres de venenos (MST, 08/08/2016).

sonho eu ser mãe e queria muito, tinha medo de não conseguir, se passaram 7 anos nós resolvemos ter mais um filho, eu tinha 34 anos, então passei um ano de ansiedade nervosa porque não engravidava, mas um belo dia enjoei, senti algo diferente, então finalmente estava grávida, toda família muito feliz, continuei trabalhando, mas uma gravidez completamente diferente, com 5 meses comecei a inchar e com 7 meses a pressão subiu muito e meu desespero também, o médico chegou e me disse que tinha que tirar o bebe. Então foi os piores dias da minha vida, minha menina nasceu com 1kg e 200 gramas, muito pequena, eu também passei mal, então, foram 38 dias de desespero porque eu não podia trazer minha bonequinha pra casa, acho que eu nunca chorei tanto na minha vida e quero nunca mais chorar. Mas tudo passa, hoje ela tem 10 anos, é linda e inteligente e somos muito felizes. Graças a Deus tenho uma família feliz. (Organza).

Soube criar uma criança dentro de um assentamento, sabendo sobre todas as coisas, porque também podemos aprender. (Chita).

Sobre a propriedade e o processo de exploração e estruturação da terra para o sustento:

Quando cheguei aqui, minha casa tinha só o teto e a parede, as aberturas eram pedaços de lata e de madeira, era muito frio, eu cheguei aqui no mês de março. Fiquei 4 anos sem recurso do INCRA, não passei fome, mas foi muito difícil de acostumar. Graças a Deus logo fomos conhecendo os assentados que estavam morando aqui há mais tempo e tinham mais recursos. Então meu marido trabalhava pra eles e eu também trabalhava para uma senhora limpando a casa, trabalhava na horta e assim a gente sobrevivia e Graças a Deus. Hoje tenho minhas vacas, sou produtora de leite, tenho uma horta, vendo verdura, crio galinha, vendo ovos. Meu filho tem 19 anos, já formou o ensino médio, trabalha pro sustento dele, minha filha sarou Graças a Deus, nunca mais teve crise de bronquite, tem 10 anos, me ajuda na limpeza da casa e gosta muito da cozinha e estuda no 5º ano e é muito inteligente. (Organza).

Sobre a Formatura, como dito anteriormente, esse momento foi intensamente importante e significativo para as participantes do Projeto de Extensão que também participaram da pesquisa realizada. Toda a produção e organização do evento foi projetado por elas, significou uma conquista, um processo de empoderamento e transformação na vida das mulheres assentadas.

Nos diários elas registraram emocionadas o que o momento representou na vida delas:

Hoje é um dia tão importante para mim. Dia da minha formatura. Estou muito emocionada. Hoje estarão presentes as pessoas mais especiais das nossas vidas. A minha mãe, meus filhos, meu marido e minha cunhada. Eu e minha filha estamos nos formando. Hoje é um dia de festa, felicidades e muitas alegrias. (Sarja).

O dia 12 de março foi um dia muito importante, porque foi o dia de minha formatura com o grupo de artesanato. (Seda).

Minha formatura de artesanato dia 12 de março de 2016. Não tenho medo de errar mais, porque sigo sim na certeza de acertar. Tudo isso mostra quanta coisa nós mulheres somos capazes de fazer, nós lutamos por uma sociedade mais justa e ao mesmo tempo construímos as condições para garantir melhor qualidade de vida para a nossa família. (Lonita).

Hoje estou me preparando para minha formatura, como nunca tive a oportunidade de estudar, então percebi que nunca eu ia passar por este dia tão ansioso, preocupada se vai dar tudo certo, pois sou muito tímida.[...] Finalmente chegou o grande dia da formatura foi um sucesso, nós fomos muito aplaudidas, muito comentadas [...] Com 46 anos vivi mais este momento feliz. Eu gosto muito de fazer artesanato e passar o dia com as amigas, dos passeios. (Organza).

Sobre a participação no 1º Simpósio de Gênero e Diversidade: Debatendo Identidades, que foi promovido pelo Observatório de Gênero e Diversidade da UFPel, em maio de 2016, foi um momento muito significativo para elas, pois uma grande valia para todas foi o fato de, além de exporem seus produtos para divulgação e comercialização, puderam participaram do Grupo de Trabalho - Gênero e as Mulheres do Campo, ouvindo a fala das palestrantes, bem como as apresentações de trabalhos referentes ao tema.

Foi um dia muito importante para mim, nós assistimos uma palestra sobre a mulher, lá vários estudantes falaram e discursaram e a professora E. também. Eu gostei muito e até comentei com o meu marido sobre o evento. Ele disse: - Se é bom pra ti é bom pra mim, fico feliz, pois não te impeço de nada, tens a tua liberdade e eu tenho a minha. Assim somos felizes. (Sarja).

Particpei de duas exposições de artesanato, das palestras das minhas professoras lá na universidade onde elas estudam. Gosto muito de ir e espero que continue a participar, eu aprendo muito com esses encontros, eu preciso aprender a ser forte a ser feliz. (Organza).

Na Oficina ministrada por elas na *VII Semana Acadêmica do Curso de Geografia* da UFPel, em outubro de 2016, foi interessante observar o quanto a participação delas mexeu com o seu imaginário e o dos/as estudantes que participaram do evento (carta em anexo). O fato de autorizarem-se detentoras de conhecimentos, de técnicas e saberes específicos relacionados à vida no campo, rememorando o processo de luta de pela terra e pela Reforma Agrária, foi bastante significativo para elas. Estiveram presentes companheiras de outros assentamentos e os relatos das vivências foram emocionantes, compartilhando não só memórias, como trajetórias sofridas de luta e resistência.

Foi minha primeira aula [como ministrante de oficina] de artesanato, ensinamos os e as colegas a fazerem uma árvore da fortuna e gostei de rever minhas professoras, os alunos nos receberam muito bem. Eu gostei muito de incentivar e perceber o quanto aprendemos a ter força de vontade, interesse em conjunto, fiquei muito feliz e emocionada em poder chegar numa universidade e ser bem recebida pelas pessoas e não serem barrada pelos policiais, porque antes nós não éramos reconhecidas, agora temos direito de ir e vir. Sei que se o trabalhador não planta, os da cidade não comem. (Lonita).

Sobre as reuniões do Grupo e as atividades auto organizadas é interessante destacar que, para elas é importante participar do grupo organizado, partilhando, planejando, debatendo e desejando fortalecer não só as relações mas também terem momentos de descontração e interação entre elas e as outras mulheres dos outros assentamentos.

Esse foi um passo que nós conquistamos juntas e podemos chegar mais longe, se nos unirmos. Será que vamos deixar tudo ir por água abaixo por causa de “fofoca de corredor” e de falta de diálogo com o companheiro em casa? Teremos que ser mulher para enfrentar nossos problemas ou o que seremos então... Eu debato todas as noites com meu companheiro sobre o artesanato e as viagens. Sempre digo pra ele: liberdade para os dois. (Sarja).

Eu quero que o grupo vá em frente organizado. Porque eu nunca tive a oportunidade de fazer parte de um grupo organizado de mulheres. Fazer parte de um grupo organizado para buscar outras alternativas, eu nunca tive um diploma na minha vida. Porque não tive a oportunidade de estudar, porque eu ajudava a minha mãe. (Seda).

Gosto muito de aprender com elas, pois muitos sonhos foram realizados pelas participantes do grupo e junto com as professoras os momentos compartilhados foram muito importantes para nós, elas trouxeram esperança e acreditaram em nós todas. Só temos a dizer obrigada! (Flanela).

Participo há 4 anos fazendo artesanato e estou muito feliz. [...] Quando eu posso o dia reunida com o grupo eu volto mais forte para enfrentar o meu dia seguinte, eu acho que tudo que Deus bota em seu caminho é pra você. Então, enfrente com força e fé. (Organza).

Hoje tivemos um encontrão do grupo dos artesanatos. Discutimos vários assuntos importantes. Mas o mais legal foram as brincadeiras, todas riam e se divertiam. Por aqueles momentos todas as pessoas quebraram as indiferenças e as picuinhas e era uma felicidade só... tivemos várias visitas dos outros grupos. (Sarja).

Sobre a proposta de bordar-se, isto é, contar-se através de uma peça bordada, teve-se o intuito de registrar não só o processo de luta e conquista da terra, do sonhado lote, mas também de provocá-las a exercitar a escrita e o artesanato

como uma ferramenta política, capaz de materializar os processos de resistência vividos por elas.

Os trechos a seguir demonstram reflexões delas sobre a realização dos bordados:

Para mim esse bordado significa a minha experiência de vida contada, foi muito importante, pois mexeu com a vida de cada uma de nós, a família, o lote, a horta, a natureza e a nossa casa ali. Foi muito lindo o trabalho, demorado, mas muito legal. O mais lindo neste trabalho foi a nossa família unida, coisa que é muito rara na vida real. Gostei muito deste trabalho bordado, aqui neste trabalho está o P. S., eu, o L. – filho mais velho, o C. e a T. - os gêmeos.[...] Bom, para mim o bordado significou a história da minha vida, a minha casa, minha família, minha horta... hoje eu sou artesã, feirante e agricultora. (Sarja).

Sinto que bordei a minha vida nesta tela, porque é muito importante para mim ter um lugar onde eu possa ter animais, a minha casa, o meu lote, a minha horta, ter o meu lar. [...] Quando cheguei aqui em 1997 me deu um desespero, era tudo mato, chorei muito debaixo da lona preta, levamos um ano para ganhar a nossa casa. Começamos a lidar na terra e plantar. Hoje temos de tudo! Lutamos com a horta, com o leite, plantamos com a Bionatur, temos arvoredo, galinheiro. [...] Fazer este bordado foi muito importante, eu não sabia bordar e este foi o meu primeiro bordado e nele registrei minha história, minha família, meu lote, minha horta, minha casa. Quando olho para o que fiz fico feliz em ver minha família unida e por saber que agora tenho tudo. (Seda).

O trabalho de artesanato ajudou a nos enxergar e refletir de como somos, o que fazemos. [...] Cada pedacinho de tecido é uma passagem de minha vida, a família e quanto eu sei cada detalhe deles, nunca pensei que tinha em minha memória cada detalhe. Meu pedaço de terra está aqui neste quadro em tecido, minha casa da horta, bordado significa neste momento a minha história e de minha família. As cores significam cada parte de um trajeto conquistado, antes eu não tinha onde morar e hoje eu tenho o verde das árvores, as montanhas, cada degrau que eu subi e cada dificuldade enfrentada é o que mais simples que seja eu venci, por mais que me

chamem de assentada eu não me importo, que sofro preconceitos, eu sei quanto me custou cada momento. Essa vitória eu ganhei, ter o prazer de ter algo que seja meu onde eu possa plantar para minha sobrevivência e ter o que comer daqui me deixa orgulhosa. Esse trabalho artesanal me fez ver e me enxergar, nunca parei para olhar o que eu tinha ao meu redor. A riqueza das águas e dessa mata verde e dessa terra fértil que muito produz. Fiquei muito feliz com esse conhecimento que construí. (Flanela).

Saber que hoje minha família tem terra e casa que posso dizer que é meu e fazendo o bordado eu pude perceber como meu lote é bonito, quanta coisa importante que parando para pensar ou como eu fiz bordando cada coisa fica mais bonita. Esse bordado é como uma foto da minha terra que vai ficar sempre, hoje meus filhos depois meu netos. Antes de ter meu lote eu trabalhei muito, tenho meu primeiro filho pequeno que deixava na casa da vizinha pra mim poder trabalhar e ajudar meu marido, eu sempre pensava que um dia eu ia ter minha horta e ter meus filhos o dia todo junto comigo me ajudando, poder plantar tudo aquilo que eu plantava pra outras pessoas na terra de outros. Hoje eu planto pra mim, no meu lote, eu tenho minhas vacas de leite, vendo leite, planto verduras, vendo para sustento de minha família, sei que tudo que eu produzi no meu lote é meu e não precisa repartir com alguém como era antes de nós ter lote trabalhando na terra dos outros. Tudo o que faço hoje é com muito entusiasmo porque é muito bom fazer aquilo a gente gosta. (Organza).

Ao fazer este bordado sinto que me realizei. Realizei um sonho desde criança e agora eu me sinto muito feliz e também sobre ter o que mostrar para as pessoas que me perguntam sobre o que é um bordado e também sobre o que é ter um pedaço de terra para trabalhar e ter de tudo para a alimentação. Por isso eu resolvi fazer um bordado mostrando um pouco da minha vida e de minha família, que realizamos um sonho, o de ter um pedaço de terra para nós produzir de tudo um pouco, de ter horta, um pomar para tirar as frutas e também ter uma casa para minha família e para meus filhos terem um pouco de alegria e amor. Bordar e contar um pouco do nosso lote para que as pessoas possam acreditar que tudo pode dar certo, tem que lutar e acreditar. Eu me orgulho de ter uma casa, de ter um pedaço de terra, de ter um pouco de tudo e de sermos parte de um assentamento maravilhoso como o nosso. (Chita).

Algumas observações em relação às participantes podem ilustrar os processos vividos por elas. Sarja é uma das pesquisadas que mais faz registros em seu diário, não é de falar muito nas reuniões, mas faz do diário um companheiro, inclusive desabafando sobre seus dias, projetos e frustrações. Faz reflexões diárias sobre suas vivências e relações familiares e sociais.

Seda tem muita dificuldade de escrita, em muitos trechos teve a ajuda das filhas para contar-se, em outros momentos é perceptível o esforço para superar-se. Tem um problema de saúde nas articulações, o que também dificulta manipular a caneta, a tesoura e a agulha, faz tratamento médico. Mesmo estimulada a utilizar outras formas de expressar-se e compor seu trabalho, ela assumiu “a dificuldade” como um obstáculo a ser superado. Ela criou estratégias e alternativas de superação para bordar devido às dificuldades de saúde.

Embora não registrada a fala da Flanela, participar do Simpósio de Gênero e Diversidade representou um marco diferencial para ela, pois na época não havíamos conseguido transporte e nem auxílio para proporcionarmos a participação delas no evento. Porém, mesmo habilitada, ela tinha muito medo de dirigir em rodovias, pois a distância entre Pinheiro Machado e Pelotas é uma distância razoável, porém é uma rodovia com tráfego considerável de veículos pesados. Dirigir entre o assentamento e a cidade de Pinheiro Machado para ela é algo tranquilo, mesmo que as estradas não estejam em condições. Naquele dia, incentivada pelas companheiras e movida pelo desejo de superar seus “medos”, ela pegou a estrada e levou o grupo de mulheres até o evento, o que levou todas a comemorar juntas mais este obstáculo superado por uma delas, num verdadeiro espírito de Sororidad (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2016)

Lonita tem uma relação muito interessante com a terra, mencionava a relação de cuidado e gratidão com o uso da terra e da natureza, da necessidade dela de pedir permissão para plantar e colher, de compreender que neste plano os conhecimentos medicinais estão também ligados a sua ancestralidade feminina, que enquanto mulher camponesa percebe-se numa relação holística com a terra e seus elementos.

Também é necessário salientar outras situações que ocorreram durante o processo de pesquisa. Inicialmente o grupo era composto por um número maior de mulheres, que no decorrer das atividades deixaram de participar das oficinas, mesmo com o incentivo das companheiras para não desistirem, a desistência aconteceu. Os motivos foram diversos: falta de tempo, distância (algumas percorrem cerca de 1 a 3 quilômetros “cortando lote” para participarem das atividades), atividades extras nos lotes, adoecimento, gravidez, viuvez. Porém, em alguns casos, os jogos de poder eram nítidos, bem como a dificuldade de trabalhar coletivamente por mais que buscássemos estratégias de superação. Em outros casos, talvez até mesmo a falta de interesse pela proposta de trabalho, já que as oficinas que aconteciam anteriormente eram ministradas com outra metodologia, com outro enfoque e por outra educadora.

Uma das participantes avalia a experiência vivida em relação ao trabalho desenvolvido dizendo que

Me sinto realizada quanto ao trabalho que foi feito, enquanto mulher, artesã, técnica em que a gente conseguiu compartilhar e ter uma união entre as colegas, as vizinhas, também conhecer melhor elas. Me senti realizada como mulher porque consegui realizar um trabalho meu, realizando uma coisa minha, um artesanato sobre minha história. E como técnica desenvolver um trabalho maravilhoso junto com a pesquisadora, de poder reunir elas e ter elas ali, ouvir e falar sobre cada momento vivido, o que aquilo significou pra elas. Senti que o grupo de mulheres se uniu. Teve aquele momento de crescimento de cada uma. Cada uma teve a sua criatividade demonstrada em seu trabalho, todo cheio de significados, cada pedacinho de tecido tinha um significado diferente. Tinha a história de vida delas. Foi um momento só delas! O grupo de mulheres cresceu muito e esse trabalho pode contribuir e contribuiu para educação [...] nos dando oportunidade de nos superar, juntas! (Flanela).

Outra participante, ao refletir sobre a experiência, diz que

Estamos realizadas em tudo, sobretudo com o artesanato, sobre o que é ter terra para nós sobreviver e termos um pouco de alegria e muita amizade, muitos companheiros e companheiras, por isso nós estamos sempre fortes para tudo o que vier, nós estaremos esperando de braços erguidos, fortes e unidos para vencermos essa luta pela terra, hoje e sempre. (Chita).

Através dos Diários Feministas e dos cenários que compõem as Arpilleras produzidas pelas participantes, o que foi registrado está relacionado ao que problematizamos durante as oficinas de artesanato. Nelas procuramos criar ferramentas que pudessem articular a Educação Popular e a Pedagogia Feminista, no sentido de aproximar as duas e promover um espaço de liberdade. Um espaço para que se sentissem à vontade em compartilhar suas histórias e problematizarem situações vividas, desconstruindo algumas visões a respeito dos estereótipos de gênero, de feminino e masculino, de trabalho de mulher, de saúde e cuidado do corpo da mulher. De forma criativa proporcionando a expressão de seus projetos, além da construção de elementos simbólicos de existência de forma crítica e transformadora, partindo do conhecimento de si, do reconhecimento da outra, fortalecendo-as e reelaborando saberes e conceitos pensando por si mesmas.

Já os “tecidos” que compõem este bordado revelam mais do que tessituras, cores, cortes e “caimentos”. Revelam um infinito de possibilidades e potencialidades que a cada trama e jogo de cores vão compondo o artesanato de si, retratando o dia a dia dessas mulheres e suas lutas.

As imagens dos bordados⁹ confeccionados por elas é um trabalho de (re)significação da costura e uma potente ferramenta contra o patriarcado e contra o capitalismo. É um trabalho de (re)significação feminista, política e pedagógica segundo a pedagogia feminista, pois é um processo de empoderamento individual e coletivo que desperta para Sororidade entre as mulheres.

⁹ As imagens ampliadas dos bordados produzidos por cada participante e acompanhados das respectivas cartas se encontram nos anexos desta dissertação.



Figura 21 - Chita, 2016.
Fonte: acervo da pesquisa.



Figura 22 - Seda, 2016.
Fonte: acervo da pesquisa.



Figura 23 - Flanela, 2016.
Fonte: acervo da pesquisa.



Figura 24 - Lonita, 2016.
Fonte: acervo da pesquisa.



Figura 25 - Sarja, 2016.
Fonte: acervo da pesquisa.



Figura 26 - Organza, 2016.
Fonte: acevo da pesquisa.

Sabemos que a costura sempre foi tão essencial quanto cuidar dos filhos e cozinhar, esta atividade ganhou outro significado na vida dessas mulheres, através do trabalho artesanal que realizamos. Assim, tecendo os fios da memória, reconstruindo suas histórias, contando suas dores a todos e ao mundo e alegrias das conquistas advinda das lutas que enfrentaram. Elas ganham visibilidade, seus trabalhos denunciam e anunciam a resistência das mulheres do campo, assentadas, agricultoras e artesãs de Pinheiro Machado.

Ao findarem suas peças, percebemos que a imagem da propriedade representada nos bordados tem uma trajetória histórica relevante a ser considerada, assim como a ideia de família e da divisão sexual do trabalho. Estas tornaram-se categorias importantes destacadas nas peças produzidas, pois elas revelam que o

Bordado significou cada pedacinho de tecido uma passagem de minha vida, a família e quanto eu sei cada detalhe deles, nunca pensei que tinha em minha memória cada detalhe. Meu pedaço de terra está aqui neste quadro em tecido, minha casa, a horta, o bordado neste momento significa a minha história e a de minha família. (Flanela, 2016, carta em anexo)

A família e a propriedade foram categorias que ganharam destaque nos bordados realizados. O trecho a seguir mostra bem isso:

Sinto que bordei a minha vida nesta tela, porque é muito importante para mim ter um lugar onde eu possa ter animais, a minha casa, o meu lote, a minha horta, ter o meu lar... registrei minha história, minha família. (Seda, 2016, carta em anexo)

Por isso a importância de realizar um sobrevoo histórico, considerando historicamente a origem da família e o papel decisivo desempenhado pelo parentesco na ordem social dos povos, compreendendo não só estas relações, mas como a ideia de propriedade surgiu. Sabemos que as mulheres nem sempre foram oprimidas na história, as transformações sociais e econômicas que surgiram com o princípio da propriedade privada e da sociedade de classes foi o advento da opressão das mulheres. Para realizar esta breve contextualização histórica, a obra de Engels “*A origem da família, da propriedade privada e do Estado*” (2012) é relevante para uma compreensão materialista histórica da opressão das mulheres, pois pontua aspectos interessantes que surgiram através da pesquisa.

Engels (2012) parte dos estudos realizados por Morgan¹⁰ e nos proporciona compreender melhor o contexto atual e a origem da nossa sociedade e para isso é necessário um sobrevoo pelos períodos históricos. Um aspecto interessante abordado por Engels está na origem da família e o papel decisivo desempenhado pelo parentesco na ordem social dos povos selvagens e bárbaros. Ele aborda as diferentes relações de parentesco de um indivíduo, onde tais laços resultam de uma forma de família e estes podem estar em contradição com o sistema de parentesco. A forma mais antiga e primitiva de família a qual ele se refere é o casamento grupal, onde grupos inteiros de homens e mulheres se possuíam mutuamente, eliminando de certa forma o sentimento de ciúme.

As relações sexuais eram permitidas entre irmãos e entre pais e filhos antes da invenção do incesto, assim como poderiam ocorrer relações entre pessoas de gerações diferentes. Essas relações e formas de família mais primitivas nos levam a compreender que não existiam restrições impostas pelos costumes.

A união conjugal por pares começou a ser estabelecida, embasada em certos costumes e assim a família pré-monogâmica acabou por substituir as outras. Percebe-se que a evolução da família no período pré-histórico vai consistindo “numa redução constante do círculo que originalmente abrangia toda a tribo, dentro da qual predominava a comunidade conjugal entre os dois sexos” (ENGELS, 2012, p.51), progressivamente excluindo os parentes, restando apenas o casal. Nesta forma de família as mulheres tornaram-se “raras e escassas,” por isso neste período começam os raptos e a compra de mulheres. A mulher na era da barbárie era não só livre, mas muito considerada e “tinham um grande poder dentro dos clãs (gens)” (ENGELS, 2012, p.53). Assim, ainda nesse período, a economia doméstica comunista era exercida predominantemente por mulheres, elas eram a base efetiva desta economia e a divisão do trabalho entre os sexos dependia de outras causas e não tinham relação com a posição da mulher na sociedade da época. No casamento pré-monogâmico, é interessante observar que ele

Segundo a divisão sexual do trabalho na família de então, cabia ao homem providenciar a obtenção dos alimentos e os instrumentos de trabalho necessários para isso e, em decorrência, também a propriedade desses

¹⁰ “Ancient Society or Researches in the Lines of Human Progress from Savagery through Barbarism to Civilization, by Lewis H. Morgan, MacMilland and Co., 1877, London. Nota de Engels” (ENGELS, 2012, p.13).

últimos. Em caso de separação, ele os levava consigo, da mesma forma que a mulher conservava seus utensílios domésticos. Assim, segundo os costumes dessa sociedade, o homem era igualmente proprietário da nova fonte de alimentação, o gado e, mais tarde, do novo instrumento de trabalho, o escravo (ENGELS, 2012, p.58).

Ainda assim, a descendência só se contava de acordo com o direito materno, pela linhagem feminina, e era por meio desta que “a primitiva lei da herança reinava nas gens”, as gens deveriam permanecer nas gens. Portanto, nessa sociedade os filhos não herdavam nada do pai, pois as heranças eram passadas pela linha materna. Os filhos de um homem morto não pertenciam às gens daquele homem, as gens daquele pai pertenciam aos seus familiares consanguíneos em primeiro lugar, as gens daquele filho pertenciam a mãe, era dela que “herdavam, em conjunto dos demais consanguíneos desta” (ENGELS, 2012, p.58). Enquanto a descendência segundo o direito materno vigorasse, os homens continuariam aumentando suas riquezas, mas não poderiam se valer desta vantagem para favorecer seus filhos. Nasce então uma das mais profundas revoluções que já conhecemos, a instituição da descendência por linhagem feminina e o direito hereditário materno acabou e foi substituída pela linha de descendência masculina e o direito hereditário paterno.

Com essa transição para o direito paterno, a mulher foi “degrada” (grifos do autor) e surge então a família patriarcal. E esta, nasce da escravidão, do poder do homem sobre os escravos, a mulher e os filhos, com pátrio poder de vida e de morte sobre todos eles. Esta forma familiar foi inventada para assegurar a fidelidade da mulher que é entregue ao poder incondicional do homem, o qual tomou posse da direção da casa, converteu a mulher em servidora, escrava sexual para o seu prazer e considerada um mero instrumento de reprodução. É dessa forma que se estabelece a família patriarcal, inventada por homens para reter riquezas e assegurar o poder, derrubando o direito materno sobre as linhagens e a ordem tradicional da herança. A transição do casamento pré-monogâmico para o monogâmico que vai levar ao surgimento da *comunidade familiar patriarcal*. Há diversos registros sobre esta forma de comunidade em diferentes locais do globo. Sabe-se que nelas havia uma espécie de poder comum sobre a terra, em que o cultivo também era comum, porém o poder absoluto era o do pai.

O objetivo da monogamia era o domínio do homem sobre a família e para a procriação de seus filhos, herdeiros de sua riqueza. Viam o casamento como um

peso, uma obrigação com os deuses e seus antepassados, um dever para com o Estado. Surge então a subjugação de um sexo por outro e o conflito entre os sexos. Engels (2012) lembra o escrito com Marx e menciona que “A primeira divisão do trabalho é a que se fez entre o homem e a mulher para a procriação dos filhos” (Texto incluído em A ideologia Alemã de Karl Marx e Friedrich Engels). Segundo ele, a primeira oposição de classes é o antagonismo entre o homem e a mulher, a desigualdade gerada entre homem e mulher é um efeito da opressão econômica em relação a mulher, pois com o surgimento da família patriarcal e da monogamia a situação da mulher foi alterada, tendo em vista que “a administração do lar perdeu seu caráter público”. Essa administração se tornou um serviço privado, onde a mulher foi sendo afastada da participação na produção social para se tornar uma serviçal do lar. As proletárias encontraram este espaço de produção nas fábricas e indústrias, porém quando começaram a ocupar estes espaços já não conseguem dar conta dos trabalhos domésticos ou então acumulam tarefas. O referido autor salienta que a “família individual moderna” se baseia na escravidão doméstica, em que o homem na posição de provedor tem um poder de dominador, ou seja, “na família, o homem é o burguês e a mulher representa o proletariado” (ENGELS, 2012, p.74).

Sobre o surgimento do Estado, resumidamente, o autor destaca que era necessário uma instituição, que “consagrasse a propriedade privada” e a declarasse como grande finalidade da comunidade humana, ou seja,

uma instituição que não só perpetuasse a nascente divisão da sociedade em classes, mas também o direito de a classe possuidora explorar aquela que pouco ou nada possuía e a dominação da primeira sobre a segunda. E essa instituição nasceu. Foi inventado o Estado (ENGELS, 2012, p.104).

Para imprimir o selo de reconhecimento dessas formas de obtenção de propriedades e acúmulo acelerado de riquezas, o Estado é criado. Assim, com o surgimento da propriedade privada e com os produtos se tornando mercadorias pelo comércio individual, os produtos comercializados poderiam ser inclusive para explorar e oprimir o próprio produtor e, ao inventarem o dinheiro, criaram um novo poder social.

Com o progresso da indústria e das comunicações se deu a divisão do trabalho entre os diferentes setores da produção, criando subdivisões e dividindo a

população segundo suas ocupações. O Estado resume a sociedade civilizada, serve a classe dominante e reprime a classe oprimida e explorada, também reforçando e fixando a oposição entre a cidade e o campo, base da divisão social do trabalho, e a exploração de uma classe por outra. Portanto, o capitalismo cria a subdivisão do trabalho, aproveitando-se dos dados culturais e aprofunda a super exploração do trabalho realizado pelas mulheres. Chita em sua carta destaca que

Antes de ser assentada eu vivia com meus pais, a vida não era fácil, me tornei uma jovem que sonhava ter uma família. Aos 17 anos eu resolvi me casar, pensando que a vida era muito boa, mas não. Nós tínhamos que trabalhar para o patrão e trabalhar mais para nós podermos ter as coisas e para nos alimentar (Chita, 2016, carta em anexo).

Lagarde y de Los Ríos (2005a) desenvolve uma categoria importante para pensar e refletir sobre as mulheres. Esta autora vai chamar as mães e mulheres dedicadas ao cuidado da casa e da família de *madresposas*, segundo ela a sociedade patriarcal vê a mulher como uma *madresposa* em todas as suas esferas – inclusive culturalmente. Associando a imagem da mulher a uma divindade sagrada, uma virgem, com um corpo intocável que dá a luz pela vontade divina, o que reforça também o estereótipo de *madresposa*. Tendo em vista que até mesmo nas orações dirigidas à virgem há a interpretação de um ventre bendito, assim, a linguagem também institui essa cultura. Para ela

Las mujeres pueden ser madres temporales o permanentes -además de sus hijos-, de amigos, hermanos, novios, esposos, nueras, yernos, allegados, compañeros de trabajo o estudio, alumnos, vecinos, etc.; son sus madres al relacionarse con ellos y cuidarlos maternalmente. Son esposas de sus esposos pero también de sus padres, de familiares, de amigos, de novios de jefes, de maestros, de compañeros de trabajo, de hijos; lo son al relacionarse con ellos en aspectos públicos y privados como si fueran sus esposas (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2005a, p.364).

Dessa forma, todas as relações de poder vão se caracterizando pela obediência da mulher. Segundo os estudos de Lagarde y de Los Rios (2005a), a mulher existe a partir de homem, seja ele, um amigo, um pai, um irmão, filho, um marido ou um chefe. Se não houver uma ligação com um homem ela não é vista, portanto, ela só existe social ou individualmente a partir dessas relações.

Muito por conta disso, o matrimônio se torna muito importante para a maioria das mulheres, pois é pelo casamento que elas passam a ser vistas. A mulher sozinha é vista como uma mulher frágil, como uma mulher carente, pois lhe falta algo. Assim, o espaço para legitimar essas relações é o espaço da família, ou seja,

um espaço doméstico ou um grupo doméstico. Segundo esta autora, os grupos domésticos se organizam em torno das atividades relacionadas com as funções econômicas, sociais, sexuais, afetivas e políticas das quais fazemos parte. São estes grupos que legitimam a existência destas mulheres, sendo consideradas mães e esposas de diferentes formas, mas todas ligadas ao cumprimento de funções reais e simbólicas dessa categoria sociocultural, com sujeitos substituídos em instituições afins. Segundo a autora,

La familia se define como el ámbito social y cultural privado, como el espacio primario de pertenencia, definición y adscripción del sujeto, como una institución del Estado en la sociedad. La familia está conformada por conjuntos de relaciones, instituciones, personajes y territorios (LAGARDE Y DE LOS RIOS, 2005a, p.371).

Outro fator importante se refere à maternidade. A mãe é uma das instituições centrais na sociedade e na cultura patriarcal, pois a maternidade é associada à vida, concepção que percorre todas as classes sociais, até mesmo em condições de misérias. Já o homem exerce seu poder paternal fundamentado em um poder biológico. Na sociedade, dividida por gênero, ambos os cônjuges cumprem e realizam todas as funções e cada um tem seus direitos e deveres para com o outro, ou seja, a sociedade patriarcal atribui papéis aos sujeitos. Nesse tipo de sociedade, a monogamia feminina existe para assegurar a paternidade, proporcionando ao homem exercer seu poder paternal, fundamentado em um direito biológico.

Neste sentido, pensarmos na autonomia das mulheres é trabalhar e desenvolver juntas a consciência da mulher trabalhadora contra o sistema, lutando contra a opressão da mulher para que ela seja participante da produção social como qualquer trabalhador. Sabemos que a exploração da mão de obra feminina, é barata e flexível. Reforçando segundo Cecília Toledo (2017, p. 66), o mito das “qualidades femininas” qual flexibiliza a adaptação da mulher às exigências e oscilações das produções e aprofunda a divisão sexual e racial do trabalho. O que também mascara os índices de desemprego, pois o capital qualifica a classe trabalhadora de acordo com lhe convém, por isso, “toda mulher adulta sem emprego remunerado deve ser contabilizada nas estatísticas de desempregados e não declarada como dona de casa” e esta é uma maneira de mascarar o desemprego (TOLEDO, 2017, p. 73). Pois sabemos que

O trabalho doméstico não é um problema da mulher; não é um problema individual, de foro íntimo, como quer fazer crer o feminismo liberal. Tampouco é um problema privado que começa e termina no seio da família. O trabalho doméstico é um problema do sistema capitalista de produção, já que tem a ver com o processo de reprodução da força de trabalho. É no lar que essa reprodução se processa. (TOLEDO, 2017, p. 76)

Portanto o capitalismo se utiliza da família, para esta reprodução social e é na família patriarcal que as relações de poder se estabelecem como mostrou Engels, ou seja, é a família que reconhece as relações de poder. Além disso, diretamente relacionada à reprodução da força de trabalho, que agrava o processo de alienação da mulher, tornando-a muitas vezes uma mercadoria com seu trabalho, um trabalho alienado em si mesmo e sem fim. Esse fator relevante da força de trabalho é destacado nos relatos das participantes da pesquisa, quando se referem à atividade laboral, bem como ao quefazer doméstico. Este modo de produção que levou a divisão sexual do trabalho, invisibilizando o trabalho realizado por mulheres na esfera privada, é o mesmo que segue alimentando concepções restritas de família. É essa lógica do modo de produção doméstica que constitui a base econômica do patriarcado, segundo Devreux (2009).

Esse modelo único e estático de família é contestado pela sociologia feminista. Dentre estes estudos não há a definição ou uma conceituação de família, pois segundo o Dicionário Crítico do Feminismo:

É um campo, um espaço social, cujo funcionamento não se pode compreender a não ser levando-se em conta articulações com outros campos, em particular a esfera do trabalho profissional (DEVREUX, 2009, p.96).

Dentro dessa lógica, as contribuições das mulheres para a produção econômica e sua presença no mercado de trabalho são consideradas desvios em relação a normatização dos papéis sociais. A elas cabe o papel exclusivo de dedicação e consagração da vida doméstica, cuidando das pessoas, inclusive com uma função afetiva de abnegação de si mesma no âmbito familiar.

Na sociedade e na cultura patriarcal o pai, ou melhor, a paternidade é uma das instituições básicas, reconhecendo um conjunto de valores atribuídos como máximo cultural, social e político que possa ser assumido por esse pai. As mães acabam sendo as responsáveis pela educação dos filhos, pois para o Estado e a sociedade a mulher tem o papel de trazer ao mundo os filhos e deles cuidar, o que

corroborar no sentido do fortalecimento da ideia das mulheres serem declaradas mães solteiras. Tanto os rituais domésticos, quanto os sociais, consideram que os cuidados estão a cargo das mulheres e formam parte de sua condição histórica. Organza fala sobre isso em seu diário:

Cuido dos meus pais, meu pai faz 3 anos que sofreu uma isquemia e ficou sem caminhar e o pior sem falar. Então, pra mim é a pior coisa é ver meu pai querer dizer alguma coisa e não conseguir, ele já tem 84 anos. [...] minha mãe tem 76 anos e depois que meu pai ficou doente ela também ficou. Tudo ficou mais difícil, pois minha mãe sempre foi muito agitada, ela não aceita que o meu pai fique assim, ela está sempre reclamando de tudo, nada pra ela está bom. [...] Tento fazer tudo que posso, às vezes tenho vontade de reclamar, mas eles são meus pais. Meus irmãos moram longe e eles não ajudam muito, quem vive todos os dias com eles sou eu. (Organza, 2016).

Da menor à maior participação social, as mulheres estão destinadas a cuidar da vida dos outros. Lagarde y de Los Ríos (2005a) afirma que a maternidade é uma relação de propriedade, que passa pela concepção da gestação e do parto, que passa também pelo corpo e é isso que reforça o pertencimento da mulher a um grupo.

Também podemos dizer que existem as mães públicas, por conta das funções que exercem em suas atividades e do trabalho que realizam nas instituições: são as professoras, as médicas, as enfermeiras, as trabalhadoras sociais, as psicólogas, as cozinheiras, as secretárias, entre outras. São mulheres que desempenham funções sociais que são reconhecidas pelos trabalhos que realizam, estes considerados femininos por serem reprodutivos e concebidos como uma extensão da maternidade. São atividades sociais pautadas no ser vivo, ocupando posições subalternas na sociedade de classes, mesmo que trabalhando no espaço público.

As meninas, desde o nascimento ou até mesmo antes, são esperadas, recebidas e preparadas social e culturalmente para a maternidade como uma condição geral. Isso se estabelece nos brinquedos e nas brincadeiras, enfim, no espaço lúdico em que elas transitam, ou seja, desde muito cedo já começam a ter uma noção do que é tornar-se mulher. Assim, todas crescemos dentro da cultura

patriarcal que, desde muito cedo, incute nas meninas a ideia de crescer e ser uma boa esposa e boa mãe, desta forma vivendo para o outro, no intuito de cuidar do outro. Isso torna-se o sentido de sua vida, pois desde pequeninas aprendemos a linguagem da maternidade. E também nos vai sendo incutida a ideologia da maternidade, do cuidado e da abdicação de si mesma, quando o cuidado deve ser estimulado entre homens e mulheres.

Os diários assim como os bordados são legitimadores, criadores e potencializadores de propostas emancipatórias que possibilitam elaborar novos referenciais pedagógicos. Articulam e constroem um debate pedagógico discutindo gênero e classe a partir de fundamentos filosóficos, projetos e bases teóricas, além dos aspectos metodológicos.

Também promovem um espaço de ampliação do conhecimento, de luta e de resistência, abarcando práticas educativas comprometidas com a transformação social, que possibilitam reiterar a importância da influência feminista para pensar e promover a Educação.

Se a minha não é uma presença neutra na história, devo assumir tão criticamente quanto possível sua politicidade. Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas para participar de práticas com ela coerentes.

Paulo Freire (2000, p.17).

A consciência do mundo, que viabiliza a consciência de mim, inviabiliza a imutabilidade do mundo. A consciência do mundo e a consciência de mim me fazem um ser não apenas no mundo mas com o mundo e com os outros. Um ser capaz de intervir no mundo e não só de a ele se adaptar. É neste sentido que mulheres e homens interferem no mundo enquanto os outros animais apenas mexem nele. É por isso que não apenas temos história, mas fazemos a história, que igualmente nos faz e que nos torna, portanto, históricos. Mas, se recuso, de um lado, o discurso fatalista, imobilizador da história, recuso, por outro lado, o discurso não menos alienado do voluntarismo histórico, segundo o qual a mudança virá porque está dito que virá. No fundo, são ambos estes discursos negadores da contradição dialética que cada sujeito experimenta em si mesmo, de, sabendo-se objeto da história, torna-se igualmente seu sujeito.

Paulo Freire (2000, p.20).

4 Conclusões

A luta pela transformação social pode ocorrer em diferentes lugares e momentos, pois concebemos que educar é um ato político e que nem a educação, a ciência e a tecnologia são neutras. Por isso, precisamos agir mais, intervir mais e de forma consciente no mundo.

Dentro dessa perspectiva, as oficinas buscaram se constituírem nesse espaço de intervenção, pesquisa e problematização. Marcela Lagarde y de Los Rios (2005a)

aborda a questão da mulher como sujeito histórico, sujeito do conhecimento que contribui para a necessidade de uma antropologia da mulher.

Acredita-se que na perspectiva feminista, elaborada por mulheres e para mulheres, a partir da hermenêutica feminista, valoriza-se a fala e quem fala, articulando e aproximando educação popular, pedagogia feminista e pesquisa-formação, ao propor atividades e elementos que sejam relevantes para construção de uma pedagogia feminista que visibilize e potencialize práticas alternativas, para além da denuncia da opressão vivida pelas mulheres. Ou seja, a criação de outras práticas pedagógicas de educação, dimensionando pequenas e grandes rebeldias que possam consolidar uma prática educativa feminista, com uma reflexão pedagógica, que também é filosófica e ideológica a respeito dos processos educativos que permeiam nossas relações.

Assim, discutir o artesanato como trabalho, como produção de conhecimento, que também é arte, arte popular, consiste em pensar o artesanato como uma ferramenta pedagógica¹¹, que também pode ser uma estratégia política pedagógica de ensino-aprendizagem que através dos contributos da pedagogia feminista e da educação popular problematiza, discute e cria estratégias de enfrentamento do que é vivido. Uma reflexão importante não só para a pesquisadora e para as assentadas, mas também para a academia, que enquanto órgão que legitima e produz conhecimento.

Artesanar é um conceito em construção neste trabalho, ele tem relação direta com a ideia pedagógica de produzir saber, poder,(r)escrever histórias, tramando fios da existência nos encontros vividos com o outro (outro social, natureza, acontecimentos, o que produz efeitos nos corpos, maneiras de viver). Também tem uma dimensão política, social e ideológica, que remete a dignidade e sua ação de dignificar os seres humanos, um processo que é pedagógico, libertador e transformador. Intenta construir e elaborar a ideia de produção do conhecimento, mediando os processos de ensino aprendizagem do artesanato para além da técnica, numa potente explosão criativa, que também pode ser registro de (r)existência. Diante disto, o bordado se caracteriza como um final de si mesmo e

¹¹ A ideia de ferramenta pedagógica denota ao sentido de que esta pode ser um instrumento e também um dispositivo potente no processo educativo, uma estratégia política de ensino aprendizagem de acordo com a pedagogia feminista (Ochoa, 2008).

como matéria-prima para tantas outras composições, de produto e de vida, num processo político pedagógico de transformação. Assim como a simplicidade do sim à vida afirmando o que pode vir a ser a cada tecido escolhido, linha, agulha, molde, dedal, tesoura, fio, pedraria, metais, cola, etc.

A composição do trabalho, as infinitas possibilidades de criação, o labor, a (re)significação do trabalho, a mão que 'cria' e que é 'sensível', que é potência, que delicadamente puxa o fio e que o rompe quando necessário, pois cada trabalho que compõe cria uma peça que é única, cada momento é sensível em si, para si e para a outra, para os outros. A cada corte, a cada ponto, a cada costura, cada composição vai criando, compondo e costurando sua vida no ato de criar.

Costura sabendo que outra há por vir, que outras são as possibilidades, os desafios... O que a move é a possibilidade de continuar sendo, de projetar novas ideias, novos produtos, na medida em que vai criando o seu artesanato, vai fuxicando as ideias, nos pensamentos outras possibilidades de si e de relação com a outra, com os outros e com o mundo. Com influência da outra e do mundo num processo formação, informação, transformação, deformação.

Diante do exposto, a relevância do estudo está em pensar, criar, construir e experimentar a pedagogia feminista de forma relevante para a sociedade. Segundo Ochoa (2008), a pedagogia feminista é uma pedagogia da subjetividade, da autonomia, da transgressão, ser o que quero ser, de aprender a ser, de inventar-se a si mesma. Implica num trabalho no sentido de eliminar política e culturalmente da opressão de gênero, em busca da transformação da sociedade, liberdade e autonomia individual e coletiva das mulheres.

A autonomia é um conceito chave para a pedagogia feminista, pois compreende a aprendizagem da autonomia com autonomia numa dimensão filosófica-social bem como política-metodológica. É também, uma pedagogia que

Inventa formas de conocimiento, como han sido los grupos de autoconciencia. Estas y otras innovaciones acompañan los énfasis sobre la concepción de las sujetas educativas y sobre su educación que he senälado. (OCHOA, 2008, p. 195)

Portanto, a pedagogia feminista tem afirmação e identidade própria, visando transformação social e culturalmente equitativa e libertária, em que o fortalecimento das mulheres é a base de todo e qualquer trabalho.

O contato com a pedagogia feminista possibilitou ampliar conceitos, olhares e percepções a respeito dos limites das práticas pedagógicas. Inclusive em relação à educação popular, pois ela é uma referência metodológica e teórica muito importante, mas que precisa ser transformada pela educação popular feminista. Por mais que no cerne as preocupações sejam as mesmas e essa relação muito fértil ainda assim, há demandas e objetivos distintos, em relação aos feminismos, pois há diversas formas e correntes feministas, e aí está toda a riqueza do pensamento feminista, nesta diversidade e pluralidade.

Neste aspecto, elaborar uma reflexão que levasse em conta pensar como a mulher do campo se relaciona com e nos espaços-territórios que ocupa, foi essencialmente significativo para refletir como elas se reconhecem e se tornam mulheres, se percebem artesãs. Assim como quais artifícios que ela(s) usam para potencializar seus saberes, seja em oficinas de artesanato ou em espaços individuais e/ou coletivos em que atuam. Percebendo assim os seus saberes e conhecimentos, levando em conta suas relações consigo mesmas, com as outras e outros. Prospectando com elas, como estas mulheres, leem o mundo, escrevem e se possível reescrevem o mundo para que possam transformá-lo e (re)significá-lo. Os dramas, as questões do dia a dia, suas formas de intervenção no mundo, inclusive as relações de poder, gênero, trabalho, sexualidade, luta pela terra e por condições dignas de vida e trabalho atravessam suas vidas. Ou seja, este escrever e reescrever o mundo não implica necessariamente no uso das palavras, por isso do “Artesanato de Si,” como uma proposta de reinvenção do poder, na busca por libertação, provoca uma leitura crítica que também implica num processo de conscientização. Segundo Gadotti, Freire e Guimarães (1985, p.115),

[...] a conscientização não é propriamente o ponto de partida do engajamento. A conscientização é mais um produto do engajamento. Eu não me conscientizo para lutar. Lutando me conscientizo [...] pois é lutando que se constituem níveis mais claros de consciência de classe por exemplo. [...] É na experiência de serem exploradas e na prática de arregimentar-se para superar a situação concreta de opressão que as classes populares se conscientizam. [...] A conscientização é a tomada de consciência que se aprofunda. Esse aprofundamento é gerado na práxis e a reflexão sobre a

própria luta que iniciou o processo de conscientização o intensifica. É um ciclo dinâmico.

O processo de tomada de consciência da realidade é muito importante, pois se constitui de forma progressiva, levando em conta o contexto da vida prática delas. No entanto, esta prática conscientizadora só será significativa se abarcar as relações de gênero. Para isso, é necessário levar em conta que analisar gênero pelo foco das desigualdades sociais e da luta de classes é relacionar a luta da mulher com a luta da classe trabalhadora e dos movimentos sociais, pois, segundo Cisne (2015, p.104), “a verdadeira emancipação das mulheres só pode ser alcançada com a ruptura com o modo de produção capitalista” e, para isso, perceber o nível de consciência dessas mulheres também é de suma importância.

Partindo dessa ideia que permeia o universo do trabalho, da educação (humanista libertadora) comprometida com o feminismo e o marxismo, é importante ressaltar que o modelo educativo proposto por Marx, inspirado na Paideia e na Bildung¹², levanta a questão da necessidade de uma formação omnilateral e nos leva a considerar três pontos significativos e interessantes para pensar a formação dos sujeitos.

O primeiro ponto refere-se à questão da *educação intelectual*, que é o estudo enquanto conhecimento sistematizado e elaborado com cientificidade, no qual a escola possibilita o acesso. O segundo ponto diz respeito à *educação corporal*, que considera o cultivo do corpo, a ginástica e os exercícios militares para isso. E o terceiro aspecto trata da *educação tecnológica*, a qual abrange os princípios gerais e científicos sobre o processo de produção, iniciando a introdução aos processos elementares da indústria. Para Marx, o trabalho produtivo pago, combinado com a educação intelectual, exercícios culturais e a formação politécnica, resultariam na formação completa – omnilateral.

Para tanto, o trabalho é prioritário, ele tem valor útil e social, onde a formação omnilateral tem como horizonte a emancipação humana. O que fica claramente evidenciado é que, para Marx, política e educação não se separam. Paulo Freire

¹² As questões teóricas sobre Marx foram retiradas do Seminário Avançado “Modelos de Formação Humana: Paideia, Bildung e Formação Omnilateral” ministrado pelos professores Dr. Avelino Oliveira e Dr.^a Neiva Oliveira e teve como produto final da pesquisadora o texto “Educação e trabalho artesanal: pensando a emancipação a partir de contributos Marxistas e Freirianos”, em 2014 (no prelo).

(1999), em relação ao marxismo, comunga de alguns princípios antropológicos, dentre eles: a existência de uma natureza humana em geral; o ser humano é historicamente condicionado pelas relações com os outros e com a natureza; e, tais relações condicionam o indivíduo e promovem a sua transformação dialética. Marx entende o homem como um ser social historicamente condicionado pelas relações com a natureza e com os outros homens e pelo trabalho produtivo. E Freire (1987) também compreende o homem neste prisma, trabalhando com a categoria classe oprimida.

Para Freire (1983b), técnicas profissionais neutras não existem, o sujeito alienado não percebe isso, as vê de forma superficial e isso também pode ocorrer na educação, ou seja, sem consciência do seu próprio existir, da sua realidade. Assim, a educação é um meio de conscientização e com ela as massas descobrem um canal para com o novo “*status*”, sendo eles sujeitos de sua ação. E a medida que os sujeitos tornam-se conscientes de sua situação no mundo, tornam-se cidadãos capazes de intervirem na sociedade. Assim, a formação dos sujeitos, tanto educadoras, quanto educandas se dá de forma permanente, ou seja, a escola, o trabalho, a sociedade, o grupo e a igreja educam, o mundo educa; mas, também reproduz a opressão, seja ela social, econômica, de gênero, entre outras.

O ato de pensar, refletir e (re)significar nossas relações e processos é o que nos torna humanos. Condição essencial para quem ousa fomentar práticas de ensino que não atendam a lógica do sistema que fragmenta e silencia as lutas, as pautas e as necessidades das minorias. A ideia é justamente problematizar junto, para que este grupo de mulheres, encharcado de suas histórias, conhecimentos e vivências, digam a sua palavra e autorizem-se detentoras de um saber que também é poder, poder capaz de mudar, alterar e transformar suas relações.

Logo, muitos dos estudos feministas estão cada vez mais preocupados com as relações de poder, demonstrando as formas de silenciamento, submissão e opressão que as mulheres vêm sofrendo e ainda sofrem ao longo da história. A vida de muitas mulheres trabalhadoras continua sendo em condições precárias. As relações de subordinação, exploração e discriminação permanecem ainda muito latentes em nossa sociedade, pois

São as mulheres trabalhadoras, de baixa renda, as mais atingidas por este modelo econômico e cultural da sociedade pois elas são exploradas, oprimidas e discriminadas pelo sexo e pela classe, vivendo no limite da sobrevivência com relação às suas necessidades básicas, inclusive de alimentação. As mulheres pobres, em geral, priorizam a alimentação do marido e dos(as) filhos(as), só permitindo-se à alimentação quando sobra algo, sempre com acesso menor e em pior qualidade que os homens. Por isso, essas mulheres sofrem mais com a subnutrição do que os homens pertencentes à mesma classe (CISNE, 2015, p.93).

Por isso a necessidade de acreditar e lutar por uma nova “ordem societária”, sabendo que estamos ainda muito distantes de atingir a igualdade social. Desse modo, pensar numa intervenção feminista é perceber a importância de ações voltadas para a luta das mulheres, atrelada a luta por outra nova sociedade.

Portanto, a militância, assim como a pesquisa, são indispensáveis em qualquer segmento. Só a luta muda a vida, defendem alguns grupos. E este constante processo de transformação e articulação para além dos espaços que ocupamos, é o que nos motiva a lutar e resistir, a compartilhar e projetar o futuro. Num processo de busca e ousadia, um ato político de militância pela vida e suas multiplicidades de existir, buscando criar possibilidades de transformação imbricados em outro projeto de sociedade, que não o vigente.

De acordo com esse entendimento é de suma importância falar sobre as trocas imediatas de devolução e as trocas que ocorrem neste processo. Para isso, os objetivos específicos foram importantes para fazer os devidos “recortes”, delineando a investigação e também direcionando o trabalho, o que na confecção do artesanato se denominaria de desenho. Entre os desenhos possíveis, neste processo de investigar como o artesanato se constitui uma ferramenta político pedagógica, foi interessante e possível através da observação participante, dos registros diários e de todo o auxílio tecnológico e metodológico disponíveis. Em cada encontro retomávamos o anterior e fazíamos uma análise dos avanços e superações individuais e coletivas do que era proposto.

Enquanto pesquisadora e artesã, outro desenho importante foi problematizar quais discursos estavam e estão nos jogos de poder. Discutindo e abordando temas específicos a cada encontro, criando metodologias e processos educativos de acordo com a pedagogia feminista, contribuindo para o processo de empoderamento das pesquisadas e demais sujeitos envolvidos. Diante disso, outro objetivo foi

atingido, que era o de estimulá-las a “saírem de casa” e participarem de exposições, feiras e mostras de seus trabalhos, inclusive comercializando suas peças e frequentando outros ambientes que proporcionassem troca de saberes, intercâmbios pessoais e culturais. Esse sem dúvida foi um dos objetivos mais importantes, levando-as a refletir sobre o processo de organização e participação pública e política das mulheres nos espaços em que transitam e para além deles. Rompendo com o silenciamento das pautas e lutas femininas, assumindo protagonismos e dando visibilidade à produção de seus produtos, tanto os agrícolas como os resultantes das oficinas de artesanato. Essa partilha se tornou significativa para todo o grupo quando uma participante superou o medo de conduzir uma longa distância por uma rodovia movimentada para levar as demais para participarem de um evento em outra cidade. A participação não estava só na possibilidade de poder comercializar os produtos produzidos pelo grupo, mas também em poder participar de um evento que abordava a temática de gênero e diversidade, como um Grupo de Trabalho específico sobre gênero e a mulher do campo. Além de fortalecer o grupo, a dinâmica toda que culminou nesta participação foi relevante para que juntas pensássemos sobre o evento e seus desdobramentos. Num próximo evento pudemos articular melhor a participação delas nestes espaços.

A teoria feminista, o processo histórico da luta das mulheres e a pedagogia feminista em diálogo com a educação popular permitiram sentir e conhecer melhor estes tecidos (os tecidos são mulheres que lutam, ousam e sonham) a partir das tessituras que as discussões sobre trabalho e gênero possibilitam, problematizando a mulher e o mundo do trabalho. E refletindo, também, sobre a divisão sexual do trabalho, o trabalho específico da mulher do campo, o trabalho artesanal produzido por elas, a produção dos modos de subsistência, o conhecimento específico da mulher camponesa, a relação com a agricultura familiar e orgânica, as sexualidades, para além do cuidado com o corpo, bem como as instituições patriarcais e os modelos de família, de relações, de opressão; entre outros assuntos. Dessa forma, promove-se um espaço que possibilitasse esses momentos de reflexão, análise, resgates, (re)significação do vivido e experienciado, além dos conhecimentos.

Por ser artesã, pesquisadora e educadora feminista, acredito que este estudo é relevante para os estudos feministas, por tratar de um conhecimento, um trabalho milenar realizado por mulheres invisibilizadas pelo patriarcado e pelo sistema

capitalista e por valorizar os processos de produção de conhecimento em que mulheres assumem o protagonismo do trabalho e de suas histórias. Nessa perspectiva, apostei no bordado de Arpillera como uma possibilidade de reinvenção do poder, como contribuinte para o empoderamento e emancipação das classes subalternizadas.

O alinhavo da pesquisa se deu por metodologias de pesquisa que articularam pesquisa participante e a pesquisa formação pelo viés das histórias de vida. Para isso, o artesanato também se constituiu uma potente ferramenta metodológica, utilizando-se dos processos de elaboração e criação do bordado de arpillera. A costura se deu através dos anos que estamparam os movimentos sociais, em destaque o Movimento das Trabalhadoras e Trabalhadores Sem Terra e pelo colorido da Educação Popular. A organização e a estrutura do Assentamento Santa Inácia foram evidenciadas nos recortes pregados pelo grupo de Assentadas Artesãs “Guerreiras da Arte”, na elaboração deste escrito.

Realizar uma pesquisa que se aproxima dos movimentos sociais, no caso do Movimento das Trabalhadoras e Trabalhadores Rurais Sem Terra, é também assumir o comprometimento com aquelas que não tiveram voz e vez na luta pela terra, com aquelas que morreram ou perderam as suas e seus embaixo da lona preta, nos campos de enfrentamento, nas manifestações, com aquelas que não só perderam a voz, mas que foram impedidas de seguir lutando pela terra e pela dignidade humana. Que cedo tiveram de parar os estudos para trabalhar, para trabalhar, para cuidar da casa, dos irmãos, que cedo casaram, e desde muito cedo foram chamadas para os postos de batalha pelo direito de existir e (r)existir. Essa também é a luta de muitas mulheres, mas no caso dessas mulheres atribui-se uma relação mais profunda com a terra. Sendo assim, realizar este estudo também é numa opção epistemológica e um posicionamento frente ao mundo.

Para tanto, os contributos de Sennett, Bartra, Freire, Brandão, Caldart, Paludo, Safiotti, Cisne, Gohn, Lagarde, Hirata, Ochoa, Perrot, Engels, Josso, Eggert, Silva, entre outras e outros utilizados neste estudo, foram essenciais para que esta pesquisa pudesse acontecer, articulando conhecimento empírico e conhecimento sistematizado, contribuindo para minha práxis educativa e de existência. Acredito que este é um dos compromissos da Educação Popular e meu enquanto educadora:

elaborar projetos pedagógicos contra hegemônicos como forma de propor espaços favoráveis a educação libertadora e emancipatória dos sujeitos, não de forma ingênua, mas com consciência crítica e comprometimento revolucionário, (re)construindo ciência. Esta reflexão epistemológica feminista ressalta que,

La construcción de la pedagogía feminista apoyada en una reflexión epistemológica feminista puede proponer una forma de construir, organizar y comunicar los conocimientos de dicha pedagogía sin lógicas excluyentes y sesgos implícitos al tener clara la función social de todo conocimiento, los pilares y lógicas de las teorías o disciplinas que podrán relacionarse con la pedagogía feminista (OCHOA, 2008, p. 210).

Assim, o artesanato como uma ferramenta política, no processo de tomada de consciência de si, como sujeito histórico no real sentido político da educação em que a construção da pedagogia feminista está apoiada. Esta pesquisa constatou que artesanato foi o grande “facilitador” deste processo. Não só como possibilidade de dizer a palavra das mulheres através dos diários feministas e dos bordados de arpillera, mas por percebê-lo pedagógico no sentido pleno da palavra, além de um elemento símbolo da resistência, da ousadia, de existir no e com o mundo.

Partindo dessas ideias, o debate sobre gênero, trabalho e arte popular, o artesanato e as características específicas são debatidas. Porém, desta produção sobre artesanato pouco é teorizado.

Segundo Bartra e Eggert (2016, p.158), “apesar de mais de 40 anos de feminismo, a reflexão e a teorização ainda não alcançou a vida de mulheres empobrecidas”, ou seja, a reflexão feminista levando em conta este assunto ainda é incipiente. Nesse sentido, esta pesquisa reconhece a importância do processo pedagógico de artesanato, resgatando com essas mulheres seus saberes considerados milenares. Articulando pedagogia feminista e educação popular de acordo com a perspectiva do feminismo socialista/marxista, que se difere dos demais, consideramos que

la desigualdad entre mujeres y hombres es el resultado de la división sexual del trabajo y del rol de las mujeres en los procesos de acumulación de capital. Reconocen la compleja interacción de la opresión de género, raza, etnia y clase social, aunque esta última se prioriza sobre las otras. [...] (OCHOA, 2008, p.66).

A ideia do “artesanato de si” está embasada nos contributos da pedagogia feminista pela perspectiva do feminismo socialista/marxista e propõe reconhecer o

artesanato como uma potente ferramenta pedagógica pelo viés da educação. Esta perspectiva compreende que artesanato pode ser um processo educativo de leitura e intervenção no e com o mundo, num processo político pedagógico transformador na vida de mulheres artesãs, assumindo-se como um projeto contra hegemônico de educação. No caso específico do bordado de Arpillera, pensar a trajetória vivida e os processos de luta e resistência narrados pelos tecidos, linhas e agulhas sobre a juta, institui o artesanato como uma potente ferramenta educativa.

Ao ressignificar conceitos que servem para transformar o pensamento próprio, o pensamento pedagógico e o social, como é a intenção desta pesquisa que coerente com seu compromisso ético visa ouvir e mediar para que a voz subalternizada tenha vez de forma autônoma. Ao romper com o silenciamento, nomeando e descrevendo a realidade, criando referências de liberdade e valorização da vida humana isso pode ser possível. Por isso de pensar pedagógica e didaticamente sobre práticas e projetos educativos para além do discurso. Assim, os bordados, os escritos e os diários revelam mulheres que o mundo desconhece e invisibiliza. Não as reconhece e tampouco o passado delas, pois essas mulheres “empobrecidas” estão à margem da sociedade, são subalternizadas.

Portanto, narrar a luta pela Reforma Agrária, pelo direito de arar, adubar, semear, plantar, cuidar e colher da terra a vida é transcrita nas Arpilleras bordadas. Por elas sentimos as lutas, as cores e as paisagens, as lembranças, os projetos e as realizações.

As memórias recriam-se em cada tecido escolhido, em cada ponto bordado, em cada tom de linha escolhido, assim como os recortes de tecidos sobrepostos na juta deixam de ser tecidos e subjetividades e vão tornando-se história, ganham concretude. Muitos dos retalhos utilizados são roupas que já não servem mais, são ajustes, são recortes, são lembranças e ao escolherem os tecidos e as tessituras dos panos, ao confeccionarem o cenário e os elementos da peça, é possível dimensionar pelo olhar emocionado de cada participante que estas (auto)biografias transformam-se em arte popular, em artesanato de si.

A simetria do bordado ou as combinações de cores e tecidos já não é o mais importante para aquelas que desenvolveram a obsessão pela perfeição, mas o que

é dito ou velado, o que salta aos olhos, é mais do que a cor ou o recorte, é a particularidade do universo de cada mulher que vai ganhando vida, movimento. O que é revelado ganha força e as mulheres dão voz aos panos, com a agulha assumem o protagonismo de suas histórias de vida e vão alinhavando outras histórias, costurando suas lutas, suas histórias, dias sofridos, dias amargos, dias vazios, dias cheios, seus dias. A vida vivida e contada, a experiência embaixo da lona preta, das frentes de trabalho, a lembrança dos barracos construídos embaixo das árvores com pedaços de madeira, de taquara, as roupas lavadas na beira do rio, as crianças brincando na sanga, no arroio, as carpidas, os enfrentamentos, os medos, a solidão, a saudade... Tudo isso está registrado no bordado, mas também está registrada a denúncia da opressão vivida, do trabalho de mulher invisibilizado, do quanto o capitalismo nos desumaniza.

O meu movimento enquanto educadora-pesquisadora-artesã é o de reconhecer e defender essa proposta, como um ato político pedagógico feminista, pois, enquanto mulher, me assumo educadora feminista, numa relação ética e educativa que não é neutra e que se propõe também a ser objeto de conhecimento e de transformação. Este modo contínuo e permanente de construção e fortalecimento dessas discussões para além da militância, que também é acadêmica, é acima de tudo uma militância pela vida.

Iniciei essa dissertação escrevendo sobre a construção da educadora-pesquisadora-artesã e apresentei a proposta investigativa de perceber como se dá o processo de empoderamento das mulheres através das oficinas de artesanato, refletindo com elas como as mesmas elaboram o “artesanato de si”: partindo das contribuições da pedagogia feminista e da educação popular, para a (re)significação de saberes e conhecimentos, na construção de um processo político pedagógico de artesanato.

Quando iniciei a pesquisa não dimensionava o impacto de tal estudo para o meu processo pedagógico e o delas, sabia que o que me movia era a certeza do meu inacabamento na busca pelo meu ser mais (FREIRE, 1987). E, além disso, tentar contribuir para a humanização dos sujeitos, anunciando e denunciando a opressão vivida pelas mulheres do campo, entre elas as assentadas do MST, no

processo de luta pela terra e pela reforma agrária até os dias atuais, compreendendo que as dificuldades não cessam quando recebem o lote.

Perceber como se dá o processo de empoderamento das mulheres através das oficinas de artesanato, refletindo com elas como elas elaboram o “artesanato de si”. A (re)significação de saberes e conhecimentos, no processo de Artesanar parte das contribuições da pedagogia feminista e da educação popular, que consistem em tornar esta atividade num processo político pedagógico. Ao trazer os contributos da pedagogia feminista ampliamos a discussão sobre teorias, metodologias e sobre o desenvolvimento de novas praticas de investigação e sistematização do conhecimento que possam colaborar com praticas educativas politicamente comprometidas com a sociedade. O que de certa forma, supera os métodos tradicionais e positivistas de fazer ciência, se isenta de neutralidade e assume um compromisso ético e moral com aquelas e aqueles que são subalternizados pelo sistema. É importante enfatizar que

La pedagogia feminista es un conjunto de discursos, una práctica política, y es también una manera específica de educar. Su especificidad consiste en echar una nueva mirada a propuestas político-pedagógicas emancipadoras y desde una postura ética, filosófica y política denunciar su parcialidad y su androcentrismo, posicionándose críticamente ante el poder y la dominación masculinos, y promoviendo la libertad y el fortalecimiento de las mujeres, para construir de manera colectiva una sociedad más libre y democrática. (OCHOA, 2008, p. 243)

Assim, além de uma investigação, esta pesquisa faz uma provocação no sentido de propor novas produções que expliquem o processo educativo por uma ótica feminista sobre as relações de trabalho e poder. Para as mulheres ter um trabalho significa muito mais do que ter um salário, um ofício, significa participar da vida, produzir cultura, transformar situações e relações. Além do que uma atividade ocupacional tem profundas relações com o equilíbrio emocional, psicológico e pessoal das mulheres.

Vivemos em uma sociedade forjada pelo capital e pelo patriarcado que insiste em silenciar as mulheres por gerações e gerações, aprisionando-as em modelos estéticos, culturais, sexuais e sociais. E contar-se pelo bordado, denunciar os preconceitos, as opressões vividas e a luta pela terra é uma possibilidade de ter voz e vez. É possível observar que em contrapartida as atividades profissionais da mulher no espaço publico, o seu papel na família e a sua força de trabalho são

postas como mercadoria. O que constitui para a mulher uma sobrecarga relevante a ser levada em conta, no caso das assentadas as atividades vão sendo acumuladas.

Segundo Saffioti (2013) a emancipação feminina é complexa, pois não se apresenta somente numa dimensão econômica, pois a condição de mulher é determinada por vários atravessamentos e o impacto dos mesmos. A dimensão econômica é um deles, mas além dele, há o aspecto religioso, o político, entre outros. O trabalho se torna um beneficiado da objetivação do ser humano e a divisão social do trabalho nos leva a pensar na divisão técnica do trabalho. Para Saffioti (2013, p. 497) “a divisão manufatureira do trabalho (divisão técnica do trabalho) constitui uma criação ‘peculiar e específica do regime capitalista de produção’” qual para a mulher tem uma significação específica e para o homem outra. O trabalho da dona de casa por exemplo, é visto como improdutivo e o do homem no espaço público visto como produtivo, porém o trabalho dela é indiretamente produtivo porque é necessário para realização do trabalho do homem, isso tanto no contexto urbano como no contexto da vida no campo. Em virtude disso o trabalho doméstico da mulher, da artesã é marginalizado e subalternizado, pois estas atividades são reguladas pela sociedade a fim de preservar o status quo. A sociedade capitalista transforma a mulher em “um trabalhador especial” o que de certa forma é um problema social que afeta homens e mulheres.

Portanto transformar essas relações implica num processo de mudança sociocultural. Nesse sentido, desejo que esta pesquisa possa ter contribuído para a área da educação, favorecendo este aprendizado de todas e todos que estão imbricados em construir outro futuro, num outro projeto societário.

Reconheço que pelo viés dos bordados da vida esta dissertação é mais uma peça que cerzida com o tempo, a criatividade e a inquietude, são caras e intensas. É uma peça entrelaçada com vários elementos que dão cor e vida a esta obra. Cada olhar pode ser plural e/ou singular, porque é a sensibilidade deste momento e tempo histórico vivido e experienciado que também visualiza a peça. E, não tem a pretensão de dar conta de responder a todas as perguntas que surgiram ao coser cada ponto neste constante exercício de entre as meadas escolher o fio e a linha que costuraram as reflexões e provocações. Esse exercício de coser, costurar e

remendar nos acompanha a milênios e fazem parte também das minhas memórias de menina.

Enquanto vou juntando os panos, escolhendo os tecidos, vou com minhas linhas e agulhas espetando e alinhavando outras perguntas, outros silêncios, talvez o silêncio mais gritante seja este, de pensar nas mulheres que trabalham com a terra, nas que se bordam, se contam também pela relação com a terra e sigo conversando com meus silêncios, conversas que resultam em outras peças e outros artesanatos. A proposta de pesquisa e coleta de dados produziu uma diversidade de material que foi recolhido durante as oficinas e encontros. Compostos pelos diários individuais, pelos registros fotográficos, pelas entrevistas gravadas, pelos vídeos realizados em diversos momentos e pelo próprio bordado de Arpillera, todo esse material poderá servir para análises e discussões posteriores.

No entanto esta peça também está sujeita a ser inspiração para tantas outras e que no desejo de bordar outras histórias não nos falem linhas, agulhas e tecidos. Neste sentido, as perspectivas futuras em relação a investigação realizada nesta dissertação, indica dar continuidade aos estudos. Há uma demanda de dados muito rica e potente de estudos e desdobramentos posteriores. Além disso, uma das propostas que surge a partir desta pesquisa é a ideia de definir o conceito de “artesanar” ainda em construção neste processo. Para que o conceito possa contribuir significativamente para e com a pedagogia e teoria feminista o mesmo necessita de um aprofundamento teórico-metodológico, sob o ponto de vista da epistemologia feminista.

Por nós, por todas nós mulheres, sigamos!

*Triste louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal*

*A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina*

*Só mesmo rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar*

*Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar*

*Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define*

*Ela desatinou
Desatou nós
Vai viver só*

*Eu não me vejo na palavra
Fêmea: Alvo de caça
Conformada vítima*

*Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar*

*E um homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar*

*Ela desatinou
Desatou nós
Vai viver só*

Triste, louca ou má.
Francisco, El Hombre.



Figura 27 – As arpilleras das assentadas
Fonte: acervo da pesquisa, Março de 2017.

Referências

ARPILLERAS - bordando a resistência. **Projeto de Filme/Documentário**. [sem data de publicação]. Disponível em: <<http://arpilleras.wix.com/ofilme#!sobre/c10fk>> Acesso em: 15 jan. 2016.

BARTRA, Eli. **Mujeres, Feminismo y arte popular**. México: Obra abierta Ediciones, 2015.

_____ ; EGGERT, Edla. Estudos feministas, arte popular e educação popular – aproximações e aprendizagens. In: CASTRO, Amanda Motta; MACHADO, Rita de Cássia Fraga. (Org.). **Estudos feministas, mulheres e educação popular**. Curitiba: CRV, 2016. p.157-168.

BECKER, Marcia Regina. **A gestão dos processos no artesanato por meio da formação de mulheres artesãs**. 2014. 149f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo/RS, 2014. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2156773>. Acesso em: 13 nov. 2016.

BETTO, Frei. Elogio da Conscientização. **Agenda Latino-americana**, 2006. Disponível em: <http://www.servicioskoinonia.org/agenda/archivo/portugues/obra.php?ncodigo=107> Acesso em: 20 fev. 2016.

BRANDÃO, Carlos. **A questão política da educação popular**. 7ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos**: a experiência da partilha através da pesquisa na educação. São Paulo: Cortez, 2003.

_____ ; BORGES, Maristela Correa. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Revista Educação Popular**, Uberlândia, v.6, p.51-62, jan./dez. 2007.

BRASIL. **Base Conceitual do Artesanato Brasileiro**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, 2012. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/7335-Base-conceitual-do-artesanato-brasileiro.html>>. Acesso em: 03 set. 2016.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 3ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CASTRO, Amanda Motta. **Fios, tramas, cores, repassos e inventabilidade: a formação de tecelãs em Resende Costa, MG**. 2015. 230f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo/RS, 2015. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2417838>. Acesso em: 13 nov. 2016.

CHALITA, Gabriel. **Mulheres que mudaram o mundo**. São Paulo: Companhia Nacional, 2007.

CINELLI, Catiane; RIBEIRO, Marlene. Educação popular e mulheres camponesas. In: CASTRO, Amanda Motta; MACHADO, Rita de Cássia Fraga. (Orgs.) **Estudos feministas, mulheres e educação popular**. Curitiba: CRV, 2016. p. 201-214.

CISNE, Mirla. **Gênero, divisão sexual do trabalho e serviço social**. 2ª ed. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

CORRÊA, Eliane Godinho. O fuxico das artesãs como uma escrita artesanal de (re)significação, subjetivação e resistência. Projeto de pesquisa em andamento - previsão 2016 (Especialização em Educação) - IFSul, Pelotas, [sem data de publicação].

DEVREUX, Anne-Marie. Família. In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; DOARÉ, Hélène de. [et al.] (orgs.). **Dicionário Crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009. p.96-101.

EGGERT, Edla. (Org.). **Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

ENGELS, Frederich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Lafonte, 2012

FGTAS – Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social. **Manual do artesanato**. Porto Alegre: FGTAS, 2010. Disponível em: <<http://www.fgtas.rs.gov.br/programa-gaucha-do-artesanato>>. Acesso em: 15 out. 2016.

FRANCO, Paki Venegas. CERVERA, Julia Pérez. **Manual para o uso não sexista da linguagem**: O que bem se diz... bem se entende. UNIFEM – Fondo de Desarrollo de las Naciones Unidas para ala Mujer (Rede de Educação Popular entre Mulheres da América Latina), 2006.

FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa. In. BRANDÃO, Carlos R. (Org.). **Pesquisa Participante**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983a. p. 34-41.

_____. **Educação e mudança**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983b.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 27ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

_____. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 27ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. (Org.). **De Angicos a Ausentes**: 40 anos de educação popular. Porto Alegre: MOVA-RS; CORAG, 2001a.

_____. **Que fazer**: Teoria e Prática em Educação Popular. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2001b.

FUNDAÇÃO MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA. Arpilleras, Bordando a Resistência: exposição, filmes, oficinas, seminários. **Espaço Público de Cultura**, 03/09/2015. Disponível em: <<http://www.memorial.org.br/2015/09/mostra-arpilleras-bordando-a-resistencia-abre-dia-25/>> Acesso em: 20 jan. 2016.

GADOTTI, Moacir. FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Pedagogia**: diálogo e conflito. São Paulo: Cortez, 1985.

GALEANO, Eduardo. **Mulheres**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

GAMBA, Susana Beatriz. **Dicionário de estudos de gênero y feminismos**. Buenos Aires: 2009. Disponível em: <<http://feminismoesororidade.wordpress.com/2013/08/25/definindo-sororidade/>>. Acesso em: 15 set. 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOHN, Maria da Glória. Sem-Terra e Sem-Teto no Brasil. **Contexto & Educação**, Revista de Educación em América Latina y el Caribe, Universidade de Ijuí, ano IX, n.38, p.58-74, abr./jun. 1995.

HIRATA, Helena. KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v.37, n.132, p.595-609, set./dez. 2007

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KÖRBES, Lenita Maria. Educação ambiental e o processo de alfabetização de mulheres adultas: uma experiência ecoformativa na Amazônia mato-grossense. 2014. 183f. **Tese (Doutorado em Educação)** – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo/RS, 2014. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1552266>. Acesso em: 13 nov. 2016.

LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. **Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas**. Mexico: UNAM, 2005a.

_____. **Para mis socias de la vida: Claves feministas para el poderío y la autonomía de las mujeres**. Madrid: JC Producción Gráfica, 2005b.

_____. Sororidad. In: CASTRO, Amanda Motta; MACHADO, Rita de Cássia Fraga. (Orgs.). **Estudos feministas, mulheres e educação popular**. Curitiba: CRV, 2016. p.25-33.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LÜDKE, Menga. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 1986.

MEMORIAL. Arpilleras, Bordando a Resistência: exposição, filmes, oficinas, seminários. Memorial, 03/09/2015. Disponível em: <<http://www.memorial.org.br/2015/09/mostra-arpilleras-bordando-a-resistencia-abre-dia-25/>> Acesso em: 16 mar. 2017.

MÉSZÁROS, István. **Para Além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.

MINAYO, Maria Cecília (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 19ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. O artesanato de si: uma leitura do devir matriarcal a partir de Rachel de Queiroz. 2008. 216f. **Tese (Doutorado em Letras e Linguística)** – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11414/1/Tese%20Jailma%20Moreira.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS. Arpilleras: bordando a resistência. Catarse, [sem data de publicação]. Disponível em: <<https://www.catarase.me/arpilleras>> Acesso em: 10 jan. 2017.

MST – Movimento dos Sem Terra. Nossos símbolos. **MST**, 2014. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/nossos-simbolos/>> Acesso em: 15 ago. 2016.

_____. Cooperativa do MST se torna mantenedora de sementes agroecológicas. **MST**, 08/08/2016. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/2016/08/08/cooperativa-do-mst-se-torna-mantenedora-de-sementes-agroecologicas.html>> Acesso em: 21 out. 2016.

MÜHL, Eldon Henrique. ESQUINSANI, Valdocir. Diálogo: ressignificação da prática pedagógica no cotidiano escolar. In: _____. **O diálogo ressignificando o cotidiano escolar**. Passo Fundo: UPF, 2004. p. 07-14.

NEGRETTO, Carla; SILVA, Márcia Alves da. OFICINAS DE ARTESANATO COM MULHERES ASSENTADAS DO MST. In: Congresso de Extensão e Cultura, 2, UFPel. 2014. **Anais...** Pelotas: UFPel, 2014. Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/files/2015/11/Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>> Acesso em: 20 jan. 2016.

OCHOA, Luz Maceira. **El sueño y la práctica de sí**. Pedagogía feminista: una

propuesta. 1ª ed. México: Centro de Estudios Sociológicos, Programa Interdisciplinario de Estudios de la Mujer, 2008.

PAGEL, Thais Guma. O artesanato como processo político do trabalho: reconstruindo os caminhos da atividade criadora pelo viés da educação ambiental transformadora. 2014. 200f. **Tese (Doutorado em Educação Ambiental)** – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2016. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=169717>. Acesso em: 13 nov. 2016.

PALUDO, Conceição. Homenagem das mulheres camponesas a companheira Loiva e tantas outras que já foram e que aqui estão – Quem luta não morre jamais. In: _____ . (Org.). **Mulheres resistência e luta em defesa da vida**. São Leopoldo: CEBI, 2009. p. 5-6.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Da observação participante à pesquisa-ação em comunicação: pressupostos epistemológicos e metodológicos. In: Colóquio Brasil-Itália de Ciências da Comunicação – INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 3, Belo Horizonte, 2 e 3/09/2003. **Anais**. Belo Horizonte: INTERCOM, 2003.

PINHEIRO MACHADO; MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. **PRA - Plano de Recuperação do Assentamento Santa Inácia**. Pinheiro Machado: COPTec – Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos Ltda, 2010. Disponível em: http://www.coptec.org.br/mapa/Pinheiro%20Machado/Pinheiro%20Machado/PA%20Santa%20In%20cia/PRA_PA_SANTA_IN%20CIA.doc> Acesso em: 20 jan. 2016.

PROJETO DE EXTENSÃO. **TRABALHO ARTESANAL COM MULHERES DO MOVIMENTO DE TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST)**. Coordenadora Márcia Alves da Silva. Universidade Federal de Pelotas, Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, 2014.

SAFFIOTI, Heleith. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

_____. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 3ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SENNETT, Richard. **O artífice**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SILVA, Emanuelle Kelly Ribeiro. Novas faces do trabalho artesanal: as interseções de saberes entre designers de moda e artesãos no interior do Ceará. 2015. 217f. **Tese (Doutorado em Educação)** – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2356154. Acesso em: 13 nov. 2016.

SILVA, Márcia Alves da. (Org.). **Gênero, sexualidade, educação e conhecimento**. Pelotas: Editora da Universidade Federal de Pelotas, 2011.

_____. **Trabalho de mulher?!**: alinhavando, bordando e costurando trajetórias de artesãs. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2012.

SOUZA, Eliseu Clementino. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**. Natal, v.25, n.11, p.22-39, jan./abr. 2006.

STRECK, Danilo. Uma pedagogia do movimento: os movimentos sociais na obra de Paulo Freire. **Revista Educação Pública**, Cuiabá, v.18, n.36, p.165-177, jan./abr. 2009.

TOLEDO, Cecília. **Gênero e Classe**. São Paulo: Sundermann, 2017.

Anexos

ANEXO 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO****TERMO DE CONSENTIMENTO
LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu _____

autorizo a divulgação de registros iconográficos (filmagens e fotos) e/ou narrativas (orais e verbais) – somente por meio do uso das iniciais do meu nome e/ou uso de nome fictício – nos relatórios decorrentes da coleta de dados relativos à pesquisa a ser realizada por Eliane Godinho durante a elaboração da Dissertação de Mestrado a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação da Profa. Dra. Márcia Alves da Silva.

Autorizo, também, o uso das informações em situações que se fizerem necessárias, tais como: eventos científicos, artigos científicos, trabalhos acadêmicos, palestras, publicações científicas, eventos culturais, bem como expor e divulgar o produto artesanal resultante da pesquisa.

Assinatura: _____

Pelotas, ____/____/_____.

ANEXO 2 – Carta e bordado da Chita

Chita, 2016.

Fazer este bordado sinto que me realizei. Realizei um sonho desde criança e agora eu me sinto muito feliz e também sobre o ter o que mostrar e para as pessoas que me perguntam sobre o que é um bordado e também sobre o que é ter um pedaço de terra para trabalhar e ter de tudo para a alimentação. Por isso eu resolvi fazer um bordado mostrando um pouco da minha vida e de minha família, que realizamos um sonho, o de ter um pedaço de terra para nós produzir de tudo um pouco, de ter horta, um pomar para tirar as frutas e também ter uma casa para minha família e para meus filhos terem um pouco de alegria e amor. Antes de ser assentada eu vivia

com meus pais, a vida não era fácil, me tornei uma jovem que sonhava ter uma família. Aos 17 anos eu resolvi me casar, pensando que a vida era muito boa, mas não. Nós tínhamos que trabalhar para o patrão e trabalhar mais para nós podermos ter as coisas e para nos alimentar. Por isso nós resolvemos ter um pedaço de terra para nós trabalharmos e ter as coisas. Daí que passou foi em nossa cabeça de ir até um acampamento para saber como deveríamos fazer para poder adquirir um pedaço de terra e foi certo, assim conseguimos ter a nossa terra. Por isso resolvi bordar e contar um pouco do nosso lote, para que as pessoas possam acreditar que tudo pode dar certo, tem que lutar e acreditar. Eu me orgulho de ter uma casa, de ter um pedaço de terra, de ter um pouco de tudo e de sermos parte de um assentamento maravilhoso como o nosso. Soube criar uma criança dentro de um assentamento, sabendo sobre todas as coisas, porque também podemos aprender. Estamos realizados em tudo, sobretudo com o artesanato, sobre o que é ter terra para nós sobreviver e termos um pouco de alegria e muita amizade, muitos companheiros e companheiras, por isso nós estamos sempre fortes para tudo o que vier, nós estaremos esperando de braços erguidos, fortes e unidos para vencermos nessa luta pela terra, hoje e sempre. (CHITA, 2016)

ANEXO 3 – Carta e bordado da Seda

Seda, 2016.

Sinto que bordei a minha vida nesta tela, porque é muito importante para mim ter um lugar onde eu possa ter animais, a minha casa, o meu lote, a minha horta, ter o meu lar. Antes do assentamento aqui só tinha quase fazendeiros, mas com o passar do tempo isso foi mudando e claro que ainda tem. E também tem gente que ainda fala mal de nós, mas são pessoas que não entendem nossa luta. Pois foi com a nossa chegada no município que a cidade começou a melhorar e a evoluir. O lugar onde temos a nossa casa era chão de mato, não tinha banheiro, mas quando a nossa casa veio ela tinha banheiro, quanta coisa veio quebrada, quando mudança chegou, tudo estava estragado. Quando cheguei aqui em 1997 me deu um desespero, era tudo mato, chorei muito debaixo da lona preta, levamos um ano para ganhar a nossa casa. Começamos a lidar na terra e plantar. Hoje temos de tudo! Lutamos com a

horta, com o leite, plantamos com a Bionatur, temos arvoredo, galinheiro... Me casei muito jovem, aos 17 anos, desde menina trabalhava na lavoura, depois de um ano casada nasceu a filha mais velha, ganhei de parto normal e onze anos depois a outra nasceu, foi um parto muito difícil, sofri muito. Quando viemos, minha filha mais nova chorava muito para voltar, fez de tudo para reprovar na escola. Hoje minhas filhas estão na faculdade, uma delas é casada, eu precisei sair da escola para ajudar a minha mãe em casa, sei que estudo é tudo. Um cunhado nos aconselhou a participar do movimento, então meu marido participou um ano do acampamento, naquela época a mais velha já frequentava a escola, por isso ele veio sozinho e eu fiquei trabalhando na lavoura lá em Seberi. Quando conquistamos o lote, eu vim com as filhas, passamos muito trabalho, deixamos os familiares lá e eles seguem lá. Vivo aqui há 19 anos e aqui criamos as filhas. Fazer este bordado foi muito importante, eu não sabia bordar e este foi o meu primeiro bordado e nele registrei minha história, minha família, meu lote, minha horta, minha casa. Quando olho para o que fiz fico feliz em ver minha família unida e por saber que agora tenho tudo. (SEDA, 2016).

ANEXO 4 – Carta e bordado da Flanela

Flanela, 2016.

Fazer esse bordado significou cada pedacinho de tecido uma passagem de minha vida, a família e quanto eu sei cada detalhe deles, nunca pensei que tinha em minha memória cada detalhe. Meu pedaço de terra está aqui neste quadro em tecido, minha casa, a horta, o bordado neste momento significa a minha história e a de minha família. As cores significam cada parte de um trajeto conquistado, antes eu não tinha onde morar e hoje tenho o verde das árvores, as montanhas, cada degrau que eu subi e cada dificuldade enfrentada e que a mais simples que seja, eu venci. Por mais que me chamem de assentada eu não me importo, que sofro preconceitos, eu sei o quanto me custou cada momento. Essa vitória eu ganhei, ter o prazer de ter

algo que seja meu, onde eu posso plantar para minha sobrevivência e ter o que comer daqui me deixa orgulhosa. Esse trabalho artesanal me fez ver e me enxergar, nunca parei para olhar o que eu tinha ao meu redor. A riqueza das águas e dessa mata verde e dessa terra fértil que muito produz. Fiquei muito feliz com esse conhecimento que construí. Antes de eu ser assentada, eu morava na chácara da minha sogra, morava de favor, não tinha meu cantinho, plantava, lavorava nas terras do meu sogro e sempre sonhamos em ter nosso canto. Uma vez um amigo chegou e falou para meu esposo que ia sair um acampamento aqui perto. Ele resolveu ir e todas as pessoas nos criticavam, que eram um bando de vagabundos os que estavam lá e que lá só tinha gente que não prestava. Meu esposo não deu ouvidos e foi abraçar essa luta de conquistar nossa terra junto no acampamento do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST em Candiota, era o ano de 2001. Eu tive que ficar, pois tinha o meu filho pequeno e trabalhava de Agente Comunitária de Saúde já nos assentamentos da região, fiquei feliz e aborrecida porque fiquei só por longos meses, mas a vitória foi conquistada, conseguimos nossa terra, no assentamento que eu já trabalhava. Chegamos no lote e não tinha nada, fizemos um barraco de madeira e ali lutamos e plantamos para comer e o que sobrava vendia e hoje estamos com uma casa que teve recursos (do INCRA), galpão, açudes e mangueiras, todo dinheiro que veio foi aplicado ali, tanto em benfeitorias, como na plantação. Hoje temos nossas vaquinhas de leite e corte, porcos para consumo, não compramos carne, tudo que podemos produzir nós produzimos e temos quintal. Já se passou 16 anos, nosso filho cresceu e já está estudando Técnico Agropecuária porque gosta de trabalhar no campo e pretende vir ajudar a produzir e trazer o conhecimento que adquirir para nossa terra. Conseguimos nossa vitória, hoje já sou professora na escola próxima ao assentamento e também trabalho na assistência técnica aos assentamentos, amo fazer tudo que faço, meu esposo também ama tudo o que tem e conquistou. Essa conquista foi através de um movimento social, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, que nos deu apoio e das pessoas ligadas ao movimento. Tenho muitas amigas e amigos e afilhados aqui. (FLANELA, 2016).

ANEXO 5 – Carta e bordado da Lonita

Lonita, 2016.

Este bordado significou a nossa história de vida. Foi muito importante contar a minha história de vida e trabalho em grupo. Conseguimos levar nossa história de luta adiante, resgatando a nossa origem, contando sobre a nossa alimentação, nosso trabalho e o cuidado dos filhos. Nossa luta pela terra foi muito importante, mudou a minha vida ficar acampada nove meses, assim conseguimos conquistar nossa terra, minha casa, plantando, participando da organização do assentamento com meu marido e meus três filhos. Meus pais também me ajudaram a ficar no acampamento e meu sogro e meus cunhados também nos apoiaram muito, hoje eles todos são assentados em Livramento – RS e meu pai vive em Constantina – RS, lugar onde

cresci. No meu bordado, bordei a minha história, minha luta pela terra. Do tempo vivido na lona preta e da vida no acampamento em Santo Antônio das Missões – perto de Carazinho – RS. Fiz parte da frente de trabalho em Vacaria, na colheita da maçã, era cozinheira e cozinhava para dezoito pessoas, nesse tempo fomos sorteados para o assentamento. Nossa chegada foi muito difícil, viemos de ônibus com as crianças, trazendo só as bolsas e as crianças. Ficamos um ano embaixo do barraco de lona preta, construímos nosso barraco buscando as varas (galhos) nos matos, das tarimbadas de taquara, fizemos os móveis, enquanto isso aguardava a vinda dos recursos do INCRA. Começamos a plantar fazendo terra a boi e a enxada, com foice, roçando. Na época tinha uma filha de quatro anos e um menino de três, eles cresceram no assentamento, enfrentamos muitas dificuldades. Hoje cada um já tem sua família, o meu filho também tem um lote no assentamento e ela mora em outro município. Com o tempo tivemos outro filho, ele tem oito anos, temos três netos que vem nos visitar e é sempre muito bom. Bordar o meu lote e contar um pouco da minha história é importante para registrar como é bom ter a minha propriedade junto com a minha família e dela poder retirar os frutos para nosso sustento e alimentação. Passando coisas boas para outras pessoas. No meu lote cuido da horta, planto milho, feijão, campereio, faço todo tipo de serviço. Também faço parte da Feira da Reforma Agrária em Pinheiro Machado, a cada quinze dias comercializo meus produtos, levando verduras, doces, hortaliças livres de veneno e meus artesanatos. Participo do grupo da Bionatur, plantando e cultivando sementes orgânicas. Graças a minha fé estou aqui e agradeço a Deus a oportunidade de superar as dificuldades e poder contar a minha história a outras mulheres para que não deixem de sonhar e lutar pelo que acreditam. (LONITA, 2016).

ANEXO 6 – Carta e bordado da Sarja

Sarja, 2016.

Para mim esse bordado significa a minha experiência de vida contada, foi muito importante, pois mexeu com a vida de cada uma de nós, a família, o lote, a horta, a natureza e a nossa casa ali. Foi muito lindo o trabalho, demorado, mas muito legal. O mais lindo neste trabalho foi a nossa família unida, coisa que é muito rara na vida real. Gostei muito deste trabalho bordado, aqui neste trabalho está o P. S., eu, o L. – filho mais velho, o C. e a T., os gêmeos. Bom, em maio de 1998 eu, o P. S. e o L. fomos para o acampamento em Viamão, ficamos acampados onze meses nesse acampamento. Em outubro de 1998 vim a Pinheiro Machado, para as eleições, para votar para governador. Passei todo o inverno no acampamento, várias crianças adoeceram e morreram e eu me apavorei, pensei que eu ia perder o meu filho

Leonardo. Me desesperei e vim para a cidade com ele, ele era muito doente e tinha muita falta de higiene lá. Tudo melhorou quando nós fomos chamados para o assentamento, isso foi em fevereiro de 1999. Ganhamos o lote, ficamos no barraco um ano e meio até ganharmos a casa, depois disso nasceram o C. e a T. em 2000. Ganhei o L. de cesariana, que sofrimento, pois era o primeiro filho e eu não sabia nada. Eu não queria mais filhos, fiquei traumatizada, mas fiquei grávida de novo e tive a benção de nascer o C. e a T., fazem dezoito anos que moramos no assentamento Santa Inácia. Os filhos estão todos estudando, a T. está no 2° e o L. está no 3° do Ensino Médio, o C. está esperando para ir para o CAVG em Pelotas. Fico feliz por eles, pois estão todos se preparando para um futuro melhor. Para mim, o bordado significou a história da minha vida, a minha casa, minha família, minha horta... hoje eu sou artesã, feirante e agricultora, tenho 44 anos, nasci em Canguçu e moro aqui a dezoito anos. (SARJA, 2016).

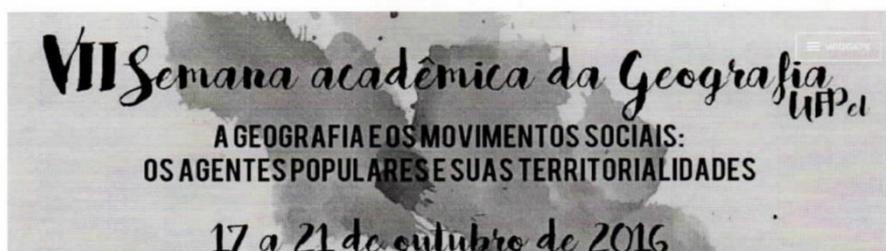
ANEXO 7 – Carta e bordado da Organza

Organza, 2016.

Saber que hoje a minha família tem terra, casa, que posso dizer que é meu e fazendo este bordado eu pude perceber como meu lote é bonito, quanta coisa importante que parando para pensar eu vejo ou como ficou bonito bordando cada coisa, ficou mais bonito. Esse bordado é como uma foto da minha terra que vai ficar para sempre, hoje meus filhos, depois os meus netos. Antes de eu ter o meu lote eu trabalhei muito, tinha meu primeiro filho pequeno, deixava ele na casa da vizinha para mim poder trabalhar e ajudar meu marido. Eu sempre pensava que um dia eu ia ter meu pedaço de terra para poder criar minhas vaquinhas, minhas galinhas, ter minha horta e ter meus filhos o dia todo junto comigo me ajudando e poder plantar tudo aquilo que eu plantava para as outras pessoas, nas terras dos outros. Hoje eu

planto para mim, no meu lote e tenho as minhas vacas de leite, vendo leite, planto verduras, vendo para o sustento da minha família. Sei que tudo o que eu produzi no meu lote é meu, não preciso mais repartir com alguém, como era antes de nós ter lote, trabalhando nas terras dos outros. Tudo o que faço hoje é com muito entusiasmo porque é muito bom fazer aquilo que a gente gosta. (ORGANZA, 2016).

ANEXO 8 -Carta de avaliação da Comissão organizadora da VII Semana Acadêmica da Geografia – UFPel



Pelotas, novembro de 2016.

PERCEPÇÕES A RESPEITO DA PARTICIPAÇÃO DO GRUPO DE MULHERES ASSENTADAS “GUERREIRAS DA ARTE” NA VII SEMANA ACADÊMICA DA GEOGRAFIA UFPel

Quando pensamos em desenvolver a Semana Acadêmica do Curso de Geografia, desde o princípio, tínhamos em mente que queríamos, parafraseando Che Guevara (1959) uma universidade pintada de povo. Sabemos que o meio acadêmico ainda é muito restrito e a maioria do conteúdo produzido é voltado apenas para os acadêmicos, esquecendo-se, muitas vezes, de incluir a comunidade e de trazer todas e todos para dentro dela. A escolha do nosso tema “A Geografia e os Movimentos Sociais: Os Agentes Populares e Suas Territorialidades” nos incentivou a desenvolver oficinas com pessoas que atuassem de forma contribuinte para nossa sociedade, que pudessem ter voz nesse meio, que trouxessem sua luta e que fizessem uma soma de aprendizados para ambas as partes.

Assim que tivemos conhecimento do trabalho das mulheres assentadas em Pinheiro Machado, procuramos fazer contato. Sabíamos que era um Projeto de Extensão desenvolvido por professoras da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, dentre as pautas abordadas pelo projeto: as questões de Gênero e Trabalho, em especial a questão do empoderamento feminino através do artesanato. Logo pensamos que essa poderia ser uma oportunidade de unir dois movimentos que seriam pauta do evento e assim conhecer e divulgar o desenvolvimento deste trabalho realizado com essas mulheres. Não ousamos hesitar que esse poderia ser um grande aprendizado e que poderíamos proporcionar um momento lindo de troca cultural, pois até então, era isso que sabíamos das “Guerreiras da Arte”.

Organizamos e planejamos a participação delas no evento, tudo aconteceu da melhor maneira possível, na verdade, foi muito mais do que poderíamos esperar. Ver aquelas mulheres, dentro de uma universidade, tendo sua própria autonomia, passando seus

conhecimentos manuais e campesinos, afirmando sua luta e por mais que muitas delas não tivessem o embasamento teórico sobre a vertente Feminista elas propagavam esse discurso de empoderamento e respeito com a natureza, com garra, força e coragem através da confecção de seus artesanatos. É quase que indescritível, poder perceber aqueles olhos cheios de vida, cheios de expectativas, cheios de vontade querendo mostrar suas habilidades, querendo partilhar sua realidade, revelando a luta e o conhecimento da mulher do campo. Além das suas relações no e com o mundo, com a outra e com o outro, numa relação de mão dupla. Ver também todos aqueles estudantes com o coração tão abertos a participarem de uma vivência diferente, tão cheios de expectativas. Gratificante, apenas. Para os e as estudantes da Geografia foi um momento de realização, de troca sincera e puramente soma. Uma experiência que ainda se fala pelos corredores, entre os amigos, entre os professores e que ainda pulsa dentro de muita gente.

Sem mais, aproveitamos para agradecer a participação de todas as envolvidas no evento. Por compartilharem conosco seus saberes, pela realização da "Oficina: Árvores da Fortuna - nossas sementes, nossa riqueza." pela exposição e comercialização de seus produtos, tanto os artesanatos, bem como as verduras, legumes e hortaliças, mudas de chás e temperos e pelos ricos momentos compartilhados.

Atenciosamente,



Paloma Cremonini
Representante da Comissão Organizadora
da VII Semana Acadêmica da Geografia